



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

VALÉRIA FERNANDA SOUSA SALES

LÁGRIMAS E CACHAÇA:  
A ESPETACULARIDADE DO CORTEJO FUNEBRE DO FRETE  
EM SÃO JOÃO DO ABADE, CURUÇÁ-PA



BELÉM DO PARÁ  
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

VALÉRIA FERNANDA SOUSA SALES

**LÁGRIMAS E CACHAÇA:  
A ESPETACULARIDADE DO CORTEJO FÚNEBRE DO FRETE  
EM SÃO JOÃO DO ABADE, CURUÇÁ-PA.**

BELÉM DO PARÁ

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

VALÉRIA FERNANDA SOUSA SALES

**LÁGRIMAS E CACHAÇA:  
A ESPETACULARIDADE DO CORTEJO FÚNEBRE DO FRETE  
EM SÃO JOÃO DO ABADE, CURUÇÁ-PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Giselle Guilhon Antunes Camargo e coorientação do Professor Dr. Miguel de Santa Brígida Júnior.

BELÉM DO PARÁ

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CPI),  
Biblioteca do ICA/ PPGARTES, Belém – PA.

---

Sales, Valéria Fernanda Sousa, 1979 -.

Lágrimas e cachaça: a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá-PA / Valéria Fernanda Sousa Sales, 2014.

Orientador: Professora. Dr<sup>a</sup>. Giselle Guilhon; Coorientador: Prof. Dr. Miguel de Santa Brígida Júnior.  
117f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-graduação em Artes, Belém, 2014.

1. Etnologia- Curuçá/PA 2. Encenações Passionais 3. Cortejo Fúnebre – Curuçá-PA I. São João do Abade, Curuçá-PA II. Título.

CDD. 23. Ed. 305.80098115

---



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ.**

Aos três (03) dias do mês de Junho do ano de dois mil e quatorze (2014), as quinze (15) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Curso de Mestrado em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência da orientadora professora doutora Giselle Guilhon Antunes Camargo ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de **Valéria Fernanda Sousa Sales**, intitulada **Lágrimas e Cachaça: a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá, PA** perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores Giselle Guilhon Antunes Camargo, Lia Braga Vieira e Miguel de Santa Brígida Júnior da Universidade Federal do Pará e Jorge Graça Veloso da Universidade de Brasília. Dando início aos trabalhos, a professora doutora Giselle Antunes Camargo Guilhon passou a palavra à mestranda que apresentou a Dissertação com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito Excelente, com exigência de ajustes pontuais e recomendação de publicação de parte ou capítulo da referida Dissertação. Esta aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Giselle Guilhon, agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão, a presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-Pa, 03 de Junho de 2014.

Profa. Dra. **Giselle Guilhon Antunes Camargo**

*Giselle Antunes Camargo*

Profa. Dra. **Lia Braga Vieira**

*Lia Braga Vieira*

Prof. Dr. **Miguel de Santa Brígida Júnior**

*Miguel de Santa Brígida Júnior*

Prof. Dr. **Jorge Graça Veloso**

*Jorge Graça Veloso*

**Valéria Fernanda Sousa Sales**

*Valéria Fernanda Sousa Sales*

A pesquisa que resultou nesta dissertação foi financiada com bolsa de estudos concedida através do Programa de Fomento à Pós-Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

À pesquisadora, Valéria Fernanda Sousa Sales, foi concedida Licença para Aprimoramento Profissional, através da Gestão e Coordenação de Valorização do Servidor (GCVS) da Secretaria de Estado de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA).

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação às pessoas que passaram por minha vida como vizinhos, amigos de infância, colegas de escola, graduação, especialização, alunos, professores, amigos do teatro, pais de meus amigos e familiares queridos. Pessoas que já partiram, mas que estão sempre envoltos de muita saudade!

Akson Feitosa	Inácio Gomes	Olavo Santiago
Alcinda Castro	Izabel Cazeiro	Oscar Araújo
Alessandro Lima	Jacirema Borges	Paulo de Tarso Cunha
Alfredo Castro	João Croelhas (Jango)	Raimundo Sales
Ana Protázio	João da Silva Filho	Raimundo Protázio
Ana Sousa	Joaquim Rodrigues	Rodrigo Rodrigues (Igor)
Antonia Amaral	José Lázaro Torres	Ronaldo Setubal
Antonio da Silva (Gordo)	Marcos Loureiro	Rosa Bonfim
Benedito Macedo	Maria Sales	Rosa Elizabeth
Cristiane Gomes	Maria das Graças Rodrigues	Silvia Leão
Dejarina da Luz (Deja)	Maria Gomes (Tia gorda)	Taís Araújo
Dulciclea Maués (Léia)	Maria de Nazaré Heitor	Vera Lúcia Flexa
Elizete dos Santos	Maria do Carmo Lima (Do Carmo)	Waldemar Ferreira (Cem Cem)
Ermina Mendes	Maria Loureiro (Candinha)	Walter Bandeira
Evandro Macedo Júnior	Mário Afonso	Wilmerson Figueiredo (Pithy)
Fábio Sousa	Marivaldo da Silva (Vavá)	Zelinda Sousa
Francisca Sales	Miguel Afonso	
Fortunato Filho	Nonato da Luz (Nato)	

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Fernando e Célia pelo amor, empenho e sacrifícios que fazem para eu ter uma boa educação e ser uma pessoa melhor. Aos meus irmãos Cezar e Amanda por carinhos e conselhos. À minha sobrinha Stephany pelos sorrisos, brincadeiras e brabezas que fazem eu me reconhecer. À minha companheira Anataciara Ferreira que ressignifica a minha vida a cada dia. A todos das famílias Sales e Ferreira pelo apoio, carinho e ombro amigo. Aos amigos Alexandre Rosendo e Keila (Sodrach) Cardoso, que me incentivam e apoiam-me sempre. Às mulheres que junto a mim rezaram pela minha aprovação no Mestrado: Ermita Favacho, Célia Sales e Dona Augusta.

Aos meus diretores Brasilenno Braga, Evanildo Sabino, vice-diretoras Socorro Ruivo, Gleyci Renata, Sidnéia Neves, Socorro Mendes e ao técnico Alcimar dos Santos, pela compreensão e organização para a minha liberação junto à SEDUC-PA. À Secretaria de Estado de Educação do Pará pela concessão da Licença para Aprimoramento Profissional, através da Gestão e Coordenação de Valorização do Servidor (GCVS). À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que através do Programa de Fomento à Pós-Graduação, concedeu-me bolsa de estudos para a realização desta pesquisa.

Ao Chanceler Barão Comendador Paulo Henrique dos Santos Ferreira por dispor de todo o seu acervo e como diretor do Arquivo Público Municipal de Curuçá, direcionar-me aos documentos que versam sobre a história do Município e do povo curuçaense. À Ana Lúcia Farias pela grande contribuição à pesquisa e amizade. Às famílias de Oscar Araújo, Barto Ferreira, Maycon Matos, Roseandra Alves, Salim de Sousa e Wanderson Ferreira (Doutor) por depoimentos, acervo fotográfico e o nascimento de amizades eternas. Em especial a Alci Miranda, Cecília Araújo, Erotíldes Saraiva, Hairle Ferreira, Isaías Monteiro, Isaurina Ferreira, José Wilson Costa, Laura Cordovil, Paulo Sérgio da Rocha e Risalva Alves pela concessão de entrevistas.

A todos aqueles que contribuíram com depoimentos, fotografias, avisando que haveria um Frete, receberam-me em suas casas para que eu acompanhasse a última estada de seu ente querido. À minha orientadora Giselle Guilhon e ao meu coorientador Miguel Santa Brígida pelo direcionamento no caminho do conhecimento. Aos professores Agenor Sarraf, Lia Braga, Orlando Maneschy e Wlad Lima pelos conhecimentos primorosos que recebi. Aos professores Jorge das Graças Veloso e Lia Braga Vieira por aceitarem a participação nas

bancas de qualificação e defesa da minha dissertação, pelas grandes e valiosas contribuições que deram à pesquisa.

À secretária Wânia Contente por sua dedicação aos mestrandos; ao estagiário André, bibliotecário Marcos; coordenação do Mestrado em Artes; vigias Robson e Rogel e à Rúbia pelo café e tapiocas deliciosas. Aos meus colegas do Mestrado pela busca de um aprimoramento nos estudos, amizade e vida renovada. Aos grupos de estudo CÍRCULO DE FOGO (Ana Cláudia Costa, Ana Claudia Moraes, Arianne Pimentel, Bárbara Dias, Jaime Barradas, Joelson Sousa), CIRANDA (Círculo Antropológico da Dança- CNPq), GETNO (Grupo de Estudos de Etnocologia) e GECA (Grupo de Estudos Culturais na Amazônia) pelas reuniões com discussões, leituras e reflexões sobre o fazer científico.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lígia Simonian pela amizade e primorosas conversas sobre pesquisa, Prof<sup>a</sup> Socorro Ruivo (revisão textual), Aline Chaves (embalagem da dissertação), Derick Sanffer (fotografias e design gráfico), José Maria Baldez e Jefferson Miranda (documentos do Arquivo da Câmara Municipal de Curuçá), Adalberto Favacho (conto: O dia em que Pocotó bateu as botas), Paulo Cordeiro (documentos do Arquivo da Sociedade Cinco de Agosto – Vigia de Nazaré-PA), Simone Soares (confecção do mapa da Povoação São João do Abade, festividades religiosas e nomes de pesquisados abadienses), Prefeitura Municipal de Curuçá, Sociedade São Pedro e ao pesquisador Kleber Douglas. Aos meus alunos por compreenderem a minha ausência nas aulas de Língua Portuguesa e por acreditarem que estudar é o caminho para uma vida melhor.

Ao meu Deus amigo, conselheiro e com as Mãos Ensanguentadas de Jesus, serem meus companheiros em momentos difíceis e de felicidade.

Aos Santos, Índios, Caboclos e Espíritos que me acompanharam nesta pesquisa.

VIVA Nossa Senhora de Nazaré, do Perpétuo Socorro, das Graças, VIVA!

No dia que eu partir quero alegria! Sou muito forte, ao mesmo tempo chorão [...] se vocês forem chorando, eu vou chorando também. Eu quero partir feliz!

Oscar Pedro de Araújo  
\*22/03/1938 †22/01/2013

## RESUMO

A presente pesquisa investigou, através da Etnocenologia como Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO, o cortejo fúnebre abadiense do Frete, identificando seus participantes, regras, simbologia e possível origem no Município de Curuçá-PA. Constituiu-se em um estudo qualitativo de cunho etnográfico, no qual a artista-pesquisadora-participante realizou entrevistas não estruturadas, pesquisa bibliográfica e documental, com registros fotográficos e fílmicos antes, durante e após o fenômeno. A investigação aponta a possível semelhança do Frete com o Funeral Barroco registrado em Curuçá no século XIX. À organização do funeral, veem-se características de uma irmandade reconfigurada no século XXI e a inauguração de um papel social, a Dona do Frete, que só existe na povoação São João do Abade. Objetivou-se contribuir para estudos da Etnocenologia compreendendo os elementos que compõem o fenômeno a partir dos seus praticantes, a relação do artista-pesquisador-participante que vive e reflete sobre o objeto investigado, a Espetacularidade e a compreensão do Frete como forma espetacular extracotidiana pertencente à tradição abadiense e à cultura curuçãense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cortejo Fúnebre – Etnocenologia – Espetacularidade.

## **ABSTRACT**

The present research investigated by Etnocenologia as Practice and human behavior – PCHEO, Organized the Spectacular funeral procession freight abadiense, identifying its participants, rules, symbolism and possible origin in the municipality of Curuçá-PA. Consisted in a qualitative study of ethnographically, in which the artist-researcher-participant conducted unstructured interviews, documentary and bibliographical research, with photographic and filmic records before, during and after the phenomenon. Research points to a possible resemblance of ocean freight with the Baroque Funeral registered in Curuçá in the 19th century. The organisation of the funeral, see characteristics of a brotherhood reconfigured in the 21st century and the inauguration of a social role, the owner of freight, which only exists in the Village St. John of the Abbot. Objective contribute to the studies of Etnocenologia comprising the elements that comprise the phenomenon from its practitioners, the relationship of the artist-researcher-participant who lives and reflects on the investigated object, the spectacular nature and understanding of freight as spectacular fashion extracotidiana belonging to the abadiense tradition and culture curuçãense.

**KEYWORDS:** Funeral Procession – Etnocenologia – Spectacularity.

---

## SUMÁRIO

---

<b>1. A MORTE PEDE PASSAGEM .....</b>	<b>13</b>
1.1- TRAJETO.....	13
1.2- PROJETO .....	16
<b>2. SANTA CURUÇÁ RECÊ: PELO SINAL DA SANTA CRUZ</b>	
2.1- OS PRIMEIROS SEPULTAMENTOS EM CURUÇÁ- PA .....	22
2.1.1- Villa Nova d'El Rey: rituais fúnebres de negros, índios, cafuzos e mamelucos.....	24
2.2- IRMANDADES CURUÇAENSES.....	32
2.2.1- União, Caridade e Justiça.....	34
2.3- FUNERÁRIAS CURUÇAENSES: TRABALHANDO PARA O SÓCIO VIVO OU MORTO.....	36
<b>3. CORTEJO, LÁGRIMAS E CACHAÇA</b>	
3.1- A POVOAÇÃO SÃO JOÃO DO ABADE.....	43
3.2- O CORPO DO FRETE, O CORPO NO FRETE, MEU CORPO NO FRETE .....	47
3.3- A DONA DO FRETE.....	54
3.4- A TOALETE DO MORTO.....	58
3.5- FUNERAIS CATÓLICOS EM ABADE.....	62
3.6- O DOUTOR DE PEDRAS GRANDES.....	67
3.6.1- O Frete que veio de barco.....	69
3.7- FRETANDO UMA EVANGÉLICA.....	75
3.7.1- Simbologias evangélicas.....	83
3.8- O MAIOR FRETE QUE VIVI.....	86
<b>4. CONSIDERAÇÕES DE UMA MUDANÇA.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS</b>	
I- PARECER DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURUÇÁ SOBRE O PROJETO DA CONSTRUÇÃO DE UM CEMITÉRIO NA POVOAÇÃO SÃO JOÃO DO ABADE.....	110
II- O DIA EM QUE POCOTÓ BATEU AS BOTAS.....	112

## LISTA GERAL DE FIGURAS

FIGURA 01: Pessoas acompanham o Frete .....	17
FIGURA 02: Monumento em homenagem a Nego Oróia .....	24
FIGURA 03: Estátua de São Benedito Achado .....	25
FIGURA 04: Documento manuscrito do primeiro registro no livro Curuçá Óbitos (1826-1872).....	26
FIGURAS 05 e 06: Igreja de Nossa Senhora do Rosário .....	28
FIGURA 07: Quadro com registros do livro Curuçá Óbitos (1826-1872) .....	28-29
FIGURA 08: Mapa da distribuição da mão de obra na escrava na Amazônia Colonial .....	30
FIGURAS 09 e 10: Cemitério São Bonifácio .....	31
FIGURA 11: Mapa com a localização dos cemitérios de Curuçá-PA .....	32
FIGURAS 12 e 13: Alcí Miranda e a Sociedade Armador Boa Viagem .....	39
FIGURAS 14 e 15: Sociedade e Funerária Modelo e o funcionário José Costa .....	40
FIGURAS 16 e 17: Sociedade Funerária Céu Azul e Isaías Monteiro .....	41
FIGURAS 18 e 19: Barcos nos portos de Abade .....	44-45
FIGURA 20: Mapa da Povoação São João do Abade .....	46
FIGURAS 21, 22, 23 e 24: Divisão de espaços e tarefas no velório .....	49
FIGURAS 25 e 26: No momento da saída do caixão .....	51
FIGURAS 27, 28, 29 e 30: Durante o cortejo, a rua é o palco para alegria, embriaguez e euforia .....	52
FIGURAS 31, 32, 33 e 34: Atravessa-se o portal do cemitério e volta à tristeza .....	53
FIGURAS 35 e 36: A alegria e bebidas ficam fora do cemitério, “no bar” .....	54
FIGURA 37: O final do Frete de Maycon Matos .....	59
FIGURA 38: Desenho dos locais em que se aplicam o formol .....	63
FIGURA 39: Erotildes Saraiva rezando no velório .....	68
FIGURA 40: Isaurina Ferreira e Paulo Sérgio da Rocha, pais do Doutor .....	70
FIGURAS 41, 42, 43, 44, 45 e 46: Homens levam o caixão do Doutor para o barco .....	71-72
FIGURAS 47, 48, 49 e 50: O caixão do Doutor chega ao porto do Abade .....	72-73
FIGURAS 51, 52, 53 e 54: O cortejo fúnebre do Doutor: tristeza, amizade e cachaça .....	74
FIGURA 55: Lembrança da missa de um mês de falecimento de Wanderson Ferreira .....	76
FIGURAS 56 e 57: Local do velório de Roseandra Alves .....	77
FIGURA 58: Doação de alimentos para serem servidos no velório .....	78

FIGURA 59: Nazareno Dias serve peixe assado à uma familiar .....	79
FIGURAS 60 e 61: Homens levam o caixão de Roseandra Alves .....	80
FIGURAS 62 e 63: Imagens externa e interna do local que Roseandra foi sepultada .....	81
FIGURAS 64 e 65: Com muita alegria as mulheres levam o caixão de Roseandra .....	82
FIGURAS 66 e 67: No momento do sepultamento de Roseandra: canção gospel, choro e reflexão .....	83
FIGURA 68: Risalva Alves chora segurando o retrato da neta .....	84
FIGURA 69: Irmã Hairle Maia Galvão .....	86
FIGURAS 70 e 71: A alegria de Oscar Araújo .....	89
FIGURAS 72, 73 e 74 : O povo no cortejo fúnebre de Oscar Araújo .....	94
FIGURAS 76 e 77: O cortejo fúnebre de Oscar Araújo por ruas curuçaenses .....	95
FIGURAS 78, 79, 80 e 81: A chegada espetacular do caixão à Câmara Municipal de Curuçá.....	96
FIGURAS 82 e 83: As mulheres brigam para levar o caixão de Oscar Araújo .....	98
FIGURAS 84, 85, 86 e 87: O sepultamento de Oscar Araújo .....	98-99
FIGURA 88: Folheto da Missa de 7º Dia de falecimento de Oscar Araújo .....	100
FIGURAS 89 e 90: A artista-pesquisadora-participante leva o caixão e fica “no bar”.....	104



---

## 1. A MORTE PEDE PASSAGEM

---

A Morte causa espanto, alívio, dor, anestesia, medo, é um tema provocador, estranho. Por que falar dela? É a única certeza que temos na vida? Ela tem diversas interpretações ao longo da história da humanidade, múltiplas faces em tantas culturas, maneiras de se enfrentar e se relacionar com aquela que quando está visitando um lugar, tira do convívio pares<sup>1</sup>. O fim da vida vem com a grande angústia do desaparecimento social de alguém (CORRÊA, 2008) e a necessidade de se saber como preservar a imagem, o trabalho e as ideias de um indivíduo, pois o seu corpo já sumiu. A família vai se desfazendo a cada visita da senhora funesta, que não perdoa idade, nem classe social. Aparece de forma inesperada na crueza do cotidiano com toda violência e banalidade.

Para o povo indígena, a morte vem com diversos rituais (CORRÊA, 2008) como o dos Ianomamis que após a cremação do morto, as cinzas são misturadas a uma pasta de bananas e comida pela tribo que acredita que o estão enterrando dentro de si. Os índios do Xingu fazem o *Quarup*, ritual fúnebre com danças, lutas e comidas em homenagem a alguém ilustre por sua linhagem ou liderança. Os Tupis enterravam seus mortos em suas próprias casas, para que aquele ente querido permanecesse lá e os Bororos faziam o duplo sepultamento: enterravam e cobriam o morto com folhas de bananeira, dias depois desenterravam, descarnavam, lavavam e enfeitavam os ossos para serem jogados no rio ou em um lago, acreditando que reencarnariam em papagaios para sobrevoarem e habitarem suas aldeias. Para os africanos há rituais para se comemorar a vida ao som de tambores, comidas e bebidas, pois a morte não é reprimida.

Mas porque eu pesquiso o comportamento humano diante da morte?

### 1.1- TRAJETO

Sempre estive em trânsito entre Icoaraci<sup>2</sup> e o Município de Curuçá<sup>3</sup>, o meu pai é icoaraciense e minha mãe curuçense. Estando em Curuçá raramente íamos ao centro, não gostava muito, achava muito calmo, gostava mesmo era do banho de maré na ponte, as frutas

---

<sup>1</sup> Sempre ouvi falar que a morte leva em par, nunca morrem em número ímpar. Quando morria alguém na rua de casa, esperávamos logo outro.

<sup>2</sup> **Icoaraci** é um dos oito distritos em que se divide o município de Belém, capital do estado do Pará, no Brasil. Dista aproximadamente 20 km do Centro da capital estadual. Possui cerca de 280 000 habitantes. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Icoaraci>). Acesso em 09 de jan. de 2014.

<sup>3</sup> Distante cerca de 163 km de Belém-PA.

nos quintais, os primotes<sup>4</sup>, a liberdade da vila de Murajá<sup>5</sup>, lá eram férias; em Icoaraci, a escola, os compromissos. Quando estava em Murajá, nossas rodas de conversa ao luar eram contando histórias de visagens e assombrações; às 22h a luz da vila se apagava e voltávamos correndo para casa, apavorados, era muito bom!

No ensino médio, estudei a Segunda Geração Romântica, *o Mal do Século*, conheci as obras de Álvares de Azevedo, Lord Byron, Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe... Minhas leituras sobre morte se intensificaram resultando no meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em Letras da Universidade Federal do Pará: *O conceito de sofrimento na obra romântica de Álvares de Azevedo* (2002), nele fiz um levantamento sobre a obra de Álvares de Azevedo (1831-1852) e a concepção de sofrimento que o autor inaugura em sua literatura carregada de melancolia, demonstrando o sofrimento do autor com a morte prematura do irmão e o afastamento da família, num cotidiano de íntimo extremado entre a morte, ironia sarcástica e o amor sem limites. Naquela pesquisa são feitas aproximações e afastamentos com os conceitos de sofrimento para Platão (427-?) – onde a alma é separada do corpo, em que o filósofo não teme a morte – e Fredrich Nietzsche (1844-1900) que trata a vida como única e o homem feito de instintos (GOMES; SALES, 2002).

A pesquisa sobre as obras de Álvares de Azevedo se estendeu à comunicação *O herói byroniano em Noite na Taverna*, que foi apresentada dentro do XXIII Encontro Nacional de Estudantes de Letras (ENEL), na Universidade Católica do Salvador (UCSAL), na Bahia em 2002. Discutimos, nesta comunicação, a influência de Lord Byron (1788-1824) na obra *Noite na Taverna* quando as personagens Solfieri, Bertran, Gennaro, Claudius Herman e Johann, contam suas histórias envoltas a paisagens sombrias de um universo onírico em que o herói é sarcástico, satânico e irresistível às mulheres; ora angelicais, ora demoníacas<sup>6</sup>.

No mesmo evento (ENEL- UCSAL-BA, 2002), junto às atrizes Keila Sodrach, Cristiane Pinon e Liliane Garcia, encenamos uma performance baseada nos contos “O fantasma erótico da Soledade”, “A Procissão das Almas”, “Noivado Sobrenatural” e “A Moça do Táxi”, do livro *Visagens e Assombrações de Belém*. Na performance, interpretei<sup>7</sup> a personagem “fantasma erótico” que, a partir das 18h ficava na frente do Cemitério da

<sup>4</sup> Como os amigos são chamados, como se fossem primos por consideração.

<sup>5</sup> Vila curuçaense distante 14 km do centro do município.

<sup>6</sup> GOMES, Maria do Socorro de Araújo; SALES, Valéria Fernanda Sousa. **O herói byroniano em Noite na Taverna**. Comunicação proferida no XXIII ENEL- Encontro Nacional dos Estudantes de Letras. Campus da Federação da UCSAL- Universidade Católica do Salvador. Bahia, 2002.

<sup>7</sup> Sou atriz, concluí o curso de Formação de Ator pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), 2001. Atuei em 10 espetáculos teatrais (Teatro de Rua, de Bonecos e também no palco).

Soledade pedindo ajuda a homens para encontrar os túmulos dos avós dela. Os homens convencidos pela turista entram no cemitério e são atacados sexualmente pela mesma (MONTEIRO, 2007). Interpretei também, o taxista “Tonhão”, que em uma de suas corridas pega uma passageira em frente ao cemitério Santa Isabel para uma volta na cidade. Segundo a passageira, durante o aniversário dela, o pai sempre dava de presente uma corrida de táxi pela cidade de Belém. Ao final do passeio, a moça pede que o taxista a deixe em casa e volte no dia seguinte para receber o valor da corrida, contudo no outro dia, ao cobrar a corrida dos pais da moça, descobre que ela já é falecida.

A minha relação com a morte sempre foi de fascínio com a Literatura, todavia estando fora dela, para mim sempre foi *selvagem* (ARIÈS, 1990), mostrando-se sem controle, sem previsão de chegada. A imaginação habitada pelo medo do corpo morto (a coloração, o cheiro), símbolos, orações e choro desesperado. Não fui a muitos velórios de pessoas conhecidas por medo deste momento de tanta tristeza e despedida, quando os presenciei foram em capelas, casas e depois das orações, o caixão era colocado em carros fúnebres que seguiam para o sepultamento, carregados de tristeza e da cor preta.

Eis que a minha vida muda de direção e vou morar em Curuçá a partir do ano de 2005, após um convite para trabalhar como professora de Língua Portuguesa que passei de prestadora de serviço à contratada e depois concursada da Secretária de Estado de Educação (SEDUC-PA). Caminho difícil, percorrido por diversas localidades para educar crianças, jovens e adultos da 5ª série do Ensino Fundamental, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Ensino Médio. Um período de grande aprendizagem que precisei compreender: o menino que não tinha água encanada e tomava banho no igarapé<sup>8</sup> para ir à escola; os alunos com odor da mandioca depois do processo da farinha<sup>9</sup>; estudantes que ficavam de 15 a 20 dias sem ir à escola por trabalharem em alto mar. Contudo por maiores que fossem as adversidades sempre havia um sorriso largo no rosto e 1 litro de taperebá<sup>10</sup> para a Professora Sales, nossa! Fico com muita saudade dos meus alunos que agora fazem Licenciatura em Letras, Teatro, Educação Física, Biologia, Medicina Veterinária, Ciências da Computação...

---

<sup>8</sup> Um **igarapé** é um curso d'água amazônico de primeira, segunda ou terceira ordem, constituído por um braço longo de rio ou canal. Caracteriza-se pela pouca profundidade e por correr quase no interior da mata. A palavra foi derivada do tupi. Significa, literalmente, "caminho de canoa", através da junção dos termos *ygara* (canoa) e *apé* (caminho). (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Igarap%C3%A9>. Acesso em: 09 jan. 2014).

<sup>9</sup> Processo de retirada, lavagem e moagem da mandioca para fazer a farinha d'água ou de tapioca.

<sup>10</sup> O **Taperebá** ou cajá é o fruto da cajazeira (*Spondias mombin*). É também chamada de ambaló, ambaró, cajá-mirim, cajazinha, tapareba, taperibá ou tapiriba. É originária da América tropical. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tapereb%C3%A1>. Acesso em: 09 jan. 2014).

No ano de 2009 atravessei a ponte da povoação São João do Abade para trabalhar na recém-inaugurada Escola de Ensino Médio Profª Raimunda Sena da Silva<sup>11</sup>. Em 2010 dando aula no turno da tarde um aluno me fez um pedido: – “Professora, posso sair da sala para ver o Frete que vai passar?” e meio sem entender respondi que sim. Um segundo aluno me fez o mesmo pedido, também consenti, depois todos os outros me disseram que iam ver o Frete e me convidaram. Curiosa, fui! Fiquei na frente da escola junto a outras pessoas que esperavam na calçada para ver e acompanhar o Frete, vinha muita gente no meio da rua, logo pensei que era um Círio<sup>12</sup>, que traziam um Santo, já que homens carregavam algo. Quando o cortejo se aproximou pude ver que traziam um caixão e gritaram: - “Parou, parou, mais quatro homens!”, outros vieram carregaram o caixão e o cortejo seguiu, pessoas passavam com flores, outras conversando, rindo... “O quê? Estão bebendo cachaça? Mulheres rindo e bebendo vinho? O que é isso?” E uma aluna me respondeu: – “É o Frete, ‘fessora’!”

FIGURA 01: As pessoas que acompanham o Frete param para fotografar em um momento de felicidade em levar uma amiga para o seu último momento, sua última passagem por aquele lugar. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia da autora, 2012.

<sup>11</sup> Faço parte do quadro dos primeiros funcionários da Escola Estadual de Ensino Médio Profª Raimunda Sena da Silva.

<sup>12</sup> O termo mencionado refere-se à procissão em devoção a um santo, dentro dos que já participei como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré (Belém do Pará), Nossa Senhora das Graças (Icoaraci), Nossa Senhora do Rosário (Curuçá) e São Benedito (Colares), pois o “termo “Círio” tem origem na palavra latina “Cereus”, que significa vela grande. No Brasil, no início era uma romaria vespertina, e até mesmo noturna, daí o uso de velas.” (Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrio\\_de\\_Nazar%C3%A9](http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrio_de_Nazar%C3%A9). Acesso em: 09 jan. 2014).

Na rua, homens e mulheres felizes levam o morto para o cemitério no centro de Curuçá, comportamento que aguçou minha curiosidade sobre esse fenômeno e querer conhecer quem o organiza. Mas de que forma conhecer o fenômeno se eu temia me aproximar do morto? Como conversar com as pessoas naquele momento tão particular de suas vidas? Explicar que eu estava pesquisando o Frete, pedir para fotografar e filmar o funeral? Precisei vencer os meus medos, conhecer a povoação onde eu trabalhava, sendo impossível esquecer o meu papel de professora, pois sempre se dirigiram a mim pela minha profissão, na escola falava com os filhos, no Frete com os pais e os avós.

## 1.2- PROJETO

O comportamento do abadiense em velórios com bebidas, comidas, jogos de baralho e dominó, cortejo fúnebre em que homens e mulheres vão bebendo, gritando, brincando, seus corpos alterados na rua durante o percurso em que levam o caixão por 5 km até o cemitério São Bonifácio. Comportamento que causa divergência de opiniões envolvendo religiões, crenças, tradições, preconceitos, simbologias e conceitos sobre morte. Problemática imbricada na cultura que envolve a sociedade em sua forma cotidiana, extracotidiana, espetacular; problemática que está situada na Linha de pesquisa *Interfaces em Arte, Cultura e Sociedade* do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar, através da Etnocologia como Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO, o Comportamento Espetacular do abadiense no Frete, identificando seus participantes, regras, simbologia e possível origem no Município de Curuçá-PA. Os diálogos tramados na escritura são com Armindo Bião (Teatralidade, Espetacularidade), Miguel Santa Brígida (o trinômio: artista-pesquisador-participante), Jean-Marie Pradier (Espetacular), Victor Turner (Liminaridade e Communitas), Arnold Van Gennep (Rito de Passagem: Separação, Margem, Agregação), Philippe Ariès (Morte Domada, Morte Selvagem), Jean-Pierre Bayard (Ritos mortuários), João José Reis (Cemiterada), Anneo Sêneca (A brevidade da vida), José de Anchieta Corrêa (Morte), Salomão Jorge (A estética da morte), Michael Pollak (Memória), Célia Maia Borges (Irmandades do Rosário), Karl Heiz Arenz (As Missões Jesuíticas na Amazônia) e Paulo Henrique dos Santos Ferreira (História de Curuçá).

Busquei pesquisas que me ajudassem a refletir sobre o meu objeto, a temática sobre o comportamento do homem diante da morte e Espetacularidade. Li trabalhos como:

- *Vida e morte na Bahia colonial: sociabilidades festivas e rituais fúnebres (1640-1760)*, tese de Humberto José Fonsêca que analisa as representações da vida e da morte na Bahia colonial, as ambiguidades e contradições da sociedade baiana dos séculos XVII e XVIII, tendo como pano de fundo o ideal de vida nobre das elites, as grandes festas promovidas pela igreja, pelo Estado e pelas confrarias. Procura entender como se lançaram sobre a América portuguesa os rituais fúnebres barrocos, cercados de todo esplendor e pompa (FONSÊCA, 2006);
- *A Boa Morte e o Bem Morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a 1822)*. Dissertação de Sabrina Mara Sant’Anna, que aborda a concepção imortalista cristã, a crença e o culto católico ao “Trânsito” da mãe de Jesus, a concepção da boa morte expressa na literatura piedosa dos séculos XVII e XVIII, o papel instrutivo-formador das representações advindas da *Ars Moriendi* e a vivência do “bem morrer” na Capitania das Minas (SANT’ANNA, 2006);
- *O culto dos mortos como uma poética da ausência*. O artigo de Fernando Catroga aponta que na Cultura Ocidental, existe uma velha tradição que aconselha o escamoteamento da morte como problema. Versa sobre a passagem do tempo através da necrópole e memória (CATROGA, 2010);
- *A comercialização da morte: ritos fúnebres em São Luiz do Maranhão (1725-1750)*. Artigo de Reinaldo dos Santos Barroso Júnior e Tatiane da Silva Sales, que versa sobre o estudo dos ritos fúnebres em São Luís do Maranhão na 1ª metade do século XVIII. Mortalhas e sepulturas nas igrejas, missas e capelas são símbolos vitais e comerciáveis, artigos necessários para a segurança da passagem da morte para o cristão católico<sup>13</sup>.
- *Até o túmulo: representação dos ritos fúnebres em sociedades modernas*. O artigo de Jeanne Almeida Dias, Rafaela Caroline Noronha Almeida e Rita de Cássia de Souza Oliveira, aborda questões a respeito dos sepultamentos no interior das igrejas e as representações sobre ritos fúnebres (DIAS, 2013);
- *Rituais fúnebres nas Misericórdias portuguesas de setecentos*. O artigo de Maria Marta Lobo de Araújo aborda que a criação da Misericórdia portuguesa em 1498 abriu caminho à disseminação destas confrarias não apenas na metrópole, mas também no

---

<sup>13</sup> Conf. JÚNIOR, Reinaldo dos Santos Barros. SALES, Tatiana da Silva. **A comercialização da morte: Ritos fúnebres em São Luís do Maranhão (1725-1750)**. Praxis- Revista eletrônica de história e cultura (ISSN 1807-3174).

- Império. As Santas Casas conferiam grande significado à prática de enterrar os mortos e à oração pelos vivos e defuntos (ARAÚJO, 2007);
- *Escravos e senhores nas irmandades religiosas na Amazônia do século XIX*. O presente artigo de Aldrin Moura de Figueiredo discorre sobre a Festa do Divino, devoções e confrarias, festas da morte (no cotidiano das confrarias), irmandades e sociabilidades, a festa das cores (confrarias de brancos, pretos e pardos, além de índios e tapuios em suas associações numerosas), todos imersos no universo amazônico (FIGUEIREDO, 2001);
  - *Cultura funerária na cidade de Vigia no final dos Oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)*. Monografia de Antonio Igo Palheta Soeiro que busca compreender o imaginário da morte e dos mortos no município de Vigia do século XIX, com suas transformações e permanências processadas principalmente na metade desse século. Na pesquisa, verifica-se a existência da Irmandade Sam Benedito de Curuçá em 1880 (cuja cidade ainda pertencia à Vigia), onde há a prestação de contas a respeito de sepultamentos no cemitério de Curuçá. (SOEIRO, 2008);
  - *Os Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso: uma abordagem etnocológica do Festival Folclórico de Parintins*. Artigo de Ricardo Barreto Biriba (desenvolvido a partir da tese *Parintins Cidade Ritual: boi-bumbá, performance e espetacularidade*), discute a transculturação, a performance e o ritual para pensar a cena espetacular do Festival Folclórico de Parintins. (BIRIBA, 2007);
  - *O mestre morreu. Viva o novo mestre*. O Artigo de Jorge das Graças Veloso faz uma reflexão acerca da tendência ao desaparecimento de algumas práticas tradicionais, o que se daria principalmente pela dificuldade de renovação de seus participantes com o envelhecimento e morte dos mais antigos. Contudo, verifica-se exatamente o movimento contrário a esses temores, tratando-se, sobretudo, esta renovação pelo sentido mais amplo de religiosidade de “estar juntos” e de características marcantes como o de espetacularidade no sentido de consciência clara e objetiva da presença do olhar do outro, para apreciar a alteridade. (VELOSO, 2010);
  - *Os Portais, o Baú, o Cavalo e o Farol: A Espetacularidade na Festa de São Cosme e Damião no Terreiro de Mina Dois Irmãos*. A dissertação de Keila Andréa Cardoso dos Santos faz uma análise da Festa de São Cosme e São Damião no Terreiro de Mina Dois Irmãos, pesquisando a Espetacularidade na festa e no comportamento de alguns

*erês*. Apresenta descrições e reflexões sobre os diversos momentos da festa, suas personagens, ações e interação. (SANTOS, 2012).

A investigação se define como qualitativa de cunho etnográfico, participando do funeral, observando os elementos que compõem o velório, cortejo e sepultamento, todos registrados através de fotografias, filmagens e gravações de voz no momento e após o fenômeno. Realizei entrevistas não estruturadas com participantes do Frete, religiosos católicos e evangélicos, donos e funcionários de funerárias, parentes dos falecidos, cujos funerais etnografei, além de pesquisas bibliográfica e documental. Situo-me nesta investigação como artista-pesquisadora-participante e crio com o meu objeto uma relação acadêmica por continuar a caminhar pela temática do comportamento do homem diante da morte que trilho desde a graduação; e pessoal pela pesquisa se situar na povoação São João do Abade, meu local de trabalho e o Município de Curuçá com laços familiares e entre histórias de visagens.

A dissertação está estruturada em duas seções: **1. SANTA CURUÇÁ RECÊ: PELO SINAL DA SANTA CRUZ** – levantamento histórico sobre o Município de Curuçá para investigar a possível origem do comportamento abadiense diante da morte, buscando verificar em bibliografias e documentos como os funerais aconteciam, estruturavam-se, onde os sepultamentos eram realizados, que rituais eram feitos e como as tecnologias funerárias mudaram o comportamento diante da morte. **2. CORTEJO, LÁGRIMAS E CACHAÇA:** o Frete em sua estrutura, nomenclatura, divisão e organização através do olhar do participante; o Comportamento Espetacular do abadiense no cortejo fúnebre; a artista-pesquisadora-participante no fenômeno; as simbologias religiosas para o morto chegar ao seu destino através de rituais e crenças; as etnografias de Fretes: o que veio de barco, o de uma evangélica e o maior que vivi.

A pesquisa sobre o comportamento do abadiense no Frete pretende contribuir com os estudos da Etnocenologia sobre as Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados- PCHEO, os elementos que compõem o fenômeno a partir dos seus praticantes, a relação do artista-pesquisador-participante que vive e reflete sobre o objeto investigado, a Espetacularidade e a compreensão do Frete como forma espetacular extracotidiana, pertencente à tradição abadiense e à cultura curuçense.

# 2. SANTA CURUÇÁ RECÊ: PELO SINAL DA SANTA CRUZ.



---

## 2.1- OS PRIMEIROS SEPULTAMENTOS EM CURUÇÁ-PA

---

Começamos nossa caminhada pelo Município de Curuçá, que está localizado a uma distância aproximada de 130 km de Belém<sup>14</sup>. Olhando para sua história, encontramos a definição de que seu nome viria da palavra *Cruz* e que também significaria *lugar onde há seixos ou cascalhos* (FERREIRA, 2005); em palavras indígenas, *Santa curuçá Recê*: Pelo sinal da Santa Cruz. Município do nordeste paraense, Curuçá foi fundado por padres jesuítas – os “soldados de Cristo” da Companhia de Jesus, fundada na Espanha por Inácio de Loyola (ARENZ, 2012) – que chegaram nesse território pela povoação São João do Abade (5 km do centro da cidade de Curuçá) e seguiram para o local que hoje é a sede do município.

A Amazônia recebeu uma tropa portuguesa que fundou a cidade de Belém em 1616; a tropa que trouxe a bordo dois padres jesuítas desceu os rios com indígenas para educá-los em povoados conhecidos como missões (ARENZ, 2012). É neste universo jesuítico que Curuçá tem sua origem e, no ano de 1757 foi elevado ao foro de Villa Nova d’El Rey (FERREIRA, 2002). Em seu universo político teve seu primeiro Intendente<sup>15</sup> Municipal em 1890, o Coronel Horácio Barbosa de Lima; e no ano de 1895, Curuçá passa à Cidade com ato do governador Dr. Lauro Benjamim Sodré.

É um município rico em sua beleza natural, sendo banhado pelo mar, invadido por igarapés, furos e lagos. Possui praias, ilhas, ruínas de uma salina (construída por jesuítas em 1700), praças, bosques e um dos mais importantes terminais pesqueiros do Estado do Pará, na povoação São João do Abade, que exporta o pescado para a Europa e Estados Unidos. O município está dentro da Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá<sup>16</sup>, envolto pelo polêmico projeto de construção do Porto do Espadarte<sup>17</sup> e possui uma população estimada de 36.557 habitantes, de acordo com pesquisas do IBGE<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://br.distanciacidades.com/distancia-de-curuca-a-belem-para>. Acesso em 12 dez. 2012.

<sup>15</sup> Intendente era a denominação dada ao homem que exercia o cargo de presidente do Conselho de Intendência Municipal, mas nas mãos do intendente ficava o Poder Executivo do Município e o mandato era de triênio [...] (FERREIRA, 2002, p. 134)

<sup>16</sup> É uma unidade de conservação federal do Brasil, criada por Decreto Presidencial em 13 de dezembro de 2002, numa área de 37.062 hectares no estado do Pará. Disponível em: [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org). Acesso em 04 out. 2013.

<sup>17</sup> Porto que irá fazer o transporte de minério de ferro do Carajás para o mundo todo.

<sup>18</sup> População de Curuçá, de acordo com dados do IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150290>. Acesso em 20 de abril de 2014.

FIGURA 02: Monumento em homenagem a Zeferino Braga Leal (Nego Oróia). Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia da autora, 2014.

Dentro de sua raiz cultural, o município apresenta a forte presença da música, como o Carimbó e um de seus maiores expositores é Nego Oróia (Róia)<sup>19</sup>, representante da cultura negra de Curuçá, sendo homenageado com um monumento (figura 02) no bairro onde nasceu: ele aparece tocando carimbó no seu conjunto Bico de Arara. No carnaval, o município tem como característica os blocos de rua; seu mais famoso é *Os Pretinhos do Mangue*<sup>20</sup> e possui eventos como: Festival do Folclore, festivais do caranguejo, do camarão, da ostra e festividades religiosas: Círio de Nossa Senhora do Rosário (3º domingo de setembro) e Festividade de São Benedito Achado (3º domingo de dezembro).

<sup>19</sup> Compositor popular, precursor e divulgar (sic) do carimbó a partir de Curuçá, donde era natural, nascido em 1896, falecido em 1976. Com sua mulher, Raimunda Monteiro de Lima Leal, dona Morena, a partir de 1945 tornou-se conhecido na comunidade como cantor, compositor, repentista e rufador de carimbó. Criou o conjunto Bico de Arara, que tocava em sua cidade e várias vezes em Belém, procurado por pesquisadores. Suas criações, inspiradas na tradição do carimbó, foram gravadas e divulgadas, às vezes sem seu conhecimento e autorização. (SALLES, 2007, p. 177-178)

<sup>20</sup> O carnaval em Curuçá é o mais típico e original do estado do Pará. Os brincantes se enfeitam com a lama dos mangues existentes nas proximidades da sede do Município e saem brincando nos dias de folia. É o bloco “Pretinhos do Mangue”. Hoje, patrimônio cultural do Estado do Pará. Lei 7383 de 16 de março de 2010 e Patrimônio Cultural do Município de Curuçá Lei 1.981 /2010 - CNPJ: 12.009.662 /0001 – 01. Enfatiza a preservação dos recursos naturais da região, tornando-se uma festa singular. Também desfilam blocos de mascarados e micaretas. (Disponível em: <http://setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/inventariocuruca.pdf>. Acesso em 12 jan. 2014).

FIGURA 03: Estátua de São Benedito Achado. Praça da Matriz, Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia da autora, 2014.

São Benedito Achado é um dos símbolos da religião católica em Curuçá, além da forte presença negra no município, com flores e um Terço nas mãos, ele está de frente para o mar, lugar onde sua imagem foi encontrada por pescadores. A história do município apresenta muitos fatos que revelam a história do Brasil, como a presença de africanos escravizados, a proibição de sepultamentos em igrejas, no século XIX, e a criação de cemitérios públicos por advento da política higienista – que é o que nos interessa nesta parte da pesquisa. Muitos fatos que revelam o Brasil agindo em seu interior, com suas particularidades e conflitos que envolvem indígenas, africanos, religião católica e relações socioeconômicas.

### **2.1.1- Villa Nova d’El Rey: rituais fúnebres de negros, índios, cafuzos e mamelucos.**

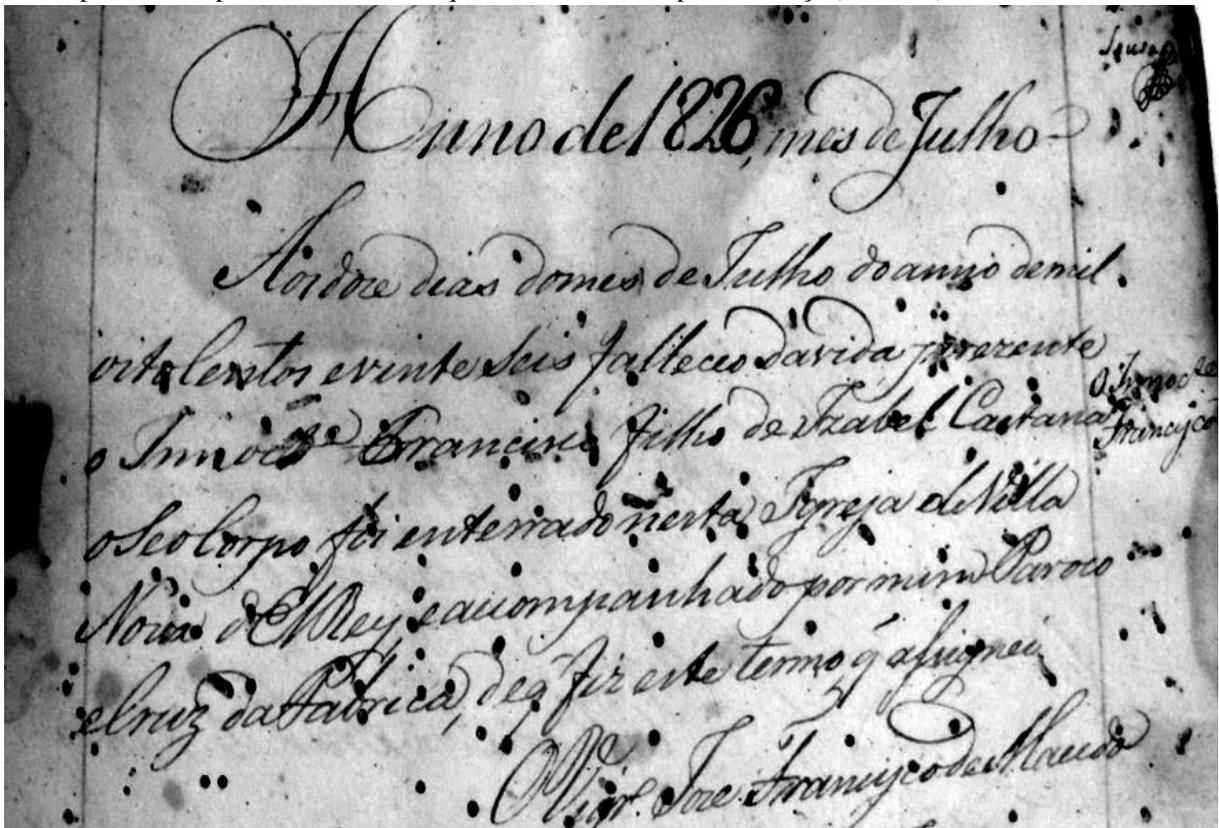
As palavras “cemitério” e “necrópole” têm origem grega, a primeira de *koumetèrian* (que significa “dormitório”), a segunda deriva de *necrópolis* “cidade da morte” ou “cidade dos mortos” e já a palavra *cadáver* é de origem latina e significa “carne dada aos vermes” (SILVA; FILHO, 2009). Os enterros, até o século XIX, eram realizados no cemitério que era a parte exterior/interior/ ao redor da igreja, o *Adro* ou *Átrium*, onde só eram sepultados os católicos. As igrejas anunciavam, com toques de sinos, os falecimentos e não havia prazo para

velar o corpo, às vezes o mau cheiro era muito forte, o que prejudicava a permanência daqueles que queriam assistir e participar das missas.

No leito de morte se faziam testamentos que se pediam, entre outras coisas, o acompanhamento do cortejo fúnebre por um religioso (padre, vigário, pároco) e da Cruz da Fábrica<sup>21</sup>, acreditando assim assegurar um lugar junto ao Senhor. Um período de predominância da *Morte Domada* (ARIÈS, 2012), em que houve uma familiarização, uma domesticação da morte: aquele que ia morrer recebia um aviso, planejava e organizava o seu funeral. O moribundo recebia as pessoas e os rituais católicos (Extrema Unção e Penitência, Exéquias) em seu leito, rituais simples em que o jacente era o anfitrião. Todos participavam desse momento, havia comida, bebida e despedidas. A morte não era temida e sim recebida com naturalidade por todos da família. O moribundo se despedia em seu leito, pedindo perdão por seus pecados e o padre realizava os rituais.

Como eram esses sepultamentos em Curuçá? Estavam de acordo com esse período do resto do Brasil e do mundo? Quais suas particularidades?

FIGURA 04: Primeiro registro no livro *Curuçá óbitos 1826 a 1872*. Documento manuscrito da Villa d'El Rey, cedido pelo Arcebispo de Belém ao Arquivo Público Municipal de Curuçá (APUMC).



Fonte: Curuçá óbitos (1826-1872). Pesquisa documental, fotografia da autora, 2012.

<sup>21</sup> Estandarte com o símbolo da administração das igrejas.

Aos tres dias do mês de julho do anno de mil oitocentos e vinte e seis falleceo da vida presente o innocte Francisco filho de Izabel Caetana, o seo corpo foi enterrado nesta igreja de Villa Nova d'El Rey e acompanhado por mim Paroco e Cruz da Fábrica, que fiz este termo e assignei.

Vigário José Francisco de Macedo  
(Curuçá Óbitos 1826-1872, nº 2 – p. 01)

Vemos na figura 04 e na transcrição acima, o primeiro registro de um sepultamento na igreja de Villa Nova d'El Rey, em 06 de julho de 1826. O corpo do inocente Francisco, cuja filiação é atribuída à Izabel Caetana, o féretro foi acompanhado pelo pároco José Francisco de Macedo e pelo símbolo da Igreja Católica, o estandarte da Cruz da Fábrica. Nos registros de óbitos, que vão de 1826 a 1856, em Curuçá, há características do Funeral Barroco: enterros no Adro da igreja (quadra 1, em 1826; e quadra 55, em 1854), cortejos fúnebres acompanhados por párocos e Cruz da Fábrica. Enterros com ou sem Sacramentos de Extrema Unção e Penitência, funerais que tinham um caráter público. Com o cortejo na rua, todos eram chamados a participar; a salvação da alma do falecido necessitava da ação comunitária, eram verdadeiros espetáculos públicos, organizados nos mínimos detalhes, em que o morto era o ator principal.

O local dos sepultamentos em Curuçá, até o ano de 1856, foi a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário que, segundo populares, foi concluída em 15 de julho de 1757, sendo a edificação feita por padres jesuítas com a ajuda de índios (FERREIRA, 2005). Através da localização da igreja, é possível visualizar a estrutura jesuítica das missões: Igreja, com a casa dos padres em anexo; uma praça em frente; logo depois, residências e próximo havia o cemitério e hortas, estrutura servindo para controlar os indígenas, que através do toque do sino da igreja se reuniam rapidamente no ponto central do aldeamento, a praça (ARENZ, 2012); controle este que teve êxito até 1760, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil. A igreja de Nossa Senhora do Rosário ainda preserva a característica da casa do padre em anexo, com a praça em frente e logo depois casas.

FIGURAS 05 e 06: Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2013.

A partir do século XIX, os sepultamentos nas igrejas causavam muitos problemas sanitários, corpos eram sepultados em caixões preparados em casa ou feitos com a porta da frente da casa do defunto. Em algumas cidades os corpos eram levados em caixões alugados e sepultados somente envoltos em suas mortalhas; com o crescimento populacional, era cada vez mais difícil arrumar lugar para sepultamentos. Em períodos de epidemias eram enterrados dois ou mais corpos em uma mesma sepultura que, às vezes, nem era fechada de forma adequada, causando mau cheiro, de modo que muitas pessoas que iam à missa pela manhã, não aguentavam ficar até o final das cerimônias.

Para analisar esses registros manuscritos, comidos por insetos, com páginas amareladas e manchadas, feitos há mais de um século (1826-1872), realizei uma seleção dos que mais me chamaram atenção pelos rituais, locais dos sepultamentos, nomenclaturas e momentos históricos vividos em Curuçá. Vejamos o quadro com as características desses registros manuscritos.

FIGURA 07: Quadro com exemplos de registros no livro Curuçá óbitos- 1826 a 1872.

Nome	Data e local do sepultamento	Características
01- Bento José Coelho (Casado)	19/07/1826. 3ª quadra da igreja	Cruz da Fábrica
02- Verissimo de Sá (índio solteiro)	18/11/1826. 1ª quadra da igreja	Sacramentos da penitência e Eucharistia. Cruz da Fábrica
03- Anna Vitoria (mameluca)	28/06/1827. 1ª quadra da igreja	Sem Sacramentos por ter falecido repentinamente em seu sítio. (4ª folha frente)

04- Maria Getrudes (preta), escrava de Francisco Eleuterio.	27/08/1828. Capela do sítio S. Raimundo.	Sem Sacramentos por ter falecido no sítio.
05- Antoninho (anjo) filho legítimo de João e da cafuza liberta Martinha de Jesus.	22/08/1839. 2ª quadra da Igreja	Cruz da Fábrica (26ª folha frente).
06- Angela (mulata), escrava de D. Maria Raimunda de Freitas.	10/10/1846. Igreja	Encomendada segundo o Ritual Romano (39ª v)
07- Diocadio (inocente), escravo de Estevão Ferreira Pinheiro.	11/04/1850. Igreja	(49ª f)

Fonte: Curuçá Óbitos 1836-1872. Pesquisa documental, seleção de registros feita pela autora, 2012.

Vemos, no quadro acima, exemplos de registros de óbitos que mostram a presença de escravos (solteiros e casados), índios (solteiros e casados), cafuzos (descendência indígena e negra), mamelucos (descendência indígena e branca), inocentes (crianças não batizadas) e anjos (crianças que morreram no/durante ou logo após o parto). Registros do município de Curuçá em um período de escravidão, também com inocentes e anjos escravos, pois a Lei do Ventre Livre<sup>22</sup>, que é de 28/09/1871 (Lei nº 2040) ainda não havia sido assinada. As crianças nascidas de escravas naquele local, seriam também escravas, sendo assim, se nascesse e logo após morresse, morria escravo e seria sepultado como tal. Vemos também registros de óbitos de anjos e inocentes neste período em que se nascia escravo; e com a poder de seu dono, o corpo do inocente ou anjo era sepultado na igreja, onde só eram permitidos católicos.

Registram-se os sepultamentos de escravos solteiros e casados (pois a Lei Áurea<sup>23</sup> é de 18/05/1888 [Lei Imperial n.º 3.353]), em que só eram registrados com o primeiro nome e os senhores de escravos com nomes e sobrenomes, dando importância à caracterização dos mesmos (cafuzo/a, mulato/a, preto/a). A presença de africanos escravizados em Curuçá, já havia sido mencionada em relatos de curuçenses, que apontam essa presença em Murajá<sup>24</sup>, Pedras Grandes<sup>25</sup>, Bairro Alto<sup>26</sup> e também aparece em *A presença africana na Amazônia colonial: uma notícia histórica* (VERGOLINO-HENRY, 1990), sendo que Curuçá (VILA

<sup>22</sup> A **Lei do Ventre Livre**, foi uma lei abolicionista, promulgada em 28 de setembro de 1871 assinada pela Princesa Isabel. Lei que considerava livre todos os filhos de mulher escravas nascidos a partir da data da lei, mas “[...] permaneceriam sob custódia do dono até completarem 21 anos.” (Disponível em: <http://www.geledes.org.br/esquecer-jamais/179-esquecer-jamais/15719-28-de-setembro-dia-da-lei-do-ventre-livre>. Acesso em 12 jan. 2014).

<sup>23</sup> A **Lei Áurea** determinou o fim da escravidão do Brasil em 13 de maio de 1888. Foi a culminação de um lento processo de abolição que se iniciou no Brasil ainda em 1850 com a Lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico negreiro no oceano Atlântico em sentido ao Brasil. Duas décadas mais tarde, em 1872, a **Lei do Ventre Livre** concedeu liberdade aos filhos de escravos nascidos no país. E na década seguinte, em 1885, a **Lei dos Sexagenários** permitiu a liberdade para os escravos com 60 anos de idade ou mais. (Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/lei-aurea>. Acesso em 12 jan. 2014).

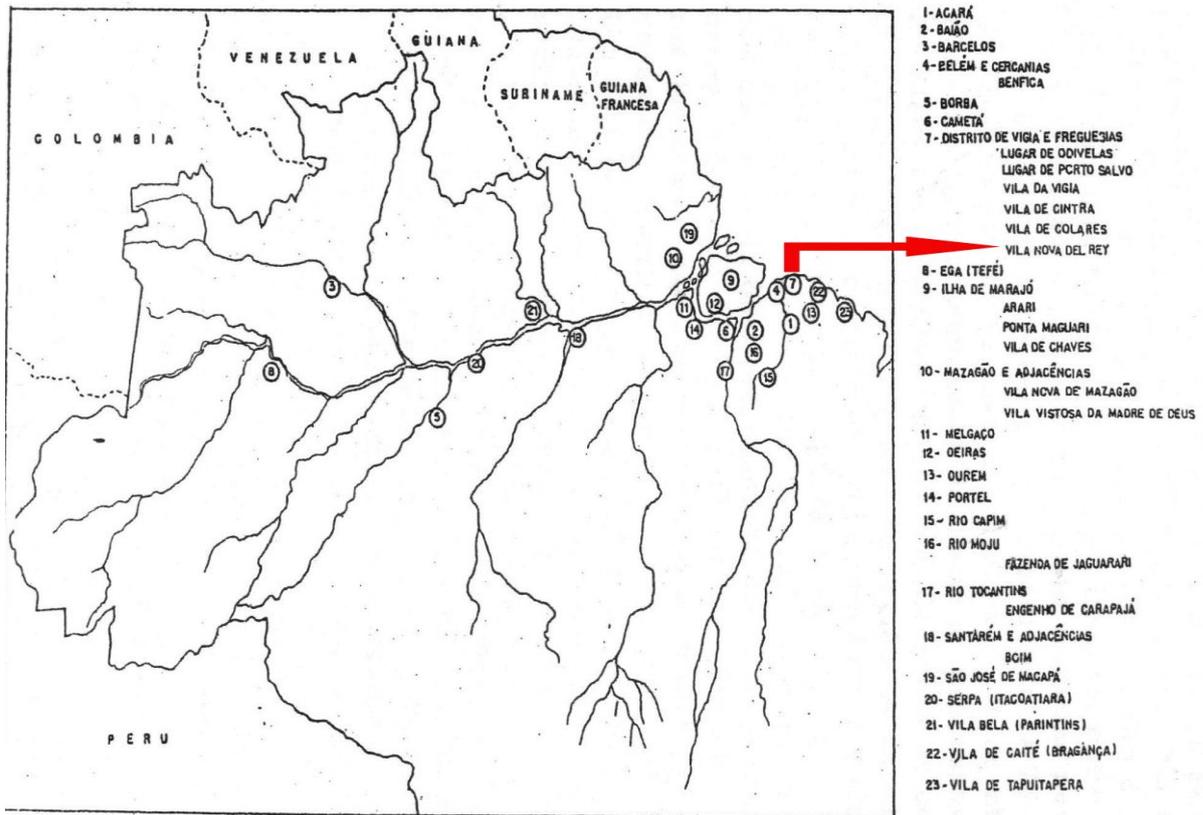
<sup>24</sup> Localidade de Curuçá que está situada a 14 km do centro da cidade, onde sempre ouvi histórias em que meus antepassados teriam sido escravos vindos da África.

<sup>25</sup> Localizado na Ilha de Fora de Curuçá, onde ouvi histórias em que havia escravos de famílias deste local e o relato em que um barracão era local de reunião de africanos que tocavam Jazz.

<sup>26</sup> Bairro de Curuçá, que é o objeto de pesquisa da tese de doutorado da Profª Dr. Renilda Bastos. Intitulada: “AS TRÊS MARGENS DO RIO”: TRAVESSIAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO BAIRRO ALTO DE CURUÇÁ – PA (PPGCS-UFPA). Onde o Bairro Alto nasceu como uma comunidade de *pretos*.

NOVA DEL REY) está presente em um mapa que mostra a distribuição da mão-de-obra escrava na Amazônia. Escravos oriundos de Bissau e Cacheu, Luanda, Benguela, Cabinda (República Popular de Angola) e República Popular de Moçambique. Vejamos o mapa:

FIGURA 08: Mapa da distribuição da mão de obra escrava na Amazônia Colonial. A Vila Nova Del Rey (Curuçá) aparece no mapa fazendo parte do distrito de Vigia e freguesias.



MAPA 5 – Distribuição da mão-de-obra escrava na Amazônia Colonial

Fonte: VERGOLINO-HENRY, 1990, p. 53. Localização de Curuçá, pesquisa bibliográfica da autora, 2012.

Através desse mapa e do livro de óbitos de Curuçá, temos documentos que atestam a presença africana no município. O livro de óbitos é um documento que fala de rituais fúnebres romanos em uma sociedade do interior que seguiu modelos católicos vigentes no Brasil; um período de convívio social entre africanos, indígenas e casamentos inter-raciais (cafuzos, mamelucos). Uma sociedade de comportamentos diante da morte com rituais católicos, em locais que demonstram poderio econômico e divisão de classes num ambiente que se dizia para todos: a igreja. Contudo, hoje o cemitério em Curuçá, que era na igreja até o século XIX, apresenta as mesmas características: as famílias com maior poderio econômico estão nas primeiras quadras e as classes menos favorecidas, depois do *cruzeiro*. O cemitério São Bonifácio é um condomínio, uma cidade de mortos, tendo seu significado original de

*necropolis* remarcado atualmente; sendo o espaço para sepultamentos, deslocado com as mesmas significações e divisões.

No ano de 1801, em Portugal, o príncipe regente D. João VI proibiu os sepultamentos em igrejas (inclusive em suas colônias, no Brasil) (SILVA; FILHO, 2009) e junto à Política Higienista<sup>27</sup> a proibição foi concretizada, havendo assim a criação dos cemitérios longe das cidades. Anos depois, com o crescimento populacional, houve o retorno desse para o centro da metrópole. Em Curuçá foi construído por Bonifácio dos Santos, em 1855, o cemitério São Bonifácio, obra que só foi concluída 28 anos depois (1883), com a construção da fachada do mesmo, sob responsabilidade arquitetônica de João Antônio dos Santos e ajuda financeira do então Intendente de Curuçá, Horácio Barbosa de Lima. (CUNHA, 2007).

FIGURAS 09 e 10: Cemitério São Bonifácio, construído em 1855, onde ocorreu o primeiro sepultamento, em 1856. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia 1 (esquerda) da autora (2012), 2 de Derick Sanffer (2014).

O São Bonifácio é o local de sepultamento para diversas famílias de localidades próximas, tais como Curuperé, Valério, São João do Abade, Muriá, Pedras Grandes, Arapiranga. Segundo Campos (2014), o cemitério São Bonifácio tem grande valor para a Arte Funerária, por apresentar em seu interior túmulos que se destacam em seus estilos, iconografias e particularidades, propiciando leituras sobre as influências sociais, econômicas, culturais e artísticas de uma sociedade curuçense do final do século XIX. Valor que

<sup>27</sup> Até 1850 houve apenas algumas tentativas individuais, sobretudo de médicos, de cuidar da saúde da população urbana. Buscava-se a origem das doenças em fatores ambientais... Assim o poder público passou a adotar algumas estratégias como aterrar os charcos e afastar indústrias, matadouros e cemitérios das áreas centrais da cidade. (Disponível em: <http://pt.Wikipedia.org/wiki/Higienismo>. Acesso em 06 de out. 2013).

verificamos no livro de óbitos nº 2; para os rituais fúnebres que demonstram grande importância àquela sociedade sobre a maneira como seu ente querido vai para a sua eterna morada. Através do mapa de Curuçá, localizei os cemitérios do município para visualizarmos onde são sepultados os curuçenses e a que localidades próximas eles pertencem.

FIGURA 11: Mapa localizando os cemitérios do Município de Curuçá.



Fonte: Mapa do Município, Prefeitura Municipal de Curuçá. Localização dos cemitérios feita pela autora, 2013.

Depois de fazer o levantamento dos cemitérios municipais e visualizar a que localidades eles pertencem: Iririteua, Catatateua, Mutucal, Araquaim, Curuçá, Ponta de Ramos, Itajuba, Murajá, Boa Vista do Iririteua, São Pedro, Marauá e Nazaré do Mocajuba; busquei descobrir quem organizava os rituais fúnebres na igreja de Nossa Senhora do Rosário, para isso, fui à cidade de Vigia de Nazaré, investigar no arquivo da Sociedade Cinco de Agosto, documentos que elucidassem a possível presença de irmandades em Curuçá, sendo que essas associações estavam presentes em outros lugares do Brasil.

---

## **2.2- IRMANDADES CURUÇAENSES**

---

As irmandades eram associações de homens leigos que tinham como objetivo promover o culto a um santo. Foram criadas no Brasil durante o período colonial, cujo modelo era baseado nas organizações fraternais portuguesas que se disseminaram na Idade Média. Essas associações tinham “(...) por base a solidariedade e a sociabilidade, formando a matriz de auto-ajuda e assistência, que se desdobrariam, assumindo características próprias segundo cada contexto histórico” (BORGES, 2005, p. 43). Caracterizavam-se como: irmandades de “devoção” que não possuíam atos formais e de “obrigação”, que fossem reconhecidas pelas autoridades e continham estatuto, livros de registros e diretoria.

As irmandades promoviam o culto católico e a proteção dos seus membros, bem como assistência aos enfermos, velhos e irmãos pobres, acompanhando os funerais e cuidando de suas almas por meio de missas individuais e coletivas. Os irmãos tinham que observar as regras da instituição, e seguir as normas prescritas para os seus membros. (BORGES, 2005, p. 53)

Nos estatutos das irmandades se estabeleciam os objetivos e as dinâmicas a serem seguidas pelos membros que possuíam funções de juiz, tesoureiro, escrivão, pregoeiro, confrades e irmãos. Uma das obrigações mais importantes era com os mortos: quando morria um confrade, anunciava-se o falecimento através de toques dos sinos das igrejas. O ritual era seguido pelos irmãos: os cortejos aconteciam à noite e cada um tomava o seu lugar, quatro homens carregavam a tumba e todos iam buscar o morto para ser velado. Ao chegarem, o juiz estava pronto para as “encomendações”, colocavam o morto na tumba, o cortejo seguia com tochas e velas acesas (BORGES, 2005). Dependendo da função exercida na irmandade, o corpo do irmão poderia ser sepultado mais próximo aos santos, acreditando-se estarem assim, mais próximos dos vivos e das orações para a sua salvação.

Na Amazônia, as irmandades eram constituídas de brancos, pretos e pardos, com índios e tapuios fazendo parte das associações, uma verdadeira festa das cores

(FIGUEIREDO, 2001). Quanto às irmandades em Curuçá, Antonio Soeiro (2008) em sua pesquisa sobre a cultura funerária na Cidade de Vigia, no final do Oitocentos, apresenta uma prestação de contas da Irmandade de Sam Benedito da Villa de Curuçá, cujo documento mostra o auxílio funerário que Felipe Santiago da Costa afirma ter recebido de João Gomes da Conceição, a quantia de 16\$000 (dezesesseis mil reis) pelas despesas de sepulturas:

Senhor João Gomes da Conceição, procurador da irmandade de Santo Benedito desta villa; a quantia de (16\$000) de despesas de sepulturas e sinas de quatro irmãos da mesma irmandade; sendo, Antoni mulher de Geraldo Palangana, Joaquim Antonio Marques, Juliana Antonia da Costa e Anna Maria do Nascimento, mulher de Leal; sepultados no cemitério desta villa, neste corrente anno.

[...] o presente recibo como fiscal e Procurador da Camara e encarregado do cemitério.

(Autos de prestação de contas da irmandade de Sam Benedito. Vigia- Villa de Curuçá, 1877-1878; Apud SOEIRO, 2008, p.).

O que se compreende nesta prestação de contas é que houve o pagamento de custos por sepultamentos no cemitério de Curuçá, caracterizando, assim, o auxílio funerário exercido pela Irmandade de Sam Benedito, mostrando uma das matrizes organizacionais das irmandades que é a obrigatoriedade com o auxílio aos mortos. Curuçá pertencia à Cidade de Vigia de Nazaré<sup>28</sup> e muitos documentos sobre Curuçá devem constar nos arquivos de Vigia, o que podemos verificar em alguns manuscritos do século XIX, como um de 1875, que descreve a seguinte situação sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa de Curuçá:

Removo a Joaquim Guimarães de Sousa e Atháide do cargo de thesoureiro da irmandade de Nossa Senr<sup>a</sup> do Rosário da Villa de Curuçá, deste termo e nomeio interinamente a José Alves Dias que será intimado para prestar juramento e o secretário para convocar mesa, afim de proceder-se a eleição de novo thesoureiro, bem assim exhibir em júzo as contas da receita da [...] irmandade, livros e mais documentos [...] sob as penas da lei.

Pagas as custas até o presente feito official [...]

Vigia, 4 de setembro de 1876

Raimundo Antonio Ferreira de Miranda

(Processo 33 L. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Vigia- Villa de Curuçá-1875. Arquivo da Sociedade Cinco de Agosto, Vigia- PA).

Neste documento, há a confirmação de mais uma irmandade em Curuçá, a de Nossa Senhora do Rosário, cuja transcrição mostra o pedido de um processo para a eleição do novo thesoureiro e a prestação de contas do antigo confrade no cargo, sob pena da lei, o que demonstra que as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e Sam Benedito eram irmandades de “obrigação”, onde se pagavam taxas e eram constituídas de estatutos com regras. Mesmo

<sup>28</sup> Distante 102 km de Belém-PA.

não tendo encontrado documentos que mostrassem a fundação das irmandades, seus membros ou funções, podemos afirmar que elas existiram como associações no Município de Curuçá.

A respeito das irmandades do Rosário, Célia Borges (2005) nos fala que essas associações estavam sob a responsabilidade dos jesuítas para a disseminação das mesmas no Brasil. Na África, os jesuítas foram os principais encarregados desse trabalho desde o século XVI. Irmandades que envolveram conflitos com africanos que realizavam os rituais fúnebres com dança, batuque, comida; e para solucionar os conflitos, houve uma normatização dos rituais para afastar cultos considerados profanos. Quanto às características dessas associações em Curuçá, não encontramos documentos que versam sobre os membros das irmandades, podemos somente apontar possibilidades sobre o funcionamento das mesmas no município.

### **2.2.1- União, Caridade e Justiça**

No Arquivo Público Municipal de Curuçá encontramos o registro de uma Sociedade Beneficente que se assemelha a uma irmandade, tendo obrigações, normas para entrada e permanência, que proporciona auxílio doença, natalidade e funeral, preocupa-se com a formação de seus sócios, além de promover festas religiosas e profanas dedicadas ao santo de devoção. Esta é a Sociedade Beneficente São Pedro, localizada na Povoação São João do Abade, local onde realizei minha pesquisa acerca de um funeral conhecido como Frete. A Sociedade foi fundada em 07 de julho de 1957, tendo como lema: “União, Caridade e Justiça” e com as seguintes finalidades:

- a) - beneficiar seus associados em caso de doença, prestando-lhe assistência necessária;
- b) - dar, dentro de suas possibilidades e fundamentada nas instruções baixadas pela Assembléia Geral, um pecúlio à família do sócio falecido;
- c) – propugnar pelo aperfeiçoamento moral, cultural e social de seus associados e dependentes, incentivando-os à prática do cumprimento do dever para a sociedade, para com Deus e para a pátria;
- d) – realizar festas religiosas e profanas em louvor de seu patrono, assim como cultuar e reverenciar a memória de seus associados.

(Estatuto da Sociedade Beneficente “São Pedro”, 17 de janeiro de 1985. Arquivo Público Municipal de Curuçá)

As finalidades da Sociedade demonstram o auxílio aos seus associados, buscando aperfeiçoamento moral, social e uma preocupação com questões morais para com a sociedade abadiense da época. O que chama atenção é que colocam em seu estatuto que serão realizadas festas religiosas e profanas. Entretanto, sendo uma Sociedade que tem como patrono São Pedro, ligando-se, portanto, diretamente ao catolicismo, que proibia profanações às

irmandades. Eles estavam preocupados em preservar, reverenciar a memória e “propugnar pelo aperfeiçoamento moral, cultural e social de seus sócios”.

Poderiam ser sócios cidadãos de ambos os sexos com idade entre 18 e 60 anos, de “reputação reconhecidamente ilibada”. Os sócios teriam como benefício auxílio doença, natalidade e funeral; como obrigação teriam que acatar e respeitar o estatuto, prestar cordialidade aos demais associados e não profanar a Sociedade de nenhuma forma, sendo punidos com Censuras, Suspensões, Eliminação e Expulsão por cometerem procedimentos considerados incorretos à Sociedade (desmoralizá-la, viver escandalosamente, entregar-se a vícios). Teriam que pagar joias (taxa de admissão), mensalidades e donativos. Se ficassem cinco meses sem pagar mensalidades, seriam desligados automaticamente sem nenhum benefício.

A administração da Sociedade estava dividida em Diretoria e Conselho Fiscal, sendo a Diretoria (eleita a cada dois anos) constituída de Presidente, vice-presidente, 1º e 2º secretários, tesoureiro, procurador e zelador. O Conselho Fiscal era formado de seis membros: três efetivos e três suplentes. A Sociedade São Pedro era uma organização com um funcionamento exemplar no município que mereceu, no ano de 1986, um projeto de lei para torná-la entidade pública, em cuja justificativa do projeto, o vereador Ilio Guimarães argumenta:

Quando a sociedade começou, pela dedicação de um punhado de pessoas, em um barracão de palha, talvez aquelas criaturas jamais pensariam que um dia seu sonho se tornasse realidade. Uma sociedade pujante, com um quadro social com mais de cem sócios, com reuniões aos primeiros domingos de cada mês, com diretorias atuantes, causando assim orgulho para os abadienses, haja visto, que na sede do nosso município, não temos uma sociedade tão bem organizada.  
(Câmara Municipal de Curuçá. Justificativa. Vereador Ilio Guimarães, 12 de setembro de 1986. Arquivo Público Municipal de Curuçá).

Através deste documento, o vereador Ilio Guimarães justifica à Câmara Municipal de Curuçá, em 1986, o motivo para escrever tal projeto: a dedicação dos abadienses para que a Sociedade São Pedro se desenvolvesse, por ser uma sociedade pujante, com muitos sócios, que se reuniam todos os meses, sendo a mais organizada do Município de Curuçá. Quanto à organização, que é demonstrada em seu estatuto com obrigações, benefícios e regulamentada nas formas da lei, podemos aproximá-la de uma “irmandade de obrigação” com o auxílio aos seus associados na vida (auxílio doença e natalidade) e na morte (auxílio funeral).

As irmandades presentes em Curuçá apresentam a preocupação com seus irmãos quanto ao momento da morte, dando-lhes auxílio funerário. O que deveria constar também em seus estatutos, seriam os rituais de acompanhamento do féretro ao túmulo, que se

encontrados, poderíamos analisar como um seguimento aos rituais feitos na igreja de Nossa Senhora do Rosário e posteriormente no cemitério São Bonifácio. Todavia, só uma pesquisa mais específica e minuciosa nos documentos manuscritos do século XIX, poderá elucidar tanto essa parte da história, quanto os locais de sepultamentos dos membros das irmandades no cemitério, verificados através de pesquisa imagética nos túmulos daquela sociedade.

---

### **2.3- FUNERÁRIAS CURUÇAENSES: TRABALHANDO PARA O SÓCIO VIVO OU MORTO**

---

A *Sociedade Armador Boa Viagem*, primeira funerária do município de Curuçá, foi fundada em 15 de agosto de 1985 por Alcí Ataíde de Miranda e seu irmão que já era dono de um *armador* (nomenclatura utilizada antes de *funerária*), em Castanhal. No início, as pessoas pensavam que eles iriam inaugurar um frigorífico, mas quando souberam que era um armador houve medo, alguns passavam pela frente da funerária e se benziavam, outros viravam o rosto para não verem os caixões. Conseguir sócios para o Armador foi difícil, Alcí diz que “Ainda tem gente que não quer! Pensam que se se associarem vão morrer logo, né? É o contrário, porque os nossos associados a gente pede pra não morrer [risos]. É despesa!”<sup>29</sup>. O empreendimento é ligado à ideia de tristeza, medo, ojeriza ao corpo morto, características presentes na concepção de Morte Selvagem, quanto mais distante da morte melhor.

Alcí Miranda nos fala que antes da chegada da funerária, os enterros em Curuçá eram feitos com o corpo do morto em redes, carregados em paus, levados num cortejo até o cemitério. Depois houve a sofisticação do funeral com o trabalho dos marceneiros que passavam das 18h até 06 da manhã do outro dia, fazendo o caixão que era entregue à família do morto para que fôrassem com tecido (fazenda) roxo comprado em poucas lojas de Curuçá. A confecção do caixão roxo era dividida entre marceneiros (faziam o caixão) e a família do morto (fôravam o caixão), sobre esse período, Alcí se lembra de um fato pitoresco sobre o trabalho que se fazia em casas e marcenarias:

Morreu um rapaz alto, de um metro e noventa... E tinha um marceneiro que chamavam de Misturado pra ele. Aí contrataram o Misturado para fazer o caixão do rapaz [...]. Não sei se ele tirou errado, a medida, né? [...] aí chegou lá, que foram colocar no caixão não deu. E aí? E agora? Aí ele tirou a tampa de baixo, pro pé passar direto, aí [...] botaram o serviço dele de “funerária pé pra fora” [risos]. Enterraram assim com o pé pra fora [...] quando o povo encarnava nele, ele queria a morte [risos].

---

<sup>29</sup> Fala de Alcí Ataíde de Miranda em entrevista com a autora no dia 17 de abril de 2014. Curuçá-PA.

Um tempo de trabalho manual que nem sempre dava certo, como foi o caso da história do rapaz alto que resultou na brincadeira em batizar o trabalho do Misturado em “Funerária Pé pra Fora”. O Armador Boa Viagem, começou seus serviços contratando marceneiros para fazerem os caixões, que depois eram forrados pelos seus funcionários. As urnas eram compradas no Paraná, depois uma empresa passou a confeccioná-las em Belém, facilitando a compra. Em Curuçá, não se vendem mais caixões, pois não há mais marceneiros que façam esse serviço e os sócios só querem as urnas. Com a vinda da funerária, a família diminuiu seu trabalho, diz Alcí: “Eu acho que beneficiou muito a família daqueles que morrem, certo? Porque hoje não tem mais a preocupação de tarem mandando fazer o caixão. Se você precisou, vem aqui ou em outra funerária. Vem e compra. Pronto!”.

A Sociedade oferece a seu associado serviços na vida e na morte. Com uma mensalidade de R\$ 20.00 (vinte reais) a família (pais e filhos solteiros) tem direito a procedimentos dentários, consultas e exames médicos. Na morte, os sócios têm urna, paramento católico (suporte para a urna, castiçais e velas, Cristo (pedestal com um Cristo na Cruz) e pano (bandeira da funerária, o símbolo que tem um morto na casa)) ou evangélico (suporte para a urna, pedestal para bíblia), carrinho (suporte com rodas para levar o caixão durante o cortejo fúnebre) e carro funerário. Segundo Alcí, a mensalidade é baixa porque se precisa olhar para a realidade do povo curuçense, muitos são pescadores e agricultores e não tem condição de pagar mais, alguns passam meses em débito, mas não é por isso que a sua Sociedade vai deixar de atender alguém que precise.

Vemos que os serviços oferecidos são diferenciados para católicos e evangélicos, buscando atender a todos. Os católicos com seus símbolos (Cristo crucificado e velas) e os evangélicos não aceitam as imagens (neste caso a de Cristo na cruz), velas (o fogo) e o pano. Outra particularidade é não levar o carrinho, nem o carro funerário para a povoação São João do Abade, porque os abadienses levam a urna nas mãos até o cemitério São Bonifácio. Um serviço não oferecido é a preparação do corpo: vende-se o formol para enfermeiros e para a agente de saúde do Abade, Ana Lúcia Farias, que preparam o corpo do morto para o funeral.

Alcí Miranda já acompanhou muitos funerais em Curuçá e na povoação São João do Abade, ele vê que no centro do município é o início do velório com muita tristeza, choro, mas que depois começam a servir mingau de arroz, de milho, café e bolachas, jogam baralho e dominó, o tempo passa e chega-se a pensar que não há morto alí. O que há são conversas, histórias, alegria, o cortejo com a urna no carrinho, sem euforia, indo direto para o cemitério. Diferente do que acontece em Abade, no cortejo fúnebre a urna é levada nos braços, num percurso de 5 km de muita alegria e bebidas, Alcí diz que:

Tem pessoas que acham diferente a maneira deles [abadienses] fazerem [o cortejo]. Eu acho normal, normal [...]. O pessoal do Abade nunca quiseram que fizessem o cemitério no Abade, certo? Não quiseram porque eles acostumaram de princípio a fazerem o cortejo de pés, só pra vim bebendo... Acho normal!

O funeral do centro de Curuçá é diferenciado do Frete (funeral da povoação São João do Abade), os velórios se assemelham, o cortejo não. Em Curuçá, o féretro é acompanhado com tristeza, enquanto que no Abade é com alegria e bebidas alcoólicas. Para Alcí, tudo isso é normal: “Eu não quero tristeza no meu velório [...] se forem cantando [...] não tem problema!”. Conta que por sua vida ter sido muito feliz, não faz sentido seu funeral ser triste, que brincou muito vestido de mulher, figura marcada nas ruas durante o carnaval, sofreu muito preconceito e como o pensamento do curuçaense mudou, hoje, no Carnaval, há um bloco para homens vestidos de mulher - “As curuçaenses”. Afirma que se durante seu funeral tiver música, porta-bandeira, homens vestidos de mulher, não tem problema, não teme a morte, ela só é temida pelos mais idosos, os jovens estão acostumados com os mortos.

Eu acho que nós quando nascemos, a gente já vem pré-destinado, certo? Eu nasci, então já vim destinado a tal tempo sumir deste mundo aqui, que nós vivemos. Eu acho que seja assim [...] Inclusive, eu pedi pro meu filho fazer uma placa [risos]... Numa casa que faz em Belém. Pra ele mandar fazer assim: Demorei muito para morrer. Peço que me desculpe! [risos]

FIGURAS 12 e 13: Alcí Ataíde de Miranda e a Sociedade Armador Boa Viagem, primeira funerária de Curuçá, fundada em 15 de agosto de 1985.



Fonte: Entrevista, fotografias da autora, 2014.

Alcí Miranda me explicou, dando muita risada, que mandou seu filho (Jefferson Miranda) fazer uma placa e será colocada no túmulo para que seus inimigos o desculpem por passar muito tempo vivo, incomodando-os com sua alegria. No ambiente de trabalho, lugar

que causa medo a muitos curuçaenses, em meio às urnas, ele passa o dia esperando seus sócios, às vezes, sentado em frente à funerária, lendo o jornal, vê as pessoas que atravessam a rua para não olharem as urnas, outros viram o rosto com medo deste espaço. A funerária fica em um cômodo de sua residência na Travessa Sete de Setembro. Sua família se acostumou a símbolos que envolvem a morte.

Após 12 anos da fundação da primeira funerária em Curuçá, é inaugurada em 17 de janeiro de 1997 a *Sociedade e Funerária Modelo*, cujo fundador é natural do Município de Maracanã. Depois de uma visita a Curuçá, Carlos Alberto Rodrigues inaugura sua segunda funerária. Como responsável da mesma, fica o Senhor José Wilson Corrêa Costa (Zezinho), que era seu funcionário desde a Sociedade em Maracanã<sup>30</sup>. Atualmente, ela tem três estabelecimentos: em Maracanã (desde 1995), Marapanim (desde 1997) e Curuçá (desde 1997), esta localizada na Travessa Sete de Setembro nº 235 e possui, aproximadamente 300 sócios e oferece serviços de urna mortuária, remoção do corpo, velas para católicos, registro de Óbito, carro fúnebre, abertura de sepultura, dentista (extração e obturação), oculista (exame), consulta com clínico geral, ambulância e descontos para exames laboratoriais.

FIGURAS 14 e 15: Sociedade e Funerária Modelo, fundada em 17 de janeiro de 1997 e o funcionário responsável pela mesma, o Senhor José Wilson Corrêa Costa (Zezinho). Curuçá-PA.



Fonte: Entrevista, fotografias da autora, 2014.

No comércio de Curuçá, também são vendidos os serviços para atender o curuçaense na morte, Zezinho recebe seus sócios na funerária, ele conversa, vende os planos funerários, é muito feliz com o seu trabalho. Brincando, escuta coisas como “Cuidado que o Zezinho já vai

<sup>30</sup> José Wilson conta que antes da primeira funerária em Maracanã, os caixões eram comprados pela prefeitura e guardados em um depósito para atender a população local. Entrevista em 23 de abril de 2014.

tirar a medida do teu caixão!”<sup>31</sup>, ele diz que o trabalho em funerária é o sustento familiar, uma possibilidade de ajudar o próximo em momento difícil de separação e quando falece um dos sócios:

É triste porque, devido o tempo que a pessoa vai pagando 2, 3, 5, 6 anos [...] Tem gente desde 97 [1997] com a gente pagando. A gente cria uma amizade boa, assim, sadia, né? Que quando chega na perda, na morte, a gente sente, né? [...] A gente trabalha, mas sente, né?

Trabalhar em funerárias também traz tristeza, afirma Zezinho, pois o relacionamento com os sócios é de amizade, convivência e será também de separação. Ambiente este que se visualiza também na terceira funerária em atividade de Curuçá, a *Sociedade Funerária Céu Azul*, fundada por um casal castanhalense (Gleidson e Nete) no ano de 2004, e que foi vendida em 2012 para o seu primeiro funcionário, o senhor Isaías Monteiro da Silva, curuçaense de 40 anos que fez melhorias nos serviços oferecidos pela Sociedade.

FIGURAS 16 e 17: Sociedade Funerária Céu Azul e Isaías Monteiro da Silva, seu atual proprietário.



Fonte: Entrevista, fotografias da autora, 2014.

Entre urnas, símbolos que causam medo a muitos que imaginam ter um morto dentro delas, Isaías é feliz com o seu trabalho e usando uma camisa com símbolos da sua religião, Protestante do Sétimo Dia, sorri para a foto. Tentando amenizar esse medo de seus clientes, ele pensa em separar o escritório do local das urnas, pois aquelas pessoas que não tem medo querem escolher a melhor para o sepultamento dos seus. A Sociedade está localizada na Av. Paes de Carvalho nº 300, oferecendo serviços na morte: paramentos católicos ou evangélicos,

<sup>31</sup> Os curuçaenses brincam com essas simbologias da morte, principalmente com quem trabalha em funerárias. Depoimento coletado durante uma entrevista no dia 23 de abril de 2014, realizada pela autora.

urna, carro fúnebre e serviços na vida: consultas e descontos em exames médicos e trabalha com a Agente Comunitária de Saúde da povoação São João do Abade, Ana Lúcia Farias, que faz o tratamento do corpo morto de seus sócios, aplicando formol, banhando e vestindo-o.

Isaías também ouve brincadeiras dos curuçaenses que o chamam de “rasga mortalha”, “homem da morte” e dizem: “tu ficas orando para que morra alguém”<sup>32</sup>. Para ele, as brincadeiras fazem parte do imaginário popular sobre o trabalhar com a morte, associam simbologias da morte com religião. Por ser adventista, quer o seu velório na igreja que frequenta e com muitos louvores, por ele ser cantor na mesma, diz ser respeitoso com as outras religiões, que cada um tem sua crença e o povo tem sua cultura, como a maneira que os abadienses trazem os seus mortos, carregando o caixão nos braços; não é contra, pensa que o funeral do abade é cultural, não comunga deste comportamento, respeita. O carro de sua funerária está sempre disponível para seus sócios, contudo em Abade, só é utilizado por evangélicos que querem um funeral mais tranquilo, que venham orando.

No Município de Curuçá há três funerárias atuantes, cujos serviços são de grande importância àqueles que precisam organizar o funeral de seu familiar, o que com o passar dos anos e novas tecnologias, facilitou a aquisição de urnas, antes redes, depois caixões confeccionados por marceneiros e forrados com tecido roxo pala família. O serviço oferecido ainda causa temor por estar no imaginário simbologias da morte, que ao olharem para as urnas, verão um morto ou que se associar é o aviso de morte próxima. Os trabalhadores de funerárias não fogem a esse imaginário sendo vistos como “rasga mortalhas”, “homens da morte”. Para atender aos curuçaenses são feitas quatro perguntas sobre o morto: se ele era católico, evangélico, abadiense católico ou abadiense evangélico, pois dependendo da resposta o serviço é diferenciado para levar paramentos católicos ou evangélicos, e/ ou carro fúnebre.

Discutiremos a seguir, na seção intitulada “Cortejo, lágrimas e cachaça”, o comportamento do abadiense diante da morte, através do Frete, funeral da povoação São João do Abade, discussões que perpassam por simbologias católicas, evangélicas e da própria cultura abadiense em uma Espetacularidade ímpar em cortejos fúnebres que vieram de barco, o Frete de uma evangélica e no maior Frete que vivi.

---

<sup>32</sup> Depoimento coletado durante entrevista no dia 28 de abril de 2014, realizada pela autora.

# 3. CORTEJO, LÁGRIMAS E CACHAÇA.



---

### 3.1- A POVOAÇÃO SÃO JOÃO DO ABADE

---

A povoação São João do Abade foi elevada a esta categoria no dia 06 de julho de 1895, pela Lei nº 324 (FERREIRA, 2005), não possuindo documentos quanto a sua demarcação. A ponte do Abade é o limite (de acordo com seus habitantes) para separar a povoação do centro do município de Curuçá. Para os abadienses se está em Abade, quando se ultrapassa a ponte. A origem da povoação é portuguesa e indígena, posteriormente chegaram os africanos, ela é considerada como um dos principais exportadores de pescado do nordeste paraense, atendendo a população local, além de outros municípios (como Castanhal, Bragança e Belém) e estados como Maranhão e Ceará (FIGUEIREDO, 2007).

Para chegar à povoação, segue-se a PA-136 que inicia no Município de Castanhal e termina em Abade (64 km), ou pode-se vir por outros municípios como Bragança, São Caetano de Odivelas e Vigia de Nazaré, de barco pelo rio Muriá. Segundo Figueiredo (2007), a formação desta população está ligada também à criação do Núcleo Suburbano de Curuçá (Núcleo Magalhães), autorizado pela Lei nº 284 de 15 de julho de 1895, que dispõe de 44 lotes, localizados na PA-136, próximos ao terminal rodoviário de Curuçá, até depois da ponte. A esses lotes foram mandados, até o ano de 1900, 33 brasileiros e 57 espanhóis, o que revelaria a aparente fisionomia indígena e europeia do abadiense à qual acrescentamos a africana, presença forte no município.

FIGURAS 18 e 19: Barcos nos portos de Abade. Povoação São João do Abade, Curuçá-PA.





Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2014.

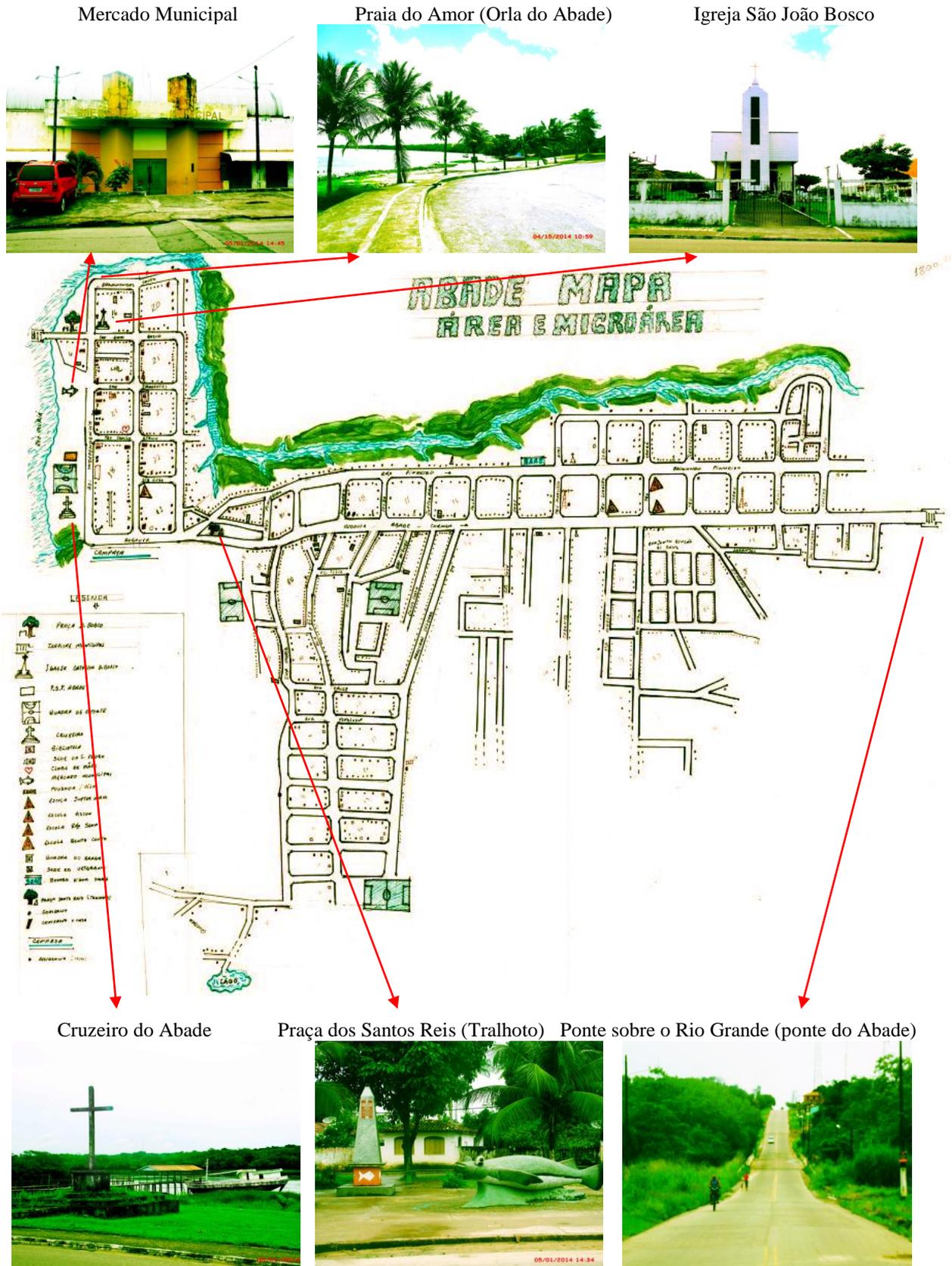
Quando a maré enche, chegam os barcos abarrotados de peixe, o povo já está esperando para comprá-los, vendê-los ou colocá-los em caminhões frigoríficos que os levam para serem vendidos em outros locais. No seu cotidiano, Abade convive com canoas próximas ao porto, redes de pesca em casas, pessoas passando com cambadas de peixe, grudes<sup>33</sup> que estão ao sol para secarem e serem vendidas, peixes sendo assados em barracas próximas ao trapiche, barcos e balsas que atravessam pessoas, bicicletas, motocicletas e carros para a Ilha de Fora (Pedras Grandes, Mutucal, Iriteua, Algodal de Fora...). Por ser, em sua maioria, de uma vila de pescadores, a povoação realiza no dia 29 de junho a procissão fluvial em homenagem ao dia de São Pedro (santo de devoção dos pescadores), pedindo-lhe proteção e boa pesca.

Abade teve como um dos seus grandes benfeitores, o Sr. Raymundo Júpiter Maia, comerciante que construiu a Igreja Católica de São João Bosco, em homenagem ao santo para pagar a promessa de o filho haver nascido com vida, depois de um parto difícil<sup>34</sup>. Um morador ilustre da Povoação é o Tenente da Marinha, o Sr. Nazaire Cordovil Barbosa, ex-combatente da 2ª Guerra Mundial, com medalha de guerra de três estrelas e reformado da Marinha do Brasil (BARBOSA, 2012), ele é um grande incentivador da Educação, estando à frente da ASCOM (Associação Comunitária Muriá), escola de ensino fundamental que incentiva também o ensino de música através da Banda de Fanfarra da escola.

<sup>33</sup> Grude: feito da bexiga de alguns peixes, possui alto valor comercial no Oriente e Europa.

<sup>34</sup> O filho de Júpiter Maia é médico e reside em Belém, na capital do Estado.

FIGURA 20: Mapa da povoação São João do Abade e fotografias de alguns locais.



Fonte: Pesquisa de Campo, mapa confeccionado pela Agente Comunitário de Saúde, Simone Soares, 2013. Fotografias dos locais na Povoação (da esquerda e acima) 2,3,4 da autora e 1,5,6 de Derick Saffer, 2014.

No mapa da povoação é possível localizar os lugares importantes para o abadiense, indicando seus locais de moradia, trabalho e interação social, tais como igrejas, praças, ruas, mercado, orla, escolas e um local de divisão territorial, a Ponte do Abade (ponte sobre o Rio Grande), em que moradores de todo o município podem percorrer para comprar peixe, trabalhar, ir para casa (Abade, Ilha de Fora), participar do Concurso Garota Verão (mês de julho), Círio Fluvial de Nossa Senhora do Rosário (setembro), Festa de Santos Reis (madrugada do dia 06 de janeiro), Festividade de São João Bosco (31 de janeiro), ir à praia da Romana.

Uma característica marcante da povoação é a inexistência de um cemitério, seus moradores acreditam que Abade é lugar para viver e não para morrer! Uma das tentativas de se fazer um cemitério no local foi do ex-vereador Oscar Pedro de Araújo, que obteve aprovação do seu Projeto de Lei (de acordo com o parecer da Câmara Municipal de Curuçá<sup>35</sup>, do dia 28 de abril de 1984), pedindo à Prefeitura de Curuçá, um terreno para a construção do mesmo, cujo projeto se encontrava em perfeita ordem e constitucionalmente legal, conseguindo uma área de no mínimo um hectare para a construção. Entretanto, quando a população soube o que seria feito, invadiu o terreno, que hoje é um bairro chamado Sertão.

A construção de um cemitério na povoação é polêmica, em uma conversa no ano de 2012 com o ex-vereador Oscar Araújo, este me disse que queria o bem da população do Abade, diminuindo a caminhada de 5km que fazem para o cemitério, levando a urna nos braços. Outro fato relevante seria a super lotação do cemitério no centro de Curuçá, porém seus argumentos não foram aceitos pela população e até o ano de 2014 não há cemitério no local, o que lembra o acontecimento que se deu na Bahia no dia 25 de outubro de 1836, a Cemiterada, quando as irmandades não aceitaram a construção de um cemitério, o Campo Santo, pois queriam continuar com os sepultamentos de seus irmãos na igreja católica, por acreditarem estar mais próximos de Deus, do Céu e dos Santos. (REIS, 1991). Na Cemiterada houve a destruição do cemitério, em São João do Abade, nem deixaram construir um na Povoação, pois o local santo para os abadienses é São Bonifácio, como as igrejas eram para as irmandades.

Em um ofício do ano de 1986<sup>36</sup>, o Deputado Hermínio Calvinho Filho, através da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, informa ao prefeito de Curuçá, Osvaldo Félix Nauar, que tramitava naquele legislativo o Projeto de Lei nº 17/85, do Deputado Célio

<sup>35</sup> Documento que consta nos anexos desta dissertação com o Título: Parecer da Câmara Municipal de Curuçá sobre o projeto da construção de um cemitério na povoação São João do Abade.

<sup>36</sup> Ofício nº 1692/SEC-86, de 14/08/1986, de autoria do Deputado Hermínio Calvinho Filho ao prefeito de Curuçá Osvaldo Félix Nauar. Arquivo Público Municipal de Curuçá-PA.

Sampaio, objetivando a elevação da povoação São João do Abade à categoria de distrito do Município de Curuçá, mas que para isso, necessitava saber se existia prédio para instrução pública e área para cemitério. Não encontramos documento com a resposta da prefeitura de Curuçá para o ofício em questão, mas encontramos o motivo pelo qual São João do Abade continua Povoação e não Distrito, a falta de um cemitério.

---

### **3.2- O CORPO DO FRETE, O CORPO NO FRETE, O MEU CORPO NO FRETE**

---

Para compreender o comportamento do abadiense diante da morte, assumi o campo epistemológico da Etnocenologia que tem como principal pilar epistemológico o estudo das Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados (PCHEO) (Manifesto in: TEXEIRA, 1996) e segundo o que Armindo Bião (2009c) interpretou sobre os significados da palavra ETNOCENOLOGIA que constam no Manifesto da nova disciplina. ETNO é o sentido de diversidade cultural, CENO está para além do corpo biológico, indo para o espaço espetacular que ele se estrutura, os participantes do fenômeno, todos em sua situação relacional na cena e LOGIA para relacionar a aprendizagem dessas relações no ambiente dos praticantes.

É olhando para o Frete (funeral do Abade), em seu corpo, enquanto estrutura espacial, com participantes e investigadora do fenômeno em uma relação de vivência e convivência, de troca de conhecimentos que interagem e interligam a artista-pesquisadora-participante (BRÍGIDA, 2007) a esse contexto cultural, que almejamos ver o corpo do funeral, os corpos (vivos e mortos) em exercícios de alteridade com a passagem da morte por um lugar onde não há cemitério. O que caracteriza o comportamento dos abadienses em um momento de Morte Selvagem (ARIÈS, 1990), que quanto mais distante desse local de sepultamento melhor; e que também apresenta comportamentos de Morte Domada com momentos de Espetacularidade em cortejos fúnebres.

Em São João do Abade, quando morre algum morador, a família decide como vai ser feito o funeral, entram em contato com Ana Lúcia Farias para preparar o corpo do morto: dar banho, vestir e aplicar formol (alguns chamam “salgar o morto”) e preparar o Frete: organizar as comidas que serão feitas e servidas no velório, os jogos de baralho e dominó na frente da casa do morto e o cortejo para o cemitério São Bonifácio. Durante o velório, os participantes se distraem deste momento de dor, contando histórias do morto, fazendo e /ou servindo as comidas e os familiares recebem os visitantes. Em meio a esse ritual, há uma solidariedade em sentir a dor, é comum durante o velório, até na madrugada, fazerem *avoado*

(muitos peixes assados ao mesmo tempo), principalmente se o morto era pescador, ou consumirem bebidas alcoólicas se o morto estava sempre em bares.

FIGURAS 21, 22, 23 e 24: Divisão de espaços e tarefas no velório. Povoação São João do Abade, Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2013.

Os espaços do velório são ocupados: espaço do morto com flores, velas, imagem de Cristo, vivos que choram, conversam e se despedem do falecido; cozinha, espaço ocupado por mulheres que preparam as comidas para serem servidas aos que visitam o morto durante o velório; rua, a frente da casa, um espaço para a alegria, os jogos de baralho e dominó, momento para se distrair, esquecer a morte, um espaço de todos. Na rua sentei junto a mulheres que me contaram histórias de outros Fretes, tomei mingau de arroz; espaço do morto, falei para um morto (o Seu Oscar) o quanto eu estava triste e decepcionada por ele nos

deixar. Nos primeiros velórios, senti medo, como era de costume, pois eu só presenciei funerais tristes em Belém, eu tinha medo de olhar o morto e imaginá-lo em decomposição, participar de funerais foi difícil!

O dia seguinte é o momento que o morto sai de casa, levam-no em cortejo pelas ruas da povoação até o cemitério. Antes da saída, os familiares fazem as últimas orações na casa, depois quatro homens tiram a urna e começam o cortejo. Por organizar o Frete chamam a Ana Lúcia Farias, a Dona do Frete, ela pede dinheiro aos que estão no cortejo, faz coleta para comprar cachaça e vinho que serão distribuídos durante o percurso de 5 km, várias frases são ditas neste momento da coleta: “olha a forra que o Mirico deu!” (para quem dá dinheiro pela primeira vez), “tu vai morrer um dia!” (para quem não dá dinheiro), “Égua, é muito travoso!” (para quem dá pouco dinheiro) etc.

Durante o cortejo, os que passam pela rua (participantes momentâneos) dão dinheiro em consideração ao morto, como o que acontece em alguns lugares da África, pois acreditam que a viagem do morto até o seu destino dura 75 dias, os lapões pensam em três semanas, por isso dão dinheiro para que ele pague a sua travessia ou como no Japão que o dinheiro é entregue a uma mulher idosa com a missão de seguir a evolução da alma (BAYARD, 1996). Para os gregos, depois de fechados os olhos do morto, colocava-se uma moeda em sua boca para que este pudesse pagar a passagem no barco de Caronte, o responsável pela travessia do rio entre os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos. (SALOMÃO, 1964). A coleta em Abade é para as bebidas; em outras culturas é para pagar a passagem de barco ao outro mundo.

Com o tempo, fui me acostumando a levar o dinheiro trocado (R\$ 2,00 a R\$ 5,00), a Ana Lúcia cobra dos que sempre acompanham (participantes fixos), para quem não dá o dinheiro, ela diz “Tu tá muito pobre! Como é que tu vem pro Frete sem dinheiro?”. Em um Frete de 2014, eu cheguei antes da saída do morto da casa, vi a Dona do Frete sentada na Praça dos Santos Reis e me direcionei à ela para entregar o dinheiro, quando ela me olhou, disse: – “Se acalme professora, que aqui até o morto chega atrasado!” É que no velório desse morto todos estavam na casa dele fazendo o velório, as pessoas reunidas rezando, tomando mingau, conversando desde às 20h e o morto só chegou às 23h. Esta situação do morto atrasado já entrou para o rol das conversas e brincadeiras.

FIGURAS 25 e 26: No momento da saída do morto: A Ana Lúcia Farias faz a coleta e quatro homens tiram o caixão da casa, iniciam o cortejo.



Ana Lúcia Farias,  
a Dona do Frete.

Fonte: pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012.

A tristeza fica dentro da casa do falecido, na rua é alegria em pedir dinheiro para comprar as bebidas, cada valor recebido é comemorado, quanto mais bebidas, pessoas e alegria, maior o prestígio do morto na povoação. Um bom Frete é orgulho dos familiares e fica para história, como o do Coroado que foi à noite. Era tanta bebida que alguns abadienses dormiram bêbados pela estrada, foi inesquecível pela quantidade de pessoas, bebidas e por ele ser enterrado à meia noite.

No cortejo, há divisões por gênero: os homens tiram o morto da casa e seguem com ele até o local chamado Ponto da Mangueira, onde as mulheres assumem a urna. Durante o percurso vão se revezando para levar o morto. Eles consomem cachaça; elas, vinho. A bebida alcoólica ajuda a amortecer o corpo e a alma contra as dores físicas e emocionais; a embriaguez traz alegria, euforia; para quem bebe, o cortejo segue sem cansaço, durante os 5 km até o cemitério. O féretro bem acelerado, homens e mulheres correm para chegar mais perto e carregar o amigo, sendo um privilégio somente para quem foi bom vizinho, amigo, trabalhador, que teve bom convívio na povoação. E para quem leva o morto é uma honra seguir sua última caminhada. Para registrar o Frete, eu tive que correr, por vezes, pensei que passaria mal, o percurso é de 5 km, eu corria 7km e no outro dia o meu corpo estava com inchaços e dores, no maior Frete que acompanhei, fiquei um dia sem poder andar.

FIGURAS 27, 28, 29 e 30: Durante o cortejo do Frete, a rua é o lugar para a alegria, bebida, brincadeiras.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012-2014.

As pessoas acompanham o cortejo do Frete com roupas leves do cotidiano (bermudas, sandálias, camisetas, bonés, chapéus de palha). Não se vestem com roupas pretas para representar o luto; elas estão à vontade para seguir pela PA-136, atravessar a ponte do Abade e sepultar o seu ente querido em Curuçá. Na rua, todos podem acompanhar, gritar, rir, brincar, fazer bagunça, algumas mulheres pegam nas nádegas de outras, talvez seguindo o ditado popular que “o de porre não tem dono!”, o cortejo segue animado com homens consumindo cachaça e mulheres bebendo vinho. Próximo ao cemitério, muitos já estão bêbados, perderam sandálias, mulheres se derramam vinho, há confusão com homens que se intrometem no

momento das mulheres e ouvem expressões como “Seu mulhezinha!”, “Olha, já qué me mandá. Não tô dizendo!”, o corpo entra em outro estado, fica alterado, embriagado, altivo.

O cortejo acaba na frente do cemitério, as mulheres entregam a urna para os quatro homens que tiraram o falecido da casa; neste momento há uma quebra de ritmo. Agora vai se adentrar um campo santo, atravessar o portal do cemitério, onde só é permitido o choro, tristeza e despedida. Ao final, se estabelece um limite para a alegria; é a retomada da tristeza.

FIGURAS 31, 32, 33 e 34: Chega o momento de atravessar o portal do cemitério e voltar à tristeza.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012-2014.

Quando se atravessa o portal do cemitério, a brincadeira, a bagunça, a gritaria, tudo que envolve alegria cessa, o choro é imediato, como se a notícia da morte chegasse naquele

momento, todos se dirigem ao local para o sepultamento, são feitas as últimas orações, abre-se o caixão para o adeus, todos se despedem, até as crianças participam, elas convivem com esses rituais e não temem a morte. Enquanto acontece a despedida e o sepultamento, os que querem continuar na alegria ficam “no bar”, do lado de fora do cemitério. No Frete, há regras, quem entrar com bebidas no cemitério, brigar, ficar porre, é suspenso por dois funerais, se alguém entra com bebidas alcoólicas, a Ana Lúcia recolhe a garrafa, coloca para fora do cemitério e diz: “Sua babuzeira, tu não vem mais!”.

FIGURAS 35 e 36: A alegria e as bebidas ficam “no bar”, fora do cemitério.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, esquerda (2012), direita (2014).

Com muita alegria proporcionada pela embriaguez, eles conversam, brincam e sentados na calçada do São Bonifácio, esperam a finalização dos rituais fúnebres para retornarem às suas casas no ônibus fornecido pela prefeitura de Curuçá. Os abadienses, na sua maioria embriagados, voltam na maior algazarra, comentam fatos marcantes do Frete, contam piadas, pulam e gritam no ônibus que veio desde o início do percurso, porém só com poucas pessoas (idosos e crianças). Durante o cortejo, é possível visualizar as quatro pessoas com o caixão, os populares seguindo, depois pessoas em bicicletas, motos e o ônibus vazio. Depois da caminhada (intercalada com corridas para alcançar o caixão) de 5 km, o abadiense volta para casa superando mais uma passagem da morte, superação que está ligada à embriaguez, símbolos e rituais para levar o falecido para a sua nova casa, o cemitério.

O Frete é um *macroevento* que ultrapassa a rotina, sendo *extracotidiano*, *Espetacular* (BIÃO, 2009d), no cortejo do Frete há *participantes fixos* como familiares, amigos e aqueles que sempre acompanham e *participantes momentâneos*: transeuntes que durante o cortejo dão

dinheiro para as bebidas, pessoas que assistem a passagem do funeral na rua ou nas janelas. A algazarra é generalizada, há a embriaguez para esquecer ou enfrentar o momento da morte e principalmente para amortecer e alegrar o corpo que se altera na rua. São participantes fixos que assumem papéis importantes de comando, carregadores e carregadoras do caixão, garçom e garçonetes para a bebida, mas que em *microeventos cotidianos*, na *Teatralidade* (BIÃO, 2009d), na interação do dia a dia são pescadores, professores, agentes de saúde, garis, peixeiros, estudantes, donas de casa, autônomos, que no Frete são visualizados através de seus corpos sóbrios ou alterados pela embriaguez, que brincam, correm, bagunçam, em um momento que, para muitos, seria de tristeza.

---

### 3.3- A DONA DO FRETE

---

Quando Ana Lúcia Farias da Silva, 43 anos, Agente Comunitário de Saúde (ACS) do município de Curuçá, começou a se envolver com o funeral da povoação São João do Abade, não gostava da palavra *enterro*, achava-a “pesada”. Pensando que a família enlutada estivesse fretando o povo para levar o morto nos braços, começou a chamar de *Frete*. O povo leva o defunto nas mãos, não deixa levar no carro e a família não precisa pagar, a Ana Lúcia dá nome ao funeral da povoação do Abade, sendo ela participante do mesmo, legitimando o que Armindo Bião (2009a, p. 40) aponta ser a nomenclatura do fenômeno “[...] conforme quem vive e faz, denomina o que faz e vive”, preferindo usar a nomenclatura dada ao fenômeno pelo próprio praticante, o que também acontece com a nomenclatura *Dona do Frete* dada pelos participantes à Ana Lúcia Farias no momento do fenômeno.

O fenômeno em suas categorias nativas: Frete e Dona do Frete, fez-me refletir sobre categorias a partir das minhas reflexões da pesquisa. As categorias que proponho são: *corpos frete*, as pessoas que são “fretadas”, “contratadas”, como “veículos”, “carros” para levarem, transportarem, carregarem o caixão até o cemitério. *Corpo fretado*, o morto que é levado até o cemitério, o corpo a ser transportado, levado a sua nova morada, como “objeto” em um carro fretado, como num frete: transporte de carga em veículo (SACCONI, 2001). E *equipe frete*, as pessoas que fazem parte do rol de amigas da Dona do Frete e que são chamadas para auxiliá-la durante o que cabe a ela quanto responsabilidade: velório (bebidas, comidas, jogos de baralho e dominó) e cortejo fúnebre (homens e mulheres [cada um em seu momento] levam o caixão ao Cemitério São Bonifácio).

O Frete não é obrigatório a todos os abadienses, sendo um funeral para quem respeita suas regras sociais, tendo-se um bom funeral, o morto que se relacionou bem na comunidade.

Para outros fica difícil “até arrumar” quem os carregue, pois a Ana Lúcia sai convidando de casa em casa e não consegue reunir mais de 50 pessoas para acompanhar, não é que tenham que ir a todos os Fretes ou visitar todos os doentes, mas que compareçam de vez em quando. Há pessoas que reclamam por ela fazer o convite para acompanharem o funeral, a essas pessoas chamam de *Mirico*<sup>37</sup>. É costume dizer para quem vai pela primeira vez a um Frete: – “Olha a forra que o Mirico deu!”.

Já aconteceu de não ter quem carregasse o caixão e o morto ir no carro, “faltou amizade” na comunidade, a Dona do Frete já faltou a dois, pois “viu” que as pessoas não tinham “nada a ver” com ela. Há três anos, com o falecimento da mãe, decidiu não dar só café para quem chegava ao velório, então, à noite, serviu carne bovina e frango, vatapá, arroz com galinha, mingau de milho e de arroz, durante os sete dias de orações católicas foram servidos: salgados, arroz com galinha, vatapá, refrigerante. Passados uns dias, morreu alguém e ela perguntou se iriam servir só café, alguém respondeu: – “Não. Vamos fazer igual ao da tua mãe!” e assim foi feito, não que tenham começado aí as comidas no velório, mas a Ana Lúcia não se lembra de antes ser assim.

O defunto atravessava a noite na companhia de parentes e conhecidos, para os quais se providenciava comida e bebida [...] hábito, que herdamos de Portugal e da África, ainda comum em nosso meio rural... Cobia aos vivos zelar para que maus espíritos não se aproximassem neste momento decisivo; cobia-lhes fortalecer sua alma com rezas e outros gestos, tocava à família cuidar para que parentes, amigos e vizinhos não fraquejassem e enfrentassem a noite com espírito elevado, daí a distribuição de comes e bebes, inclusive bebida espirituosa [...]. (REIS, 1991, p. 130)

Apesar de a Dona do Frete não se lembrar de antes servirem comidas e bebidas no velório, João José Reis em *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, fala-nos que no passado esses costumes eram comuns. Verificamos assim, uma possibilidade de retorno aos costumes que haviam se perdido, mas que agora retornam com força e entusiasmo pela população. No meio rural, o vizinho é um parente próximo ou não, em Abade parece não se ter perdido essa característica de cooperação entre as pessoas, pois o Frete é feito com doações, os ingredientes são trazidos e as comidas são feitas durante o velório. São três perguntas: De quem é o Frete? Quem pode ajudar? Com o quê?

A equipe frete é organizada assim: Quem toma conta da cozinha: Laura Cordovil, Nazaré de Sousa, Renata de Sousa, Lidiane de Sousa, Analice Farias, Ângela Bentes, Joselina Oliveira (Rica), Maria Bentes, Doralice Dias (Dora); carrega o morto (corpos frete): Edson

<sup>37</sup> Eles se referem a um homem conhecido como Maçarico que não foi nem no Frete da própria filha. Dizem que quando ele morrer “não vai ter” quem o leve, e há pessoas que proibem a Dona do Frete de organizar, quando chegar o dele: – “Ele vai de carro, pra aprender!”. Contudo, ela afirma que como os filhos dele acompanham, há a possibilidade de sair o Frete dele.

Barbosa (Relembrado), Salomão Pereira, Raimundo da Silva, João Neves (Tourinho), Wilson Neves, Cristiano Oliveira, Francisco Mariano, Nazareno Dias e toma conta dos jogos (baralho e dominó): Robenilson Serrão (Bi). A comunidade se organiza para que durante aquele momento tudo ocorra bem com o tempo do morto em casa, o cortejo e os rituais que seguem sejam com união e grande amizade, unem-se em uma espécie de *Communitas*.

A “communitas” inrompe nos interstícios da estrutura, na linearidade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade. Em quase toda parte a “communitas” é considerada sagrada ou “santificada”, possivelmente porque transgredir ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes [...]. (TURNER, 1974, p.156)

A Dona do Frete, a equipe frete, familiares e amigos do morto se unem para fazer o Frete, com amizade, lembranças e força para levar este ser social, que agora está nos braços do povo, dos corpos frete, força de cooperação que tem vez na povoação. Em outubro de 2012, algumas pessoas foram expulsas de um velório porque estavam rindo alto e a madrasta do morto – que não é da povoação – achou um absurdo tanta alegria, ela exigia respeito, sobre isso a Ana Lúcia diz que apesar dos pulos, gritos e risos, há sentimentos, que podem fazer tudo, mas o morto não voltará:

Morreu, não tem mais jeito não! Só outro de porcelana... Eu grito, eu pulo, eu faço a coleta e tudo. Não pensa que eu não tenho sentimento! O problema é que não vai trazer ele de volta! Tu pode ter certeza! Nem adianta tu berrar, gritar... O sentimento é de vocês, da família... A gente sente quando é nosso amigo... E ele quando tinha Frete, que ele ia... Ele gostava, brincava, bebia, pulava<sup>38</sup>...

Naquele funeral quem estava no velório rindo, contando histórias foi expulso pela madrasta do morto por não conhecer como é esse ritual em Abade, ela não queria alegria num momento de tristeza, era pesar e não comemoração. A Dona do Frete explica que o morto era um amigo que gostava de beber, pular, gritar nos cortejos, que comungava do mesmo pensamento e não seria diferente no momento de partida, deveria ser feliz e ficar triste, chorando, gritando não o traria de volta. O corpo está sem vida, então porque chorar?

Segundo Luís César Oliva (2012), os pensamentos de Aneu Sêneca (4 a.C. 65 d.C.), Blaise Pascal (1623-1662) e Baruch de Espinosa (1632-1677), divergiam bastante quando se tratava da Morte. Sêneca aponta o nascimento como o início do perecer, nós obedecemos à Natureza, tudo que nasce morre, a dor e as lágrimas são inúteis, sendo o destino imutável e lamentar não leva a nada. O pranto excessivo aparece como atitude irracional, moldada por

<sup>38</sup> Ana Lúcia Farias em entrevista no dia 23 jan. 2013, falando de sua conversa com o pai do falecido, sobre o velório em que algumas pessoas foram expulsas do local pela madrasta do morto.

padrões sociais que indicam prestígio, beleza e dignidade em sofrer por longos períodos. Para Pascal, a morte é a punição por Adão ter cometido o pecado original, ficando o homem submetido à mortalidade de seu corpo e à justiça de Deus. Já para Espinosa, a morte não está na essência do homem, em sua Natureza, pois ele é perseverança. Essas três concepções se assemelham às falas que aparecem durante o Frete ou a passagem dele, causam divergências de pensamentos e de comportamentos diante da morte.

O funeral do Abade é repetido dentro de um espaço com pessoas que estão caracterizadas em seus papéis sociais. A Dona do Frete exerce seus serviços; antes só tomava conta do velório e do cortejo, hoje, dá o banho, aplica o formol e arruma o morto, é uma obrigação na povoação, que só termina quando voltam para casa e diz à família que terminou o contrato. Ana Lúcia Farias inaugura o papel social de Dona do Frete que pode ser classificada como *Forma Cotidiana* de papéis sociais, terceiro subconjunto das *Práticas e Comportamentos humanos Espetaculares Organizados*- PCHEO da Etnocenologia, sendo a Dona do Frete reconhecida socialmente (BIÃO, 2009b, p. 94) por seus figurinos (roupas confortáveis, boné ou chapéu, chinelo), adereços (apito, garrafas de bebidas alcoólicas), posturas corporais (altivez, bom preparo físico correndo durante o cortejo), formas de expressão vocal e gestual.

O maior desejo dela é agregar, já consegue que pessoas de outras religiões fiquem no momento das orações católicas (porém não participam), quer que mais pessoas fiquem na vigília fazendo um revezamento para a tristeza não predominar no ambiente. O que chama sua atenção é ver que o cortejo segue com muita festa, que as pessoas vão gritando, bebendo, correndo, mas na porta do cemitério acaba tudo, é a vez da família se despedir, é o momento do choro. O que se reconhece do cortejo com alegria, gritaria, corpos ativos, brincadeiras, bagunça e euforia na rua, é para a Etnocenologia, a Espetacularidade: uma consciência reflexiva, clara do olhar do outro e de seu olhar para apreciar a alteridade (BIÃO, 2009b, p. 93), acontecendo de muitos terem uma participação mais ativa neste momento, desde a saída da casa do morto, até a chegada ao cemitério, deixando as orações para os familiares e conhecidos do falecido.

[...] o espetáculo fúnebre realmente distraía o participante da dor, ao mesmo tempo que chamava o espectador a participar da dor. Reunidos solidários para despachar o morto, os vivos recuperavam algo de equilíbrio perdido com a visita da morte, afirmando a continuidade da vida. (REIS, 1991, p. 138)

O comportamento espetacular do abadiense diante da morte com regras do funeral: bebidas, comidas, jogos de baralho e dominó, cortejo fúnebre (em que homens e mulheres têm

seu momento para levar o morto), gritos, piadas e brincadeiras, demonstram a dor que deve ser enfrentada, juntando-se aos amigos para confortar a família e a si mesmo diante da visita da morte. O Frete é um evento extracotidiano, sendo um jogo social que ultrapassa o aspecto de rotina, sendo espetacular (BIÃO, 2009d) em São João do Abade, com toda a sua importância àqueles que souberam demonstrar amizade durante a vida. A cada organização da casa, do cortejo e seguindo o roteiro pré-estabelecido, a vida é celebrada, tentando esquecer a dor da ausência.

FIGURA 37: O final do Frete de Maycon Matos na frente do cemitério São Bonifácio. Curuçá/PA. 2012.



Fonte: Pesquisa de campo, imagem de Analice Farias, 2012.

A equipe frete faz pose para a foto na frente do cemitério São Bonifácio, a mesma que na noite anterior foi expulsa do velório de Maycon Matos (no dia 11 de dezembro de 2012) por estarem rindo, bebendo, divertindo-se em um momento que, segundo a madrasta do morto, era de tristeza. Na frente do cemitério eles se reúnem e junto à artista-perquisadora-participante, organizam-se em uma cena que mostra não só os seus sorrisos, brincadeira, como também garrafas de cachaça, vinho e vestidos com roupas do cotidiano (bermudas, camisetas, chinelos, chapéu).

---

### 3.4- A TOALETE DO MORTO

---

No século XVI os artistas Andreas Versalius e Leonardo Da Vinci para conhecerem os segredos do corpo humano, dedicaram-se a desenhos de corpos mortos, como artistas e anatomistas, assistiram ou fizeram dissecações em Teatros Anatômicos<sup>39</sup>. Andreas Versalius (1514-1564), em *De Humani Corporis Fabrica* (1543) apresenta sete livros: *Ossos e Juntas, Músculos, Coração e Vasos Sanguíneos, Sistema Nervoso, Órgãos Abdominais, Tórax e o Cérebro*. Leonardo Da Vinci (1452-1519), com seus *Cadernos Anatômicos* (lançado em 1680), mostra 1.200 desenhos dos Sistemas: cardiovascular, esquelético, muscular, nervoso, respiratório, digestivo, urogenital, embriologia e Anatomia comparada<sup>40</sup>. Século XVI um período de grande valorização do corpo, um olhar voltado para a anatomia.

[...] a abertura e a inspeção sistemática do cadáver humano tornam-se o meio privilegiado de conhecer o corpo, de obter-se um saber sempre mais preciso e detalhado de sua estrutura consagrada a revelar aquilo que a pele esconde ao olhar, rompendo, portanto, com essa fronteira entre o interior e o exterior, a anatomia instaura, na aurora moderna, um dispositivo de conhecimento. (MADRESSI, p. 7, Apud SOARES, 2007, p. 106)

O corpo morto é o local de estudos para o estudante de Educação Física, primeiro paciente dos enfermeiros e médicos, é a partir dele que se estuda o ser vivo, o olhar para o seu interior, partes separadas ou não, um olhar para a arte, onde se verifica a uniformização do esqueleto, como se todos os homens fossem iguais, há a inferiorização do corpo feminino, comparado ao de crianças ou apresentando sua relevância somente através de seu órgão reprodutor (MARZANO-PARISOLI, 2004). Na vida, deparamo-nos com o corpo que morre e, para o seu sepultamento, dissecação, tentativa de preservação, há uma preparação, a toailete do corpo morto, e segundo Reis (1991) não era qualquer pessoa que poderia realizar, teria que ser um especialista em manipular defuntos:

Carecia serem homens e mulheres probos, honestos, especialistas da arte. Pessoas que se fizessem ouvir e atender pelo morto, a quem chamava pelo nome, instruindo-o: “dobre o braço, Fulano, levante a perna, deixe ver o pé! [...] Fulano, feche os olhos para o mundo e abre-os para Deus”. (REIS, 1991, p. 115)

A preparação do defunto tem que ser feita por um especialista conhecedor dos mecanismos deste momento da toailete do morto como aponta João José Reis, é preciso se fazer ouvir pelo morto, para que tudo ocorra bem. David Sudnow (1971) enfatiza que no

---

<sup>39</sup> Locais onde aconteciam e acontecem (no caso das faculdades de Medicina e Educação Física) as dissecações de corpos humanos.

<sup>40</sup> Disponível em: [books.google.com.br](http://books.google.com.br). Acesso em: 28 nov. 2013.

ambiente hospitalar, a técnica de amortilhar o morto é ensinada com o sentido de uma atividade cerimonial, uma espécie de rotina semirritual, como se preparasse o paciente para uma cirurgia. No funeral do Abade essa preparação segue algumas regras como: dar banho, vestir, aplicar formol... Mas como se prepara esse corpo morto que é o principal elemento do funeral? Como e quando a Ana Lúcia Farias começou a cuidar do corpo e que etapas seguem esse ritual de preparação? De que forma ela vê esse corpo: com ou sem vida? Com ou sem a presença dessa pessoa? Que relações se estabelecem com o corpo morto?

[...] as pessoas faziam, eu ficava prestando atenção... Saliência, eu queria está lá pra vê, aí o pessoal: – “Ah, tem que dá banho no defunto!”. Aí todo mundo ficava com medo, uns tinham nojo... Do jeito que tiver tem que dá, banhar, aí eu já tomava a frente, já banhava, já vestia a roupa, já botava no caixão. Aí de uns tempos já apareceu o tal de Formol<sup>41</sup>... Aí o do formol eu vi uma vez... Um rapaz, que veio de Belém, preparando lá em Marudá<sup>42</sup>, aí eu prestei atenção como era, aí só não lembro em quem eu experimentei fazer, em qual defunto. Aí de lá pra cá pronto! Chegou [o morto] ou tá na cama, na rede ou em cima de um papelão no chão, é que coloca uma água dentro do balde ou numa bacia, normalmente coloco álcool, aí banho passando com um pano, limpo tudinho! Tem alguns que são EGIGENTE, querem até talco Barla! Aí põe normalmente nas mulheres, colocam fralda descartável, fralda geriátrica e uma calcinha por cima, os homens não, é só meter a cueca, normalmente é calça comprida.<sup>43</sup>

A Ana Lúcia Farias não fez curso para aplicar o formol ou cuidar do morto, aprendeu observando outras pessoas prepararem. A família do morto pede, ela dá banho, veste a roupa completa<sup>44</sup> e tem algumas peculiaridades também, que deixa “escapar” as exigências da família, quais são as roupas íntimas colocadas e os cuidados que seguem para cada gênero. O ato de vestir o corpo, escolher a vestimenta para o cadáver, enfeitá-lo, maquiá-lo é para torná-lo mais agradável em seus últimos momentos, aos olhos da família e amigos. Segundo Jean-Pierre Bayard (1996, p. 141):

Na origem, a mortalha cobria o corpo nu, posto diretamente na terra. Os monges introduziram o costume de sepultar com o hábito, na Idade Média foram criados os envoltórios feitos de couro de boi costurados, os bispos passaram a ser sepultados com as vestes sacerdotais e os cavaleiros, com a sua armadura. Por isso, no século XVIII, os mortos começaram a ser vestidos.

A vestimenta é muito importante na preparação do corpo, seja pensada pelo jacente ou família, pessoas são enterradas com roupas brancas, coroas na cabeça ou simplesmente com

<sup>41</sup> Sinônimos: formaldeído, formalina, metil aldeído, metileno glicol, oxido de metileno, metanal, formalida 40, morbicida, BFV, formalite, aldeído fórmico, Yde, Ivalon, Karsan, Lysoform, Oxometano, Oximetileno. Têm diversos usos: alisamento de cabelos, preservação de cadáveres, em fábricas madeireiras, cosméticos... Disponível em: <http://www.inca.gov.br>. Acesso em 28 set. 2013.

<sup>42</sup> Localidade de Marapanim-PA (nordeste paraense, aproximadamente, 170 km de Belém) .

<sup>43</sup> Entrevista realizada com Ana Lúcia Farias em: 19 set. 2013.

<sup>44</sup> Ela diz que veste o morto de corpo inteiro, não veste no caixão, não corta a roupa.

uma roupa que mostra imagens ou que lembram as vestes de Santos como São Francisco de Assis<sup>45</sup>. Quando acontece o falecimento de alguém do Abade, seja em Curuçá, Belém ou Castanhal, sempre entram em contato com a Ana Lúcia para preparar o corpo, por ser muito conhecida na povoação, já aconteceu de pessoas que sabiam que suas mortes estavam próximas, pedirem-lhe que fizesse o Frete, a preparação de seus corpos e que acompanhasse o momento da morte:

[...] uma senhora lá da minha área,<sup>46</sup> Dona Donata, ela vivia doente, aí um dia eu cheguei lá e ela disse que... tinha mandado fazer a roupa dela... Ehhh, ela queria quando morresse, ainda falou assim: – “Eu sei que não vou demorar muito e quando eu morrer, eu quero que você venha vestir a minha roupa!” [...] Aí quando foi um dia de domingo, dia três de janeiro [...] Quando eu cheguei lá, ela tava na cama falando, aí pediu pra eu chamar a neta dela pra tirar o esmalte da unha dela, aí eu disse: – “Bora pro hospital!” Ela olhou pra mim e falou: – “Não minha filha, não dá tempo! [...] Não quero ir! Eh, eu já mandei chamar a Maritinha [...] que fez a minha roupa, mandei chamar ela pra passar”. Aí eu saí, quando eu saí, lá na cozinha tava a mulher passando, aí eu olhei pra Dona Maritinha e falei: – “Pra que a senhora tá passando a roupa? Que roupa é essa?”. – “Ah, a minha madrinha – ela tava chorando – a minha madrinha que mandou eu fazer, agora eu tô passando”. Falei: – “Para com essa bestêra!”. Quando eu falei PARA, a filha dela gritou. Quando eu voltei pro quarto ela tava morrendo... A filha dela disse: – “Ana, faz alguma coisa!”. – “Pôxa! Não tô podendo fazer nada!” Eu só botei a mão por de baixo, aí ela morreu... Aí quando ela morreu a filha dela trouxe a roupa e disse: – “Olha, tá qui, isso aqui é por tua conta!”. Aí fui, banhei, vesti e fui atrás do caixão, tudo! E vim embora pra casa!

O trabalho em acompanhar a saúde do Abadiense é o motivo de conhecer a vida e os familiares do enfermo, Ana Lúcia se lembra de Dona Maritinha e o pedido para acompanhá-la em seus últimos momentos, sua confiança e amizade, é a volta do testamento, reconfigurado em testemunho, em que os enfermos dizem como querem seus funerais, quem prepara o corpo e a vestimenta já está escolhida. Ela diz que nunca deixou de preparar um cadáver seja de enforcado, atirado, afogado ou encontrado depois de dias, já ficou preparando o corpo sozinha, as pessoas não aguentaram o odor. Difícil foi fazer o Frete do grande amigo Oscar Pedro de Araújo, companheiro de cooperação no funeral do Abade, momento de dor que a fez chorar, momento raro para a Dona do Frete, pois ela é vista como uma mulher de grande força, independência e coragem, mas não quer dizer que não tenha sentimentos e saudade daquele que ela prepara e se despede. Sobre as técnicas da toalete há segredos:

Ele [o formol] segura [se for aplicado] até dez horas após o falecimento, esse formol normal aqui, esse formol de pobre. DISQUE agora tem umas e outras coisas que fazem, que fica três, quatro dias, ainda não sei disso aí! Então o pessoal não entende às vezes! Já me neguei a fazer, neguei não! Cheguei lá e falei: – “Olha, vocês

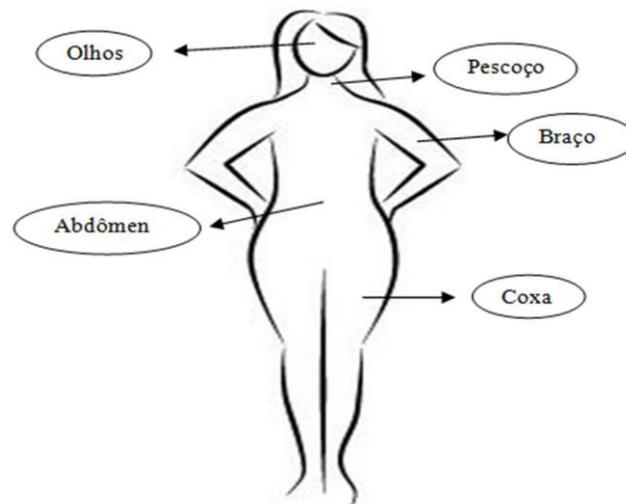
<sup>45</sup> A mortalha inspirada nas vestes de São Francisco de Assis tem sua herança ibérica. No passado, muitas pessoas escolhiam o hábito do santo por ele ter seu lugar destacado na escatologia cristã (REIS, 1991).

<sup>46</sup> Área de Agente Comunitário de Saúde em São João do Abade.

querem que eu faça? Eu vou fazer! Mas não vai adiantar nada!” Porque já fazem, vamos supor... Dezesseis horas que a pessoa morreu, o formol vai voltar e daqui a pouco ele vai começar a feder, não tem jeito!

Por essa atitude, de não aplicar o formol após dez horas do falecimento, muitas famílias buscam outras pessoas para prepararem o corpo, mas segundo a ACS, não adianta, o corpo vai feder, falaram-lhe que o serviço não sairia “de graça”, não entenderam sua postura profissional, que existe uma técnica para preparar o corpo, um ato tradicional e eficaz. Ela aprendeu observando profissionais, cuida do corpo do abadiense na vida, prevenção de doenças e morte, preparando-o para o funeral. Conhecedora da técnica descreve os pontos em que o formol é aplicado:

FIGURA 38: A Ana Lúcia Farias aplica o formol em cinco partes do corpo, que segundo ela, são pontos de eficácia para a conservação do mesmo para o sepultamento.



Fonte: [meninadecabide.blogspot.com](http://meninadecabide.blogspot.com). Entrevista, indicações dos locais feitas pela autora, 2013.

Os locais para a aplicação do formol são descritos: Olhos (só para profissionais, podendo deformar o rosto), pescoço, braço, abdômen (bastante formol por causa dos órgãos internos) e coxa, com a preocupação na eficácia a que se propõe: conservar o corpo até o momento de seu sepultamento. A Ana Lúcia cuida do abadiense na vida, Agente Comunitário de Saúde: verifica a pressão arterial, acompanha a taxa de glicose... Cuida do abadiense na morte, a Dona do Frete: aplica formol no corpo, dá o banho, veste e prepara o Frete. Ela é a presença dos cuidados médicos na vida dos abadienses, de casa em casa conversando, fazendo amigos, ouvindo seus males, acompanhando suas angústias e doenças, um papel profissional, um papel social, a ACS e a Dona do Frete.

---

### 3.5- FUNERAIS CATÓLICOS EM ABADE

---

Para compreender o que acontece no momento do velório através das orações feitas em que a família chama alguém para rezar, no dia 22 de fevereiro de 2013, sábado ensolarado em São João do Abade, entrevistei Erotildes Saraiva Negrão, 66 anos, professora aposentada e rezadeira católica, que através de suas memórias, falou-me sobre o ritual fúnebre católico feito nas casas dos abadienses. Dona Eró<sup>47</sup> me explicou a organização do ritual, seus significados para a religião e para quem o pratica, as orientações vieram com o Monsenhor Edmundo Igreja<sup>48</sup> que escreveu o livro *O Cristão Prático*, sobre o ritual fúnebre e o que não havia no livro foi complementado com dados da oralidade, da memória. Muitas orações – às vezes pequenas frases, chamadas jaculatórias – de muitas vezes feitas, mas que não se encontram em livros foram passadas por gerações de rezadeiras.

No início, Dona Erotildes aparenta um pouco de nervosismo, dificuldade para falar e lembrar-se do ritual fúnebre mostrando que “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização [...]” (POLLAK, 1992, p. 204), depois recorrendo às lembranças é feita a descrição do Ritual do velório, segundo noções da religião católica: quatro momentos chamados de vigílias e dependendo da família – se conseguir a presença do padre ou do diácono – tem as exéquias (encomendar o corpo): oração de corpo presente. A conversa flui com o meu olhar atento para o livro que ela tem às mãos *Minha Semana com Deus: dicionário para os diocesanos de Bragança*, que penso ser o livro para suas orientações religiosas, falamos sobre o que se faz após o cortejo para o cemitério São Bonifácio.

[...] quando nós começamos a fazer esses rituais AQUI, geralmente a gente rezava, enterrava e à noite já tinha o terço, depois, eh, a gente sabe que a família fica cansada, né? Dependendo do período do doente, essa coisa toda. E a gente já fez assim, como no dia do enterro já tinha rezado muito, já na noite a gente já não rezava, já fazia como o primeiro dia, aí fazia os outros dias até o sétimo dia como, por exemplo, quando dá a oportunidade de ser celebrada a Missa de Sétimo Dia, aí encerra, quando assim... não temos essa oportunidade se faz a última noite de oração e a gente geralmente encerra com uma ladainha [...] e outra coisa que eles faziam, que assim que saía o cadáver já iam varrendo a casa, não ficava nenhum vestígio do defunto [risos] É amado, amado, amado, mas defunto não se cria em casa! [risos] Leva até a poeira, ainda bota até a poeira longe de casa, tinha tudo isso...

---

<sup>47</sup> Como Erotildes Saraiva é conhecida na Povoação São João do Abade.

<sup>48</sup> Edmundo Armando Saint'Clair Igreja. Nascido em 09/08/1914, foi ordenado padre em 1º de novembro de 1947. Na região do Salgado esteve em Curuçá (1950-1972), São Caetano de Odivelas (1950-1972) e Marapanim (1950-1972/ 1972-1996). Recebeu o título de Monsenhor em 23/08/1965 pelo Papa Paulo VI. (MARQUES & SÁ, 2010).

Após o funeral, a família volta para sua casa e o Terço do Morto<sup>49</sup> começa no dia seguinte, se para a família houver a possibilidade de fazer a Missa de Sétimo Dia<sup>50</sup>, ela organiza, contudo se não, pode encerrar a semana de luto com orações e uma ladainha. Dona Eró enfatiza que esse ritual do Terço do Morto só inicia em Abade no outro dia porque a família chega cansada do cortejo fúnebre, quando há o questionamento sobre um ritual que acontecia como fechar a casa na saída do defunto, ela lembra e ri da contradição do falecido ser amado, mas que “defunto não se cria em casa”, diverte-se ao lembrar o ritual de varrerem a casa, não querendo nenhuma lembrança da morte, rememora os costumes de um tempo de simbologias atuantes, onde a memória trouxe lembranças que podem aparecer separadas, desconectadas num jogo particular de organização.

No capítulo VIII de *Ritos de Passagem*, Arnold Van Gennep (1873-1957) discorre sobre os ritos funerários, que são muitos em decorrência de diferentes povos, idades, sexos... Que esses ritos mesmo sendo somente de um povo, apresentam diferenças e também se misturam. Ritos de separação, margem e agregação estão presentes, contudo, acredita-se que na maioria dos ritos funerários os mais importantes são os de separação, deixando os de margem (que possuem duração e complexidade maiores) e os de agregação (que são mais elaborados por agregarem o morto ao mundo dos mortos) de lado. Quando no capítulo se fala do luto, discorre-se sobre o rito de margem:

O luto [...] Na realidade, é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de reintegração na sociedade geral (ritos de suspensão do luto). Em alguns casos este período de margem dos vivos é a contrapartida de período de margem do morto. A terminação do primeiro coincide às vezes com a terminação do segundo, isto é, com a agregação do morto ao mundo dos mortos [...] (GENNEP, 2011, p.129)

Durante o período de sete dias, os familiares mais próximos estão em oração, a casa fica mais silenciosa, entretanto o luto geralmente permanece para o (a) viúvo (a). É um período de transição tanto para a família quanto para o morto, um estado de margem, em que o morto atravessa para o mundo dos mortos e aos vivos fica a decisão de sair e se reintegrar à sociedade. Segundo os ensinamentos recebidos por Dona Eró, os sete dias de orações:

[...] a pessoa não vai direto nem pro Inferno, nem pro Céu. Ele vai passar um tempo no Purgatório, pra ele ser julgado. Enquanto ele tá no Purgatório a gente tá rezando

<sup>49</sup> É a maneira mais simples de que os fiéis católicos usam para sufragar as almas do Purgatório. Em muitos lugares vigora, aliás, o maravilhoso costume de um bom número de pessoas do bairro ou da comunidade rural irem rezar o Terço todas as noites, durante uma semana, na casa da família enlutada (DIOCESE DE BRAGANÇA- PA, 1991, p. 63).

<sup>50</sup> Missa celebrada no último dia de orações, sendo de responsabilidade da família enlutada.

pra que então essa recomendação de orações para defuntos, isso já vem desde Jesus. Jesus recomendô que a gente fizesse as orações, assim a gente faz por ele, ainda hoje.

Nós sabemos que toda uma história que Jesus viveu, Jesus foi adulto, que Jesus foi morto, que Jesus ressucitô e que nós rezamos pra Jesus, não como um Jesus morto, mas como um Jesus vivo, mas também nós temos dentro dos ensinamentos bíblicos, temos que Jesus diz assim: – “Aquele que me ama não morrerá, viverá eternamente!” Né, então quando a gente tem uma plena certeza de que a gente vive realmente uma vida religiosa, a gente não... não é pra ter medo da morte, porque Jesus venceu a morte. Então, o que a gente introduz na nossa vida, é que a morte, pra nós é uma passagem ... de uma vida humana para uma vida eterna.

Quando a gente vive realmente religiosamente, nós sabemos que não somos perfeitos, né, nós temos as nossas falhas e por causa das nossas falhas, nossos irmãos que ficaram vivos vão rezar pelos nossos erros para ver se amenizar a nossa passagem... para a eternidade... Aí a gente faz a oração na intenção daquela pessoa para que Deus escute e que a gente pede para que ele realmente seja salvo, que perdoe os seus pecados... aí dependendo de também seus benefícios na terra. Nós sabemos que, eh, nós somos julgados diante daquilo que nós fizemos.

A agregação do morto ao mundo dos mortos, segundo os preceitos católicos, é de sete dias, pois o morto primeiro está na margem, não é mais vivo e nem chegou ao céu, está no Purgatório esperando o julgamento para ser salvo e as orações feitas no Rosário pelos Mortos o ajudarão a sair deste estado de *limen*, conseqüentemente, a família também pode sair da margem e será reintegrada à sociedade, perante a suspensão do luto. Nos seus estudos sobre *Liminaridade* e “*Communitas*”, Victor Turner (1920-1983) escreve sobre as fases dos Ritos de Passagem:

[...] A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer por um ponto fixo anterior na estrutura social, quer no conjunto de condições culturais (um “estado”), ou ainda de ambos. Durante o período “limiar” intermediário, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consuma-se a passagem [...] (TURNER, 1974, p. 116)

A partir do anúncio da morte e durante os sete dias de luto, verificam-se as fases do Rito de passagem: a separação (a morte), o limen (vivos e mortos em trânsito, estado em que os dois mudaram com a separação) e reagregação ou reincorporação (os mortos são agregados ao mundo dos mortos e os vivos são reagregados ou reincorporados à sociedade). O funeral católico pode estar no Frete, se a família do morto for católica ou se chamarem alguém para fazer as orações católicas. Quando se fala sobre o que acontece no Frete as lembranças de Dona Eró agem para falar de um ritual que não obedece a algumas regras de comportamento católico durante o velório.

Já esse ritual aí do vinho, dessa coisa toda, é recente [...] eles fazem isso que é por causa de dar força deles carregarem, vão naquela animação, não é que eles vão

festejando não, é pra eles terem coragem de carregar, seja leve ou seja pesado eles vão naquele movimento que é para trocar. Vamos trocar! Aí vem outro e troca. Vamos trocar! Aí vem outro e troca e assim eles vão fazendo força [...] É, dependendo do peso do camarada!

Houve uma época, muitos anos atrás, mais de vinte anos atrás, chegou aqui um senhor que chamavam Sena pra ele. Ele tinha muitas influências com os políticos de Belém e ele lutou para conseguir um carro fúnebre pra cá, só que além dele não conseguiu, o povo não queria, eles querem ir nessa, diz o pessoal, na SACANAGEM.

Sobre o comportamento dos abadienses que consomem bebidas alcoólicas durante o Frete, ela vê uma possível explicação: não é “bagunça” e sim para dar ânimo e carregarem o caixão por 5 km até o cemitério. Fala da atitude de Seu Sena em conseguir um carro fúnebre que não foi aceito pela povoação, posteriormente a isso, vão dizer não ao projeto de lei do ex-vereador Oscar Araújo para a construção do cemitério. No livro que orienta a religiosa sobre funerais católicos, verifica-se como se comportar no velório:

#### VELÓRIO NA CASA DO DEFUNTO ORIENTAÇÕES

Coloca-se o esquife na sala da casa e, à cabeceira, um Crucifixo e duas velas.

Ao lado, um vaso com água benta.

Durante todo o tempo que o cadáver permanecer na casa, os familiares devem evitar de distribuir bebidas alcoólicas e, exigir que o tempo do velório não seja profanado com gritarias, jogos de baralho, damas, dominós e outros.

Durante a noite, após as vigílias comunitárias, organizem-se duplas de voluntários que se sucedam rezando, enquanto os outros descansam. (DIOCESE DE BRAGANÇA-PA, 1991, p. 86)

No Frete se fazem jogos de baralho e dominó, consomem-se bebidas alcoólicas e tem muita conversa, o que não é permitido em velórios católicos. O comportamento do abadiense gera divergência de opiniões e algumas pessoas acreditam que o funeral do Abade é feito de desrespeito, bagunça e falta de sentimentos. São visões diferentes sobre funeral, mas que precisam ser respeitadas em cada lugar com suas particularidades e como diz a Ana Lúcia, o Frete não tem religião, pode ser católico, evangélico, da umbanda, candomblé ou sem rituais religiosos, pois estes dependem da família do falecido.

FIGURA 39: Erotildes Saraiva rezando na primeira vigília do velório do Oscar Araújo.



Erotildes Saraiva Negrão

Fonte: Pesquisa de campo, fotografia da autora, 2013.

Entre símbolos católicos como o Cristo na Cruz, Erotildes Saraiva traz esclarecimentos sobre as orações feitas no velório, o comportamento das pessoas, simbolismos e significados dessas orações. Apresenta memórias de uma vida envolta por rituais que aprendeu com seus pais e que passou a vida a estudar e praticar, há em seus depoimentos um entrelaçamento entre o *eu*, as pessoas que fazem junto a ela ou não o ritual fúnebre católico e a própria Religião Católica, quando a primeira pessoa *eu* é substituída pelo *a gente*, mostra uma coletividade, além de traços da oralidade. As memórias de Dona Eró mostram as rezas na comunidade com toda amizade e compreensão deste momento tão particular e universal que nos visita, a morte.

---

### 3.6- O DOUTOR DE PEDRAS GRANDES

---

Na tarde do dia 05 de abril de 2014, o casal Isaurina Ferreira e Paulo Sérgio da Rocha, concedeu-me uma entrevista regada a café, pães e bolo. Naquela tarde atravessei o mar de Abade para Pedras Grandes, uma viagem com menos de dez minutos em uma paisagem linda entre a maré bem verdinha, o mangue e o colorido dos barcos. Conversa divertida para falar do Doutor, como era conhecido Wanderson Ferreira Pinto, o segundo filho do casal morador de Pedras Grandes, Ilha de Fora, Curuçá. Quando criança Wanderson recebeu esse apelido do

tio de sua mãe, o Seu João, dizendo que ele seria o “doutor” da família; o menino era loirinho com o cabelo da cor do sol.

Isaurina Ferreira Pinto, 63 anos, professora aposentada e uma das lideranças católicas em Pedras Grandes, muito emocionada com a lembrança do dia do falecimento do filho, falou-me que sentiu neste dia 01 de outubro de 2012, uma intuição muito forte que era para não deixar o filho ir trabalhar. Arrepende-se de não ter falado nada para ninguém, pensa que se tivesse tomado iniciativa teria protegido o filho, com o coração apertado o viu indo ao trabalho naquela noite. Lembra-se do comportamento dele até chegarem as versões sobre o acidente fatal.

[...] ele passou o dia alegre, fez um serviço com o pai dele: tiraram uns paus para fazer uma casa de forno, veio tomou um banho... Umás seis horas, foi pra casa, jantou pra ir ao trabalho [...] ele ia daqui [Pedras Grandes] pro serviço, inclusive ele ia numa bike, né? Empurrando na ponte [do Abade] do lado de lá [direita, sentido Abade-Curuçá], certas pessoas que viram... Ele não ia pedalando, ia empurrando a bicicleta, só que em vez dele ir do outro lado, ele não teria levado a pancada, teria sido a bicicleta. Ele ia do lado da pista [...] Aí o camarada [o motorista] veio buscar – assim contam as versões – um carro dele aqui no Abade e disque ele ia com o filho no colo, né? Dirigindo, entretido com a criança, às vezes ensinando, sabe como é?! Pai, né? Aí foi quando, disque foi fazer a ultrapassagem, aí vinha um carro, aí ele pegou e jogou pro acostamento [...] foi quando ele pegou ele. E ele [Doutor] ia sem camisa, com a mochila na costa, levava a camisa e as coisas dele... Quando chegava no serviço, ele tomava um banho, né, e mudava a roupa... Eu acredito que como ele tava todo arranhado aqui [barriga e costelas] [...] com certeza ele jogou e ainda arrastou, sabe [...] Acho que ele [o motorista] ia subindo alí com uma velocidade de 70/80 km/h, nessa faixa aí, pra ele não estacionar, né? pra pegar ele assim em cheio [...] Acredito que se ele fosse frear bruscamente, ele ia ENCAPOTAR e ia morrer ele, a mulher e a criança. Então ele preferiu poupar a vida dele e com a família [...] Ele ainda chegou a levar ele lá pro hospital.

O Doutor saiu de Pedras Grandes para trabalhar, como é do cotidiano das pessoas da Ilha de Fora. Atravessam para Abade e quando vão de bicicleta ou a pé, os homens tiram a camisa e guardam-na para colocar somente quando chegam ao seu destino, evitando chegar suados. Pedalam até a chegada da ponte do Abade, então descem da bicicleta e vão empurrando na subida, vejo bastante essa cena quando passo por lá: homens sem camisa empurrando suas bicicletas. Fazer esse trajeto diariamente era o caminho do Doutor para garantir sua sobrevivência e de sua família: três filhos e esposa, mas foi tentando sobreviver que ele perdeu a vida na subida da ponte do Abade. Os pais dele souberam do acidente através de um familiar, o casal foi para o hospital, no centro de Curuçá, e lá receberam a notícia que seu filho havia falecido a caminho de Castanhal, eles aguardavam a chegada do corpo quando a mãe do motorista, que provocou o acidente, chegou ao hospital.

**Isaurina:** Eu e o Sérgio, lá aguardando, ficamos lá no hospital, quando chegou a mãe do rapaz [o motorista] junto com ele... Apavorada, chorando desesperada. Eu disse: – “Olha mana, não adianta esse desespero, não adianta chorar porque não tem mais jeito! Tá na mão de Deus! Deus já resolveu a situação! Só resta eu me conformar, ter paciência, pensar [...]”.

**Sérgio:** [...] o sofrimento dela é o mesmo do nosso!

FIGURA 40: Isaurina Ferreira e Paulo Sérgio da Rocha, pais de Wanderson Ferreira (Doutor). Pedras Grandes, Ilha de Fora, Curuçá-PA.



Fonte: Entrevista, fotografia de Anataciara Ferreira, 2014.

Esperava-se o desespero dos pais do falecido, mas quem chega assim ao hospital é a mãe do rapaz que provocou o acidente, a mãe do Doutor, consola a mãe do provocador do acidente, são duas mulheres que sofrem pelos filhos, uma pela perda e a outra pelo filho provocar a perda. Isaurina consola a outra mãe com o perdão e a certeza da vida do filho nas mãos de Deus, uma ação de sabedoria muito rara e cara aos dias de hoje, o pai, tentando se consolar, diz que o sofrimento é das duas famílias. Na fotografia (figura 40) O sorriso dos fortes, os pais do Doutor dão uma lição de solidariedade, fé e esperança, o filho se foi, mas muitas lembranças, amizades e amor permanecem no coração.

### 3.6.1- O Frete que veio de barco

O velório do Doutor foi feito na Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Pedras Grandes, os pais do falecido compreendem que a igreja é um lugar para todos. No funeral

vieram amigos de várias localidades de Curuçá, os barcos atravessavam lotados com pessoas que queriam se despedir do Doutor. O Wanderson era muito querido, jogava futebol no time da Portuguesa (de Pedras Grandes), frequentava festas e dançava com jovens e idosas, era o filho mais popular. Eu atravessei para as Pedras, no final da tarde do dia 02 de outubro, não há como esquecer aquele início de noite, no barco encontrei o Sérgio e um dos seus oito filhos, eles levavam pães para o café, os dois muito abatidos, estavam visivelmente sem dormir. Cumprimentei-os e perguntei como tudo aconteceu, enquanto o Sérgio contava, eu ouvia com pesar, imaginando o meu encontro com Isaurina, uma amiga recente e muito querida, meu coração estava chorando!

Em frente à casa estava Isaurina, uma cena muito triste: a mãe enterrando algodão encharcado de sangue que não parava de sair do corpo do filho. Ao me ver, Isaurina veio ao meu encontro, abraçamo-nos chorando e conversamos sobre o acontecido, ela me levou ao velório e com muita tristeza vi a mãe acariciando o rosto do filho. Fiquei lá vendo a igreja cheia de familiares, vizinhos e amigos do Doutor, idosos com dificuldade de locomoção vinham se despedir, pessoas desesperadas ao receber a notícia do falecimento, chegavam pálidas e descrentes no que seus olhos mostravam. As irmãs do falecido estavam sentadas na frente da casa da família, de rostos inchados e sem forças para levantar, Wânia Ferreira, a irmã mais nova que estava grávida de nove meses, segurava um lenço para enxugar as lágrimas que não cessavam.

FIGURAS 41, 42, 43, 44, 45 e 46: Seis homens levam o caixão do Doutor para o barco. Pedras Grandes, Ilha de Fora, Curuçá-PA.





Fonte: Pesquisa de campo, imagens extraídas de filmagem feita pela autora, 2012.

No dia seguinte às 7h30min o cortejo fúnebre saiu de Pedras Grandes e atravessou de barco para São João do Abade, seis homens traziam o caixão em cima de um carro de mão (feito de madeira com duas rodas), os familiares acompanhando atrás e pessoas já aguardavam na ponte para saírem no barco. Para atravessar a ponte os seis homens carregaram o caixão, todos em silêncio não escondendo a dor daquele momento. O caixão seguiu o tempo todo com os pés na direção contrária ao nascimento, assim ele foi posicionado no barco, seguem com ele familiares, amigos, os pais e as irmãs Waldene Ferreira e Wânia Ferreira, todos cabisbaixos. O odor que exalava do cadáver era muito forte, no barco uma frase chama a minha atenção “Tudo posso naquele que me fortalece!” é muita força para aguentar esse momento de dor, quando a morte atravessa de barco, o porto vai sumindo, Doutor vai deixando Pedras Grandes, atravessando para Abade pela última vez.

FIGURAS 47, 48, 49 e 50: O caixão do Doutor é retirado do barco para seguir o cortejo em terra firme. Povoação São João do Abade, Curuçá-PA.





Fonte: Pesquisa de campo, imagens extraídas de filmagem feita pela autora, 2012.

Ao chegar ao porto do Abade, os seis homens retiram o caixão do barco e com a ajuda de conhecidos, colocam-no em uma estrutura metálica com quatro rodas (pertencente a uma funerária). Os familiares do Doutor arrumam a camisa e bandeira da Portuguesa em cima do caixão, próximo à cabeça do morto, um homem chora muito ao acompanhar a cena. O corpo está muito inchado e pesado, por isso é levado nesta estrutura, o Edson Ferreira (Relembrado), primo do morto, é quem está à frente do cortejo. No momento da saída do féretro acontece uma pequena discussão, algumas pessoas não deixam políticos levarem o caixão, alegando que eles estão ali para se promoverem e não conheciam o morto, podem acompanhar o Frete, mas não podem levar o caixão que é conduzido só por conhecidos.

Próximo a Praça dos Santos Reis (Praça do tralhoto) algumas pessoas ao avistarem o pai do rapaz que provocou o acidente, começam a falar que iriam tirá-lo do cortejo, agredi-lo fisicamente, queriam quebrar o carro dele. Familiares e amigos do Doutor acalmam a população, dizem que o pai não tem culpa, não negou assistência ao Doutor e sua família: levaram-no para o hospital, concederam transporte para a família... Isaurina se lembra deste momento do cortejo.

Quando o pessoal viram o carro do menino, queriam agredir, queriam quebrar. Não gente, pra que fazer isso! Não vai adiantar, não vai trazer ele de volta! Isso aí quem tem que tomar conta é Deus. Deus é quem sabe se ele fez por querer, se foi falta de atenção... Assim como aconteceu com meu filho, o meu filho podia fazer com alguém, né? Por isso que Deus diz que a gente perdoe os nossos inimigos, perdoe as falhas das pessoas. Por quê? Porque só ele sabe do coração de cada um, a gente julga, mas a gente não sabe, né? Então não vai adiantar nada fazer uma coisa dessa [agredir], não vai trazer ele de volta!

Novamente a mãe do Doutor acalma os corações fazendo uma reflexão sobre o momento da dor da família, que a violência iria gerar mais violência, a agressão não traria o

seu filho de volta, o pai do rapaz estava alí compadecido da dor da perda de alguém e por isso participava daquele momento, sentindo-se culpado pela dor do outro, da outra família. O julgamento é fácil, difícil é o perdão, o pai do rapaz seguiu todo o cortejo dando a devida assistência à família.

FIGURAS 51, 52, 53 e 54: O cortejo do Doutor: tristeza, amizade e cachaça. Curuçá-PA



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012.

O cortejo segue com pessoas comprando vinho e cachaça, porém de maneira mais contida vão bebendo, conversando seguem com sua dor, outros se juntam ao cortejo com flores. O Frete segue, os pais do Doutor aceitam a bebida no cortejo, dizem que faz parte da tradição, para Isaurina as características do cortejo fúnebre devem ser respeitadas, ela acompanha os funerais desde criança e já tinham a bebida alcoólica como característica e não seria diferente agora com seu filho que sempre acompanhava os Fretes.

O percurso do Frete do Doutor recebeu dois momentos de homenagens: no local do acidente e na frente do posto de saúde em que trabalhava, paradas de reflexão e aplausos. O cortejo seguiu e logo as mulheres assumiram o caixão no ponto da mangueira, o corpo estava muito inchado e o odor forte, precisava-se encurtar o caminho até o cemitério. Ao chegar ao

São Bonifácio as mulheres entregaram o caixão aos quatro homens que o tiraram da igreja e com ele atravessaram o portal do cemitério. Familiares e amigos se despediram do Doutor, os pais choraram ao dar as últimas palavras com o filho, a viúva passou o velório todo entre desmaios e choro, foi ao cemitério carregada por amigos, os filhos se despediram do pai e pessoas em cima de outras sepulturas davam adeus.

Ao voltar para casa depois do susto da notícia da morte, choro, chegada do corpo, organizar o velório (funerária, lugar para ficar o caixão, receber as pessoas), levar o morto no Frete, sepultá-lo; depois da agitação dos compromissos que a visita da morte exige, o que fazer? Encontrar com a dor de uma casa vazia, a ausência do filho no café com a família, as conversas, o jogo de bola, as alegrias. A morte que a vida impõe ao contrário, os filhos não deveriam sepultar os pais?

**Isaurina:** [...] eu pensava até em morrer antes dos meus filhos. Quando que eu pensei que um filho fosse morrer antes dos pais?!

**Sérgio:** Os pais, eles pensam assim que [...] o pai nunca vai enterrar o filho, né [...] mas, às vezes, dá contrário! Aí eu digo assim [...], você perde pai, você perde mãe, você perde irmão, mas você perder um filho é dolorido!

**Isaurina:** [...] todo mundo me dizia isso... Até ele que é pai, no fundo ele sente, né [...] E eu como mãe... Sai de dentro de mim, tu já pensou? [...] Quando a pessoa tá doente, a gente já tá alí se conformando, né. Mas quando a morte é assim inesperadamente [...] a gente não quer aceitar, olha... Precisa muita fé e muita comunicação com Deus, pra dar o conforto [...] Meu Deus me perdoa, mas por que foi meu filho e não eu, que já vivi tudinho? Deus disse: – “Tu tens uma missão!” Porque Deus fala de dentro da gente, do nosso coração e quem é mal criado e mal agradecido que não escuta!

**Sérgio:** É muito triste, mas o tempo se encarrega por isso! A gente não esquece, mas vai aprendendo a conviver com a ausência.

A volta para casa foi difícil! Dormir foi difícil! Isaurina e Sérgio são casados há 38 anos e tiveram oito filhos, ela está com 63 anos, ele com 59, nunca imaginaram enterrar um filho, perdê-lo de maneira tão repentina. O pai lembra com muita saudade do rapaz brincalhão que era o seu ajudante no trabalho de pedreiro, cuja profissão aprendeu alí no dia a dia. A Isaurina que se sente culpada por não ouvir sua intuição de não deixar o filho ir trabalhar naquele dia. Os pais tem o tempo como melhor amigo, ele os ajuda a conviver com a ausência e compreender que o Wanderson foi filho, irmão, pai, um profissional no trabalho, ele realmente foi o “doutor” da felicidade, afastando a tristeza de onde chegava, jogando futebol, dançando nas festas, brincando com os irmãos, educando os filhos, vivendo.

FIGURA 55: Lembrança da missa de um mês de falecimento de Wanderson Ferreira Pinto. Pedras Grandes, Ilha de Fora, Curuçá-Pa.



Fonte: Arquivo da família Ferreira Pinto, 2012.

Na missa de um mês de falecimento do Wanderson Ferreira sua família agradece a todos que participaram deste momento de solidariedade e orações por essa alma, ressaltam a alegria de viver deste curuçense que permanece em suas lembranças. Com uma mensagem pedem compreensão para a morte, que o Doutor atravessou e está do outro lado do caminho vivendo com o Criador, guardado no coração e na memória de todos.

### 3.7- FRETANDO UMA EVANGÉLICA

No dia 24 de outubro de 2012 fui convidada a participar de um velório evangélico, o que me instigou a verificar o que gerava polêmica sobre o comportamento do abadiense diante da morte: “O Frete é uma bagunça, as pessoas comemoram a morte de alguém, eles não têm respeito nem religião no coração”<sup>51</sup>. Como eu, até o momento, só havia participado de Fretes católicos, busquei ver se as regras do funeral continuavam as mesmas, independente de que religião tivesse o morto, pois a Ana Lúcia afirma que o Frete não tem religião. O velório

<sup>51</sup> Fala que ouvi durante a passagem de um Frete em 2012, pelas Av. Paes de Carvalho, em frente ao terminal rodoviário de Curuçá.

foi de Roseandra Alves, jovem abadiense de 27 anos, que morreram em consequência do agravamento do Lúpus<sup>52</sup>.

FIGURAS 56 e 57: Local do velório, identificado com uma bandeira de luto, de uma funerária. Pessoas conversando, sentadas em frente à casa de Risalva Alves (Irmã Riso). São João do Abade, Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012.

Ao chegar ao bairro Sertão, local da residência de Risalva Alves (Irmã Riso) e Nazareno (que faz parte da equipe frete), vi a bandeira de luto de uma funerária, identificando ali um velório, pessoas estavam sentadas em frente à residência, na rua eram servidos mingau e café com bolachas. Naquela noite fui acompanhada da Ana Lúcia, que me levou para conhecer os familiares da falecida. Ao entrar na residência fui cumprimentada por quem estava próximo ao caixão, as pessoas estavam tristes e pareciam não acreditar que uma jovem tão gentil, bonita e cheia de vida havia falecido, os pastores e irmãos da igreja que Risalva e Roseandra frequentavam, estavam se organizando para começarem a orar. Ana Lúcia me levou para falar com Risalva, mas ela estava muito debilitada, deitada em uma rede, chorava sem parar, passei da sala para a cozinha e presenciei as pessoas chegando com doações para o velório: café, leite, bolachas...

<sup>52</sup> Lúpus é uma doença autoimune rara, mais frequente nas mulheres do que nos homens, provocada por um desequilíbrio do sistema imunológico, exatamente aquele que deveria defender o organismo das agressões externas causadas por vírus, bactérias ou outros agentes patológicos [...] no lúpus, a defesa imunológica se vira contra os tecidos do próprio organismo como pele, articulações, fígado, coração, pulmão, rins e cérebro. Essas múltiplas formas de manifestação clínica, às vezes, podem confundir e retardar o diagnóstico. In: <http://drauziovarella.com.br/mulher-2/lupus/> Acesso em 11 de abril de 2014.

FIGURA 58: Na mesa da cozinha da casa de Risalva Alves, amigos trouxeram doações para o momento do velório: café, leite, açúcar, bolachas... São João do Abade, Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia da autora, 2012.

As doações de café, bolachas, ingredientes para o mingau de arroz ou de milho chegam e são levadas para a cozinha, onde a família enlutada prepara as comidas e bebidas a serem servidas aos participantes deste momento. Saindo da cozinha fomos para o quintal, onde estavam reunidas pessoas que são da equipe frete: Nazareno Dias (avô da falecida), Analice Farias, Ângela Bentes, Joselina Oliveira (Rica)... Eles comiam peixe assado com farinha, pimenta e bebiam cervejas (eles falavam em volume baixo e bebiam escondidos para não atrapalharem os evangélicos que estavam orando). No quintal também havia um “panelão” com mingau para servirem durante o velório, lá a equipe frete falava de acontecimentos da eleição para prefeito em Curuçá, contava piada, falava de outros Fretes, distraía-se daquele momento de tristeza. Não houve jogos de baralho e dominó, cada velório tem sua regra, Risalva não aceita jogos por ser evangélica, essa condição é respeitada e não se ofereceram para organizá-los.

FIGURA 59: Nazareno (avô da falecida) no quintal de sua residência, serve peixe assado para uma moça e ao lado dele está o “panelão” de mingau que também será servido no velório. São João do Abade, Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia da autora, 2012.

No quintal, Nazareno serve peixe assado para uma moça, ele se distrai cozinhando, servindo, conversando, o local passa a ser um lugar de interação dos vivos que se confortam em um momento de morte. Na sala os evangélicos oravam diante do caixão, Risalva se levanta da rede e vai se despedir da neta que tanto estimava, ela conversa com Roseandra acariciando o rosto da neta, momento difícil que junto aos irmãos da igreja que frequenta, despede-se dizendo que chegou o momento da partida, que ela vá em paz, que ore pelos que ficam neste plano terrestre e que o momento do encontro delas chegará a seu tempo.

No velório conversei, ouvi histórias, tomei mingau, café com bolachas. Saí com um sentimento diferente em ver católicos e evangélicos em momento de oração pela amiga que se despede, uma solidariedade ímpar, um respeito aos amigos, familiares, vizinhos, pessoas segurando bíblias, cantando, orando, outras rezando, conversando. Cada um buscando superar aquele momento de dor e perda, o abraço é bem-vindo, as lágrimas rolam pelo rosto ao olhar o retrato de Roseandra no seu caixão, uma jovem feliz. Ao sair refleti sobre esse momento que eu tanto temi no passado, o velório.

FIGURAS 60 e 61: Os amigos, familiares e vizinhos (corpos frete) levam o corpo fretado de Roseandra Alves. É o momento dos homens no cortejo. Eles acompanham o Frete com roupas e calçados confortáveis, bonés ou chapéus para aguentar a caminhada e o calor da tarde. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012.

No dia 25 de outubro à tarde, saiu o cortejo fúnebre de Roseandra, os amigos de Nazareno compareceram para levá-la, familiares e amigos também seguiram no cortejo, irmã Riso foi no ônibus, estava se sentindo mal para ir caminhando, seguindo o Frete. Os homens tomaram a frente, a Dona do Frete foi pedindo dinheiro, fazendo a coleta para comprar as bebidas. A caminhada é bem difícil em um dia muito ensolarado, o calor é intenso, mas eles estão perseverantes e alegres neste momento, as mulheres bebem vinho e os homens, cachaça. Há pessoas conversando, cantando, orando, rindo, fazendo piada com o comportamento de alguns, as pessoas estão seguindo de Abade para o cemitério São Bonifácio, no centro de Curuçá, onde a família já havia mandado cavar a sepultura.

FIGURAS 62 e 63: Imagens externa e interna do cemitério São Bonifácio. Na parte interna, o local onde o corpo de Roseandra será sepultado. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012.

Do pó vieste ao pó voltarás, esta é a crença de Irmã Riso, assim manda-se cavar a sepultura no São Bonifácio, familiares e amigos vão para o cemitério deixar o local preparado para a urna que está chegando. Risalva diz que não foi contra o corpo da neta ir no Frete, afirma que seu marido Nazareno Dias gosta e é um dos homens que fazem parte da equipe frete. A Irmã gosta do Frete e apoia.

O meu marido gosta de acompanhar enterro, mas não gosta de acompanhar quando o caixão vá no carro ele gosta de ir assim, todo mundo carregando, que ele diz que não é assim, um enterro rápido, é um enterro que todo mundo vai carregando, todo mundo fica satisfeito em carregar... E no carro não, é rápido! E a Ana influi, é dois de um, é dois do outro, vão comprando vinho, vão comprando cachaça e ela vai dando pra um, vai dando pra outro e é aquela gritaria, quem chora, chora! Quem grita, grita! É assim!

Risalva gosta do Frete, apoia quem vai alegre, ela fala do papel da Ana Lúcia de animar o cortejo, entretanto, irmã Riso diz que se houvesse um cemitério em Abade seria melhor, porque eles não dariam essa caminhada longa e, às vezes, por baixo de chuva. O Frete de Roseandra segue e chega o momento em que as mulheres carregam o caixão, no ponto da mangueira, elas levam o caixão com muita alegria. As mulheres bebem vinho, brincam com as outras dizendo que “está cu de calango” (o caixão está torto), a Ana Lúcia está muito animada, com um apito na boca organiza o Frete, os homens tentam ajudar as mulheres a levarem o corpo, mas são repreendidos porque estão no momento do cortejo que é só da mulher.

FIGURAS 64 e 65: As mulheres levam o caixão de Roseandra com muita alegria. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, imagens extraídas de filmagens feitas pela autora, 2012.

O cortejo feminino do Frete vem muito animado com mulheres correndo, passando a mão nas nádegas das outras, gritando, vaiando quem não dá conta de levar, a Dona do Frete soprando o apito para os homens que tentam tirar o caixão das mãos das mulheres, muitas dizem que eles só querem beber, uma delas grita “Só querem beber cachaça, compra uma pizza!”, em meio à confusão o Nazareno Dias vem muito satisfeito com a presença dos seus amigos e com a minha também (muitas vezes a Dona do Frete foi cobrada pela minha ausência no cortejo). Ao chegar ao São Bonifácio, as mulheres entregam o caixão aos quatro homens que o tiraram da casa, eles assumem o cortejo para entrar no cemitério, cessa a brincadeira, é o momento das despedidas, as bebidas são deixadas do lado de fora, “no bar”. Familiares e amigos acompanham Roseandra até o local de seu sepultamento, o caixão é aberto, os amigos cantam em homenagem à falecida, uma jovem toca violão.

Cada vez eu que olho pra trás, vejo o cuidado de Deus  
 Lembro com carinho o dia que eu conheci você  
 Hoje eu te respeito demais  
 Vejo a falta que você faz  
 Não demore tanto assim a me procurar  
 Não mandei me conquistar<sup>53</sup>

(Fernanda Brum, música “Você Merece”).

<sup>53</sup> Música “Você merece” de Fernanda Brum. In: <http://letras.mus.br/fernanda-brum/64139/>. Acesso em 11 de abril de 2014.

FIGURAS 66 e 67: No momento do sepultamento do corpo de Roseandra Alves, os amigos tocam e cantam canções para homenageá-la. Nazareno, avô de Roseandra, sentado em um túmulo reflete sobre o momento da despedida. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012.

A canção gospel fala da dor da ausência, que o Senhor preparou um momento de comunhão que o reencontro não tarde em acontecer, durante a canção outra jovem se despede com um discurso e muito emocionada, termina-o com choro. O namorado de Roseandra se despede com um último beijo em seus lábios, o irmão mais novo se desespera e grita por ela. Sentado em um túmulo, Nazareno reflete sobre aquele momento, em silêncio vê a sua neta ir embora, ele que durante o velório e o cortejo era um dos mais animados, isola-se. De um lado amigos e familiares chorando se desesperam, do outro lado o Nazareno sofrendo do seu jeito, sozinho com a dor e as cruzes.

Um ano e quatro meses depois do Frete de Roseandra Alves, consegui uma entrevista com Risalva Alves (curuçãense de 66 anos), antes ela não conseguia conversar sobre o falecimento da neta, sentia-se muito fragilizada. Ao chegar à casa de Irmã Riso a encontrei sentada em uma cadeira no local em que foi velado o corpo da neta, naquela segunda-feira 17 de fevereiro de 2014, em momentos de alegria, falou-me do Frete, do marido fazer parte da equipe da Ana Lúcia, o quanto é agradecida aos que ajudaram neste momento em que não tinha forças para se levantar. Conta que muita coisa não viu e não se lembra do velório, mas sabe que pessoas muito queridas da igreja, vizinhança e família vieram ajudar neste momento, agradece à equipe do Frete por levarem o corpo de Roseandra com muita alegria em seu último momento. No meio da entrevista, ela pede para seu filho de criação colocar a música

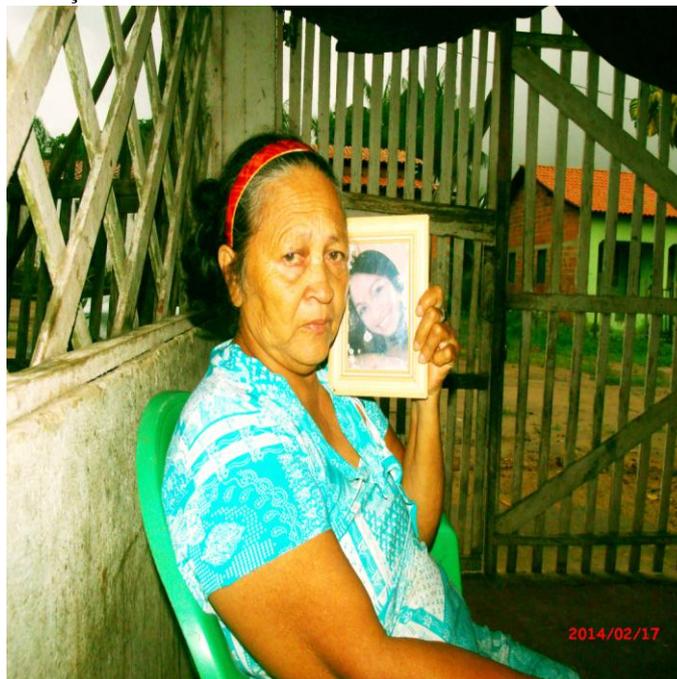
que Roseandra ouvia muito antes de morrer, irmã Riso se questiona se ela já sabia que iria partir.

Alta madrugada vai  
 Já estou deitado, mas ouço Deus me chamar  
 Sua voz suave é como um sussurro  
 Ouço Deus me chamar  
 Meu coração se aperta, eu ando tão cansado  
 Tenho trabalhado tanto  
 Meu coração se aperta ao ouvi-lo me chamando  
 Me chamando, me chamando  
 Me chamando, me chamando, me chamar <sup>54</sup>

(Ludmila Ferber, música “Ouço Deus me Chamar”)

Risalva, abraçada à foto de Roseandra, chora dizendo que a neta estava indo ao encontro de Jesus, a alma dela foi para um local reservado no Céu e lá receberá tratamento para quando o Senhor voltar, levar o seu rebanho. Acredita que Roseandra cumpriu sua missão na Terra, que ressuscitará quando Deus voltar para arrebatara os fiéis crentes e católicos que seguiram sua palavra. Não houve culto ou celebração para lembrar um mês, um ano de falecimento como os católicos fazem, os evangélicos acreditam que orações não vão salvar quem já morreu, ele tem que crer em Jesus hoje com vida.

FIGURA 68: Risalva Alves (irmã Riso) chora e segura a fotografia de Roseandra, sua neta que faleceu aos 27 anos. 17 de fev. de 2014. Curuçá-PA.



Fonte: Entrevista, fotografia da autora, 2014.

<sup>54</sup> Ouço Deus me chamar. Ludmila Ferber. In: <http://letras.mus.br/ludmila-ferber/167705/#radio>. Acesso em 10 de abril de 2014.

A avó segura a foto da neta, chora ouvindo a canção que antes do falecimento ouvia muito e até agora é difícil falar da neta tão querida. A morte da vida carnal é uma passagem para a vida espiritual, essa é uma das crenças dos evangélicos, para conhecer a simbologia presente nos funerais evangélicos e compreendê-los a partir do que presenciei no Frete de Roseandra Alves, entrevistei a Irmã Hairle Maia Galvão, evangélica conhecedora das palavras de Deus, através da Bíblia Sagrada.

### 3.7.1- Simbologias Evangélicas

Hairle Maia Galvão (irmã Hairle), 30 anos, é evangélica praticante e conhecedora da palavra de Deus, através de estudos da Bíblia Sagrada, em entrevista no dia 23 de abril de 2014, conversamos sobre a simbologia evangélica no funeral. As palavras da Irmã Hairle foram além do ritual fúnebre, falam de vida e crença do povo evangélico em se preparar ao grande encontro com Deus. Para os evangélicos todos somos irmãos, Corpo de Cristo: um só corpo, uma só carne, todos servos do Senhor, que independente de nossa posição social, estamos a servir o Senhor. Dentro da igreja evangélica, tendo cargos (por exemplo, o de Presbítero) ou não, todos são iguais perante o Senhor, o Homem é formado por *Corpo, Alma e Espírito*:

Quando Deus, ele criou o homem, ele criou o corpo, a alma e o espírito. Do corpo [...] fala em Genesis, né? Diz que Deus, ele criou o homem do barro, né? Ele fez um boneco, um formato de um boneco [...] e é justamente baseado nisto que o nosso corpo volta para o pó da terra [...] E o fôlego [...] foi quando ele soprou na narina do homem, aí o homem passou a ser alma vivente. Aí no caso, o espírito é aquilo que volta para Deus [...] Para nós [evangélicos] é muito importante que os três: corpo, alma e espírito estejam em comunhão com Deus.

De acordo com o que os evangélicos aprendem na Bíblia Sagrada, Deus fez um boneco de barro e criou o homem, por isso o seu corpo é enterrado, *ele é pó e ao pó voltará*. O homem é formado de Corpo (parte carnal), Alma (fôlego de vida) e Espírito (o que retorna para Deus), são três elementos que precisam ser conservados ao gosto do Senhor e mesmo o corpo sendo pó precisa ser conservado, a alma cuidada e o espírito preparado para o encontro com o Senhor.

FIGURA 69: Irmã Hairle, preservar o corpo, a alma e preparar o espírito para o grande encontro com o Senhor. Curuçá-PA.



Fonte: Entrevista, fotografia da autora, 2014.

Uma das questões abordadas por Hairle Galvão é a preservação do corpo, sempre ao agrado do Senhor, sem depravações, sempre bem apresentável para divulgar a sua palavra. No início, Deus criou o Homem à sua imagem e semelhança, depois criou a Mulher para ser a companheira do homem que vivia mais a vida espiritual quando houve a queda para o mundo carnal. A serpente fez com que a mulher comesse o fruto proibido e juntos conhecem o bem e o mal, eles caíram para o mundo do pecado, foi então que Deus fez um segundo plano de salvação, enviando Jesus para habitar na Terra, morrer por todos na Cruz e ensiná-los a terem esperança de viverem junto a Deus, mediante preparação espiritual. Com a queda do Homem, ele ficou sujeito a todos os males do mundo carnal: doenças, vícios, corrupção de seu corpo, morte, sendo assim precisa se preparar espiritualmente em vida, depois de sua morte não adianta orar, rezar, fazer um enterro com muitas pessoas, em urna luxuosa, missas mensais, anuais...

[...] a minha preocupação é enquanto o meu espírito, não importa, assim como vai ser feito [velório, sepultamento]. Antes eu tinha muita preocupação. Quando eu ia em velório, eu ficava assim “Será que vai dar muita gente?” Sabe? Essa coisa toda [...] só que com o tempo a gente passa a estudar a Bíblia, conhecer a palavra de Deus, aí a gente vai mudando o nosso pensamento [...] nós vemos o quanto é importante, não aquele momento [...] e sim o encontro com Deus. Porque não adianta eu ter um belo enterro, vamos dizer, um caixão divino [...] E na hora que eu for me apresentar diante de Deus, como está a minha vida? [...] quando apresentar as minhas mãos, que nós usamos como símbolo de o que eu fiz para Deus [...] Porque nós fomos feitos para adorá-lo, para servi-lo, para fazer a sua vontade. E nossa

preocupação é para agradar a ele não aos homens, porque os homens são pecadores, igualmente a nós [...]

A preparação espiritual do evangélico é para agradar a Deus, sendo feita em vida. Depois da morte não há nada a ser feito, não adianta luxo, muitas pessoas para acompanharem o corpo a ser sepultado. Para o evangélico o importante é agradar a Deus e não aos homens fazendo grandes celebrações em seus funerais, Irmã Hairle afirma que não há nenhum impedimento por parte da religião evangélica em se preparar o Frete de alguém, irem acompanhando o cortejo fúnebre bebendo, brincando, levando o caixão nos braços ou seguirem com muita alegria, o importante mesmo é que o irmão se preparou em vida e quem vai julgar se ele está preparado ou não, é Deus.

Para o funeral, os evangélicos preparam o corpo (dos que dormem) com vestimentas brancas e flores, os rituais fúnebres têm como o seu símbolo maior, a Bíblia, que é a bússola que o levará ao mundo espiritual, por isso não aceitam outros símbolos como a vela (fogo que, para eles, lembra o inferno), nem a bandeira fúnebre. O evangélico pode ser velado na igreja ou na casa, escolha realizada por ele em vida ou pela família. Na igreja acontece o velório de pessoas que passaram por grupos de Crianças, Adolescentes, Jovens, Apóstolos da Fé (grupo de senhores), Círculo de Oração (grupo de senhoras), obreiros ou membros da igreja, são feitas entoações de hinos da Harpa Cristã<sup>55</sup>, leitura de passagens bíblicas e homenagem à família do falecido, lembrando de momentos da vida do irmão. Com o velório na casa, a Bíblia fica aberta e lê-se a seguinte passagem:

<sup>13</sup> Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes com os demais, que não têm esperança.

<sup>14</sup> Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem.

<sup>15</sup> Ora, ainda vos declaramos, por palavra do senhor, isto: nós os vivos, os que ficamos até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem.

<sup>16</sup> Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.

<sup>17</sup> depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente a eles, entre nuvens, para o encontro do senhor nos ares, e, assim estaremos para sempre com o Senhor.

<sup>18</sup> Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

(BÍBLIA SAGRADA. Tessalonicenses 3 – 4. **A situação dos mortos em Cristo e a vida do Senhor**, 2008, p. 1562).

Com a leitura realizada no velório, o pastor conforta os irmãos através de palavras que mencionam os que dormem (falecidos) e são crentes em Deus, pois estes virão na companhia

---

<sup>55</sup> A Harpa Cristã foi lançada em Recife-PE no ano de 1992 com 100 hinos, que viria a se tornar hinário oficial das Assembleias de Deus, sob a orientação editorial do pastor Adriano Nobre. (Harpa Cristã, 2011).

do Senhor, que não se entristeçam e sim tenham esperança, os preparados espiritualmente também serão arrebatados por Deus quando voltar, então a tristeza é somente pela separação do ente querido, mas que logo se reencontrarão no Céu. Os hinos entoados no velório falam do Céu, um lugar que os crentes têm saudade por estudarem a Bíblia e saberem da sua existência, um dos hinos cantados é “No Céu não entra pecado”:

<sup>1</sup>No céu não entra pecado  
Fadiga, tristeza, nem dor;  
Não há coração quebrantado,  
Pois todos são cheios de amor,  
As nuvens da vida terrestre  
Não podem a glória ofuscar  
Do reino de gozo celeste,  
Que Deus pra mim preparar!

(No Céu não entra pecado. Harpa Cristã, 2011, p. 421)

No momento que o hino é cantado, todos no velório tentam se consolar da separação temporária, falando do Céu, lugar para onde seu irmão foi encaminhado, lugar bonito sem fome, miséria, dor, nem mortos como diz o hino “No céu o luto é banido, enterros não hão de passar, sepulcros jamais são erguidos, lá mortos não vou encontrar (...)” é um lugar diferente do mundo de pecado. No Céu o irmão não pagará por sua casa, as vestes serão outras, os nomes serão outros, não haverá velhos, todos serão iguais: crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Os evangélicos acreditam no Homem ser constituído de Corpo, Alma e Espírito, que devem se preparar espiritualmente durante a vida: preservando o corpo que é o Templo do Espírito Santo de Deus e voltará à terra, já que é pó, cuidando de sua alma, o fôlego de vida e preparando o espírito para o grande encontro com Deus. A simbologia do funeral está em torno da Bíblia Sagrada, a bússola que o guiará ao mundo espiritual e a forma como o corpo será levado ao cemitério não importa, o espírito está preparado para reencontrar os irmãos e Deus no Céu.

---

### **3.8- O MAIOR FRETE QUE VIVI**

---

No dia 22 de janeiro de 2013, São João do Abade amanheceu de luto, morreu o ex-vereador Oscar Pedro de Araújo, ilustre político que exerceu a vereança por quatro mandatos, autor do polêmico projeto da construção do cemitério do Abade (1986), cujo terreno foi invadido pela população que diz: – “Abade é lugar para viver não para morrer!”. Segundo

Ana Lúcia Farias, Seu Oscar (como era conhecido) tinha certeza que a construção do cemitério na povoação iria dar certo, até que a população descobriu:

Ele tinha certeza que ia dá certo, quando ele fez o projeto! Aí depois que a gente descobriu [...] a maioria do povo foi contra ele, ninguém quer realmente o cemitério aqui, ninguém quer! Aí ele riu quando ele veio falar pra mim: – “Ah Oscar, eu não quero isso não! Ah para com a tua saliência! Ah eu não quero esse negócio... Já quero morrer e me enterrarem aqui, não tem nem graça! Eu quero é ir pra Curuçá!” Aí ele disse: – “Não, sabe o que a gente faz Lúcia? A gente roda, roda, roda contigo até dá os 5 km, aí a gente te enterra”. Aí eu disse: – “Eu quero mesmo ser enterrada tonta!”<sup>56</sup>

A amizade de Seu Oscar com Ana Lúcia era muito grande e antiga, ele era amigo do pai dela. Ela fala de forma alegre desse grande amigo e companheiro de conversas e Fretes, o Seu Oscar era querido em Abade por ajudar a todos, inclusive doando caixões para os mais necessitados. Encontrei-o em alguns Fretes, falou-me de seu projeto de construção do cemitério em Abade porque “O São Bonifácio está cheio e daqui a pouco não terá lugar para ninguém, mas o povo gosta da festa, é difícil então!”<sup>57</sup>.

FIGURAS 70 e 71: A alegria e a solidariedade de Oscar Araújo acompanhando Fretes de amigos em 2012.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2012.

Oscar Araújo sempre alegre, participativo e humilde em seus passos, acompanhou e ajudou muitos Fretes de amigos comprando o caixão de muitos, bebendo, brincando, sempre

<sup>56</sup> Depoimento de Ana Lúcia Farias. Entrevista realizada em: 23 fev. 2013.

<sup>57</sup> Fala de Oscar Araújo durante um Frete em 2012.

era uma figura notada nos Fretes. Nas lembranças de Erotíldes Saraiva<sup>58</sup>, chegou a Abade com uma sanfona nas costas, fora morar com a família de Maria Amaral e sempre esteve presente nas festas populares da comunidade, fazia a festa de Santos Reis. Era cearense da cidade de Bela Cruz, nascido em 22 de março de 1938, saiu da sua terra natal aos 16 anos porque queria trabalhar, foi com uma família para Belém, depois Bragança e sua última parada foi Curuçá. Depois de 22 anos voltou à sua cidade e reencontrou a mãe, que não o reconheceu e soube que o pai já era falecido. Oscar Araújo faleceu aos 74 anos, deixando a viúva, cinco filhos e netos.

Cecília Araújo, a viúva, é professora aposentada, nascida em São Caetano de Odivelas-PA<sup>59</sup>, conheceu-o quando ela tinha 26 anos, conta que após o falecimento do pai, envolveu-se com um rapaz que pensou ser o amor de sua vida, porém depois que nasceram seus filhos Bruna Graciela e Daniel dos Santos, houve a separação. O Seu Oscar um dia a procurou, revelou a admiração e amizade que sentia por ela, pediu-a em namoro, questionamentos vieram, mas disse à mãe que o respeitaria. Passados seis meses Cecília o comunicou de sua decisão e que levaria os filhos; a surpresa foi saber que para a oficialização do casamento só faltava levar a certidão ao cartório Cordovil Couto, em Curuçá. Casaram-se em 10 de maio de 1986, viveram 26 anos muito felizes, “O Oscar foi pai, amigo”<sup>60</sup>, diz a viúva. Do casamento nasceram os filhos Oscenir Araújo e Oscar Júnior.

Oscar Araújo não fazia distinção entre filhos biológicos e enteados, tinha uma grande afinidade com o Daniel dos Santos, que por “advento” da hospitalização do pai, deixou o emprego em Pouso Alegre - Minas Gerais e voltou ao Pará. Na manhã do dia 11 de janeiro de 2013, Oscar fez o café da manhã, sentiu uma forte dor de cabeça e chamou pela esposa, levaram-no para o hospital rapidamente e só dizia que o mundo estava girando. Ficou internado no Hospital Porto Dias, em Belém por 11 dias, mas depois da internação a única reação que teve foi com a chegada do Daniel, apertou a mão do filho e chorou. O médico explicou que quando houve o Acidente Vascular Cerebral (AVC) ele estava consciente, Cecília acredita que isso se deu por sucessivos acontecimentos: a morte de dois irmãos e dois cunhados em 2012, além da idade e, posteriormente no hospital, houve a descoberta de um dos rins comprometido.

O que me fortalece é que ele partiu na hora certa, sabe porque eu tenho muita fé em Deus e orei muito. Pedi pra Deus que se fosse pra ele voltar pra casa vivo, que ele

<sup>58</sup> Professora aposentada e rezadeira católica da povoação São João do Abade.

<sup>59</sup> Município distante 113 km de Belém.

<sup>60</sup> Depoimento de Cecília Araújo. Entrevista em: 23 fev. 2013.

desse força pra ele, MUITA FORÇA e a cada dia ele reagisse [...] essas foram as minhas primeiras orações... Depois eu já pedi: – “Se for pra ele voltar que tu fortalece ele e a nós, porque estamos também sofrendo muito, que seja feita Senhor a tua vontade e não a minha! E no momento da partida dele eu só quero que tu me dê um sinal, porque eu preciso saber! Ele foi uma pessoa muito boa aqui na Terra, muito boa mesmo e da minha vontade eu não queria que ele partisse ainda, mas como nós... viemos pra esta Terra e com a missão de depois voltarmos ao Pai. Então eu te peço que se for pra ele voltar, seja a hora dele... Está tudo em tuas mãos!” E a partir daí fui me fortalecendo e soube que ele estava partindo... E justamente às 2h30, já do dia 22 foi a hora que ele partiu, foi a hora que ele me deu o sinal... O sinal que ele me deu foi uma lembrança muito forte... E eu senti que ele estava partindo<sup>61</sup>.

Cecília Araújo me falou da sua grande fé em Deus, das conversas e pedidos que fez em oração pela saúde do marido, emocionada relembra o momento da partida do marido e que ao receber o telefonema do hospital dizendo que o óbito aconteceu às 8h, soube que o horário correto fora às 2h30min da madrugada, pela forte lembrança que teve. O corpo de Oscar Araújo chegou a Abade por volta das 20h30min do dia 22 de janeiro, a casa foi invadida por amigos e parentes. Fui pega de surpresa com a notícia do Frete, soube do horário da chegada do corpo, mas não sabia o que fazer, fiquei pensando que iria ver o corpo morto de um pesquisado que se tornou meu amigo. Cheguei ao velório à meia noite, quando vi o Seu Oscar no caixão foi um choque e lhe perguntei: – “Por que o senhor fez isso com a gente?” tive um sentimento de tristeza e decepção por não conseguir saber tudo que ele queria me dizer sobre o projeto de construção do cemitério na povoação, fiquei me perguntando sobre o porquê de não conseguir ouvir o que ele queria me dizer e perder um amigo.

A primeira vigília foi à meia-noite, a viúva e os filhos estavam recebendo as visitas, a Ana Lúcia já havia tomado conta da cozinha junto com a equipe frete; as comidas foram feitas e servidas: mingau de milho e arroz, vatapá, sopa, cozidão de carne, arroz com galinha, peixe assado, suco de maracujá, bolo, café com biscoitos e torradas. O Oscar já havia dito à Ana Lúcia como queria o seu Frete e a única lembrança que passava na cabeça da viúva era: – “A Lúcia sabe!”. O traslado de Oscar tanto para ir, quanto para vir de Belém e os serviços funerários foram pagos com ajuda da Câmara Municipal de Curuçá, amigos e prefeita da cidade. A viúva diz que não se lembra de muita coisa do velório, apenas que foi muito bonita a demonstração de carinho dos amigos do Oscar, que todos ajudaram, a família ficou apenas recepcionando as pessoas e sendo confortada.

Às 13h30min do dia 23 de janeiro aconteceu a celebração de corpo presente, realizada por um diácono e dois ajudantes, enquanto isso, em frente ao velório, a Dona do Frete pedia a coleta para comprar as bebidas, a cada colaboração o povo comemorava. A equipe frete

---

<sup>61</sup> Depoimento de Cecília Araújo. Entrevista em: 23 fev. 2013.

conversava em código: – “Ela quer frutas, mas não pode ser fruta de pobre, manga, jaca, nem pensar!”, referiam-se a uma pessoa que passou o velório “querendo aparecer”. Ouviam-se frases como “Vai dar uma forra!”, “É um momento histórico!” (para aqueles que não eram acostumados a dar coleta), a Ana Lúcia dizia: – “O Oscar não era pobre, nem chorão, pra ti não dar coleta!”. Foram coletados mais de R\$300,00 que compraram 13 garrafas de Vodca, 25 garrafas de 51 (cachaça), 38 garrafas de vinho, dois pacotes de cerveja e cinco caixas de fogos.

O povo chegava de ônibus, a pé, carro, moto, em bicicleta para acompanhar o cortejo, as pessoas estavam vestidas com roupas leves, bonés e levavam sombrinhas para aguentar o sol na caminhada. O cortejo fúnebre saiu da casa depois das 14h30min, a Lucinha, cunhada do Oscar, falou para o povo que não queria “esse negócio de apito”, que não era da tradição. Uns lá na frente brigavam porque diziam que o caixão iria no carro, a Dona do Frete foi chamada para resolver o problema, mas como ela falou que o corpo iria nos braços do povo, com os corpos frete, acabou a confusão. O cortejo seguiu para a praça em frente à igreja São João Bosco, praça feita por Oscar quando vereador. O caixão seguiu com os pés para a rua, assim como fica na casa, durante o velório, a Ana Lúcia diz que aprendeu com a mãe, que sempre disse fazer parte da tradição e sobre essa tradição da posição do morto, vemos o que diz um livro que fala da Bahia do século XIX.

[...] a posição correta do cadáver no espaço do velório era receita certa de eficácia simbólica: “sempre com os pés voltados para a rua e quando é carregado no fêretro conserva-se a direção. Sai para a sepultura com os pés, ao inverso de como veio ao mundo” (Casculo). Toda uma simbologia de espaço e movimento, assegurando a passagem do defunto para o território da morte [...] (REIS, 1991, p. 130)

A posição do morto é eficácia simbólica registrada em um livro que fala do cotidiano de rituais fúnebres no século XIX, é o que verificamos *in loco* durante o Frete. Vi a preocupação em levar o morto com os pés para rua, contrário ao do nascimento que é com a cabeça, mesmo nos Fretes que vêm de barco, o corpo sempre aparece nessa posição, o que caracterizam como tradição. O cortejo segue e os primeiros aplausos foram na praça em frente à igreja – uma bela imagem de sua última caminhada para ver a frente da povoação do Abade e o mar. Gritavam: – “Pisa no freiu!” e mudavam os quatro homens que carregavam, muitas pessoas esperavam emocionadas a passagem do cortejo, algumas filmavam, fotografavam, outros comentavam a presença de pessoas querendo mandar no cortejo, sendo que “nem deram valor no Oscar em vida”. A segunda vez de aplausos foi em frente à Escola Municipal

“Oscar Araújo” – Biblioteca, local de sua antiga escolinha; a terceira vez acontece em frente ao Clube de Mães, que ele muito ajudou.

O cortejo segue e as mulheres gritam: – “Vai divagar!”, pois muitos idosos não estavam conseguindo acompanhar, mais aplausos em frente à Escola Estadual Júpter Maia. Uns perguntavam pela cachaça, sendo que já estavam com o tira gosto nas mãos, algumas carambolas<sup>62</sup>, alguém fala no meio da caminhada: – “Já estão pedindo par ou ímpar para pegar no pau<sup>63</sup> do Oscar”. Os primeiros fogos são ouvidos, o povo vibra, as motos começam a buzinar, é a vez dos aplausos na Praça dos Santos Reis, a 1,2 km de cortejo: – “É isso aí Oscar!”, o povo grita. A equipe frete distribui a bebida, outros dão cajarana<sup>64</sup>, como tira gosto, ouve-se o apito, há muita disputa entre os homens para levar o caixão, sendo uma honra levar o amigo pela última vez.

Alguns homens “encarnam” em outros: – “Menina bebe vinhuu!”, dizendo que vinho é a bebida das mulheres. Carros que vêm em sentido contrário ao cortejo são desviados, as mulheres vêm juntas, bebendo vinho, em frente à sede do Bragantino<sup>65</sup>, mais fogos. As pessoas esperam na PA-136 para acompanhar o Frete, a visão é de um mar de gente, muitas sombrinhas e muitos homens fortes na frente do cortejo. Os filhos do Seu Oscar me cobram que eu carregue o caixão e respondo que só no Ponto da Mangueira, eles seguem bem próximo ao caixão e o Oscar Júnior comenta: – “Muita festa, ele merece!”.

---

<sup>62</sup> *Averrhoa carambola*, da família das *oxalidaceae*, originária da Índia, sendo muito conhecida na China.(Disponível em: [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org). Acesso em 27 maio 2013). Do seu fruto, em Curuçá, é feito sucos ou é consumido *in natura*.

<sup>63</sup> Forma bem humorada de se relacionar no momento do Frete, nesse caso uma metonímia em que o “pau do Oscar” é o caixão do Oscar.

<sup>64</sup> *Cabralea cangerama*, fruto encontrado na região norte e nordeste do Brasil, possui uma casca dura e se assemelha a uma manga pequena. É da família do Cajá, seu sabor é ácido se consumido *in natura* (disponível em: [www.weblaranja.com](http://www.weblaranja.com). Acesso em 27 maio 2013)

<sup>65</sup> A sede do Bragantino foi fundada por pessoas nascidas em Bragança-PA que residem em São João do Abade, sede que realiza famosos forrós – até fora de época.

FIGURAS 72, 73 e 74: No cortejo corpos frete com o corpo fretado, os filhos de Oscar Araújo e o povo atravessando a ponte do Abade. Povoação São João do Abade, Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia e imagens extraídas de filmagens feitas pela autora, 2013.

A Ana Lúcia também vem próximo ao caixão para ver se estão cumprindo o roteiro, as regras do Frete, ela passa conversando com o apito na boca: – “Ele pediu pra eu fazer e ninguém vai me impedir de fazer!”. As motos buzina muito passando da ponte e um rapaz faz uma confusão perguntando onde estavam as mulheres para carregar, que elas eram muito devagar, que era a vez da mulher. O povo olhava pedindo uma atitude, a Ana Lúcia interfere dizendo que não era alí que as mulheres pegavam que ele não sabia o que acontecia no Frete e queria mandar, depois da discussão ele se afastou do caixão, seguiu só fotografando e filmando.

Depois da ponte, a Ana Lúcia olha para um lado e outro, não vê o seu companheiro Oscar, percebe que o Frete é o dele, ela chora muito e é amparada pela Lucinha. Cena inédita! Foi o dia que a Dona do Frete chorou. A Ana Lúcia chorou ao lembrar do Oscar após a ponte, que por ser idoso ele iniciava o cortejo em Abade depois subia no ônibus que acompanha o Frete, passando a ponte ele descia para carregar o morto, seguir o Frete, era o momento de reencontro entre o Oscar e a Ana Lúcia. Na correria perdem-se sandálias, as mulheres se derramam vinho, algumas pessoas estão em frente às suas casas e distribuem água para quem está no cortejo. Chega a Parada da Mangureira, muitos fogos no céu de Curuçá para passagem do Oscar Araújo, as mulheres disputam o caixão, em frente ao terminal rodoviário carreguei o caixão, foi um voto de confiança em mim e responsabilidade de carregar um amigo; naquele momento fiz parte dos corpos frete levando um corpo fretado. A disputa entre as mulheres era muito grande e diziam: – “Alinha, alinha, tá cu de calango!”, ou seja, o caixão estava torto.

FIGURAS 75 e 76: O cortejo fúnebre segue para a Câmara Municipal de Curuçá.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias da autora, 2013.

Próximo à Avenida Sete de Setembro, as motos tomaram a frente do cortejo, depois o povo, bicicletas, carros e ônibus. O corpo fretado de Oscar Araújo chega pela última vez à Câmara Municipal de Curuçá, em meio a muitos aplausos, fogos e gritos: – “Oscar,Oscar, Oscar!”. Em uma interação coletiva, o comportamento abadiense é espetacular, visualizando a definição de *espetacular* dada por Jean Marie Pradier (1999, p. 24) “por espetacular deve-se entender uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar...”. Na rua o povo grita, chora, aplaude e entrega o corpo fretado que é recebido e carregado pelos vereadores. Um popular reclama: – “O Alcir que era um simples empresário, vocês deram sete dias de luto”, referindo-se aos três dias de luto que a Prefeitura decretou pelo falecimento do Oscar Araújo, um ex-vereador, perguntava ainda: – “Cadê a bandeira do município pra colocar no caixão do cara?”. Alguns familiares organizaram uma fila à direita do caixão para darem adeus ao ex-vereador, a Câmara estava toda arrumada para recebê-lo, os velhos amigos da cidade se despedem.

FIGURAS 77, 78, 79 e 80: A espetacular chegada do caixão à Câmara.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografia e imagens extraídas de filmagens realizadas pela autora, 2013.

O povo vibra com a última presença de Oscar Araújo na Câmara Municipal de Curuçá, eles gritam, aplaudem, chamam pelo nome dele, choram, brigam alcoolizados, o mar de gente chega ao centro de Curuçá com toda a espetacularidade que está na rua. A sessão da Câmara foi aberta pelo presidente da casa, o vereador Jefferson Miranda, os discursos foram proferidos por Denise Souza (vereadora), Manoel Paulo (ex-prefeito de Curuçá), Márcio Lobato (vereador), Gleidson da Rocha (vereador), Joaquim da Luz (vereador), Evandro Macedo (vereador), Graça Modesto (vereadora), Antônio Ramos (vereador), presidente do partido do Oscar, Antonio Neto (Pacova) (representante da família enlutada) e Joel Lima (vereador).

Senhor Oscar Pedro de Araújo, mais conhecido como Oscarzinho. Nascido na cidade de Bela Cruz- Estado do Ceará, no dia 22 de março de 1938. Chegou ao Estado do Pará, ainda moço. Em Curuçá, começou a residir no povoado de São João do Abade, lugar onde conheceu sua alma gêmea, a professora Cecília dos Santos

Araújo e passou a constituir sua bela e maravilhosa família e teve como filhos Bruna Graciela, Daniel, Oscenir e Oscar Júnior.

Oscar Pedro de Araújo foi vereador por quatro mandatos consecutivos, na Câmara Municipal de Curuçá, chegando ainda a presidir esse importante poder público municipal, por um biênio. Entendemos que ao longo dos séculos de existência da humanidade, poucos homens como o Oscarzinho viveram na órbita terrestre, uma pessoa dedicada a ajudar e atender ao próximo. Quantos ele estendeu a mão prestativa para dar um apoio significativo? E ao mesmo tempo, faltou um básico para a sua família? O vereador Oscarzinho não fazia política assistencialista como rotulam alguns que se acham sábios, o querido Oscarzinho praticava a caridade, mãe de todas as virtudes. Considerando que a amizade e o respeito entre as pessoas significa uma enorme árvore [...] que é plantada e cuidada ao longo de nossa existência, foi levando em consideração que são as pequenas ações e detalhes, é que se observa um grande homem.

O primeiro céu dos homens na face da Terra deve ser o lar de cada um e cada membro, desta família, deve se amar reciprocamente, desta forma, a família de Seu Oscarzinho, que o amou em vida com muita dedicação e carinho, tenha hoje a certeza que a família cresceu muito mais, com a inclusão de toda família curuçaense. Todo ser humano, por mais capacitado e experiente que seja, ainda não está preparado para a vida sem um corpo, isto é, a vida espiritual, apesar de termos consciência de que o pó voltará ao pó, que o espírito voltará ao espírito. Que Deus, na sua bondade infinita, possa olhar carinhosamente pelo amigo desencarnado, colocando-o em algum lugar.

Então essa aqui será certamente, uma ação apresentada ao Poder Legislativo para homenagear o companheiro Oscar Araújo, esse grande ser humano, que passou pela face da Terra e que escolheu para amar o Abade e Curuçá e o Poder Legislativo também... [interrompido pelos aplausos, do povo que estava na Câmara] Dona Cecília, o Poder Legislativo, na próxima sessão, para eternizar o nome do nosso companheiro Oscar Araújo, na história do nosso município, nós iremos, coletivamente, apresentar um projeto de Lei para tornar a Avenida Paes de Carvalho, Avenida Oscar Pedro de Araújo... [interrompido por muitos aplausos, lágrimas – inclusive minhas – e gritos do povo] Eternizando o nome deste grande homem, que foi Oscar Pedro de Araújo. Muito obrigado.

Discurso do vereador Joel Lima em homenagem ao ex-vereador Oscar Araújo, na Câmara Municipal de Curuçá em 23. 01. 2013.<sup>66</sup>

O discurso do vereador Joel Lima é carregado de passagens religiosas para falar da vida de um cearense que escolheu Abade para viver e amar. A fala do vereador faz um percurso pela vida familiar, social, política de Oscar Araújo e no final de seu discurso anuncia que os vereadores apresentaram um Projeto de Lei para que a Avenida Paes de Carvalho passe a ser Avenida Oscar Pedro de Araújo, notícia que foi recebida, naquele momento, com grande alegria e euforia por quem estava na Câmara Municipal de Curuçá e já no mês de novembro do mesmo ano, recebe muitas críticas pela troca do nome de uma Avenida centenária.

---

<sup>66</sup> Apesar de ter todos os discursos na íntegra, escolhi o do vereador Joel Lima por dar uma abrangência da vida política e social de Oscar Araújo.

FIGURAS 81 e 82: O caixão de Oscar Araújo sai da Câmara. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, imagens extraídas de filmagens realizadas pela autora, 2013.

Enquanto acontecia o discurso do representante da família enlutada, o povo fora da Câmara gritava para devolverem o corpo fretado do Oscar, para seguir o cortejo. O presidente da Câmara Municipal de Curuçá encerrou a sessão com um discurso de agradecimento: – “[...] a brevidade da vida nos faz despertarmos num momento como este... citando o Apóstolo Paulo que Oscar combateu o bom combate, cumpriu a carreira e guardou a fé”. Na saída da Câmara, o povo em alvoroço recebe o corpo fretado do Oscar com aplausos e gritos: – “Oscar, Oscar, Oscar!”. As mulheres reclamam: – “É a vez da mulhé, é da mulhé!” e tomam conta do caixão, um homem tenta pegar o caixão e é repreendido: – “Tu é mulhé, é?”. Os fogos voltam, junto com as buzinas, mulheres brigam para pegar o caixão, elas querem demonstrar o quanto o Oscar era querido e amigo de cada um que o acompanha em sua última passagem por aquele lugar.

FIGURAS 83, 84, 85 e 86: O sepultamento de Oscar Araújo. Curuçá-PA





Fonte: Pesquisa de campo, fotografia e imagens extraídas de filmagens realizadas pela autora, 2013.

Em frente ao cemitério, as mulheres entregam o caixão aos quatro homens que o tiraram da casa, seguindo a tradição. Ouvem-se muitos aplausos e fogos, as pessoas entram no cemitério com flores, chegando ao local do sepultamento as pessoas ficam ao redor, em cima de túmulos e alguém pede que se afastem: – “Agora é o momento da família!”. A esposa e filhos conversam com ele, os discursos chegam do Grupo da Terceira Idade: – “[...] no dia 6 de janeiro, a Folia de Reis vai continuar e teus filhos vão acompanhar! [...]”, dos amigos, parentes, populares e admiradores, pessoas que falam em nome das famílias bragantinas, curuçaenses...

A Dona do Frete se despede com muitas lágrimas e diz que foi feito o que ele queria, o povo canta: – “Ainda se vier noites traiçoeiras, se a cruz pesada for Cristo estará contigo, o mundo pode até fazer você chorar, mas Deus te quer sorrindo [...]”<sup>67</sup>. O filho Daniel dos Santos se debruça no caixão, o povo canta: – “com minha mãe estarei, na Santa Glória um dia, junto à Virgem Maria no céu triunfarei [...]”<sup>68</sup>. Em meio ao povo cantando, o corpo é sepultado, são jogadas flores e terra, as lágrimas cortam as vozes. Enquanto ornamentam a sepultura de Oscar Araújo com as coroas de flores em sua homenagem, os amigos e vizinhos lembram as histórias de sua vida (quase sempre hilárias):

Oscar, amor, tu deixa de pagar a nossa energia, para pagar a energia dos outros. Bonito pra tua cara, nós aqui no escuro! [interrompido por muitas gargalhadas] O povo está comentando que tem que colocar o currículo lá na Cecília [gargalhadas]. Falam mal do Abade, mas pra enterrar os outros, é na hora! [risos] O pessoal é tão

<sup>67</sup> *Noites Traiçoeiras* música que ganhou fama na voz do padre Marcelo Rossi e do grupo Anjos de Resgate. A autoria da música é reclamada pela cantora piauiense Marinalva Santos, que teria feito a música em 1999. Contudo a autoria é reclamada desde 2006 por Carlos Papae, cantor mineiro, que apresenta um vinil de 1986, cuja música teria sido composta em 1985. (Disponível em: [www.cidadeverde.com](http://www.cidadeverde.com). Acesso em 20 maio 2013).

<sup>68</sup> Canto tradicional religioso.

bom pra enterrar os outros, que amanhã já tem outro Frete. Gente que é boa é assim, gente que é mal, a gente enterra de cabeça pra baixo! O Oscar é tão esperto e pé de pano<sup>69</sup>, que ele era, que levou uma mulher com ele.<sup>70 71</sup>

O final do funeral foi marcado pela alegria do Oscar, muitos amigos queriam homenageá-lo lembrando da ajuda que ele dava para os mais necessitados, mesmo deixando a família dele sem energia elétrica ou esperando pela comida que nunca veio; histórias engraçadas que ligam os amigos em rodas de conversas para falar do cotidiano do Abade. Muitos continuaram após o sepultamento olhando o túmulo. O povo colocou as flores, agradeceu ao vereador Jefferson Miranda<sup>72</sup> e todos abraçaram a família. No dia seguinte acompanhei às 18h30min, o Terço do Morto, que durou os seis dias, a Missa de Sétimo Dia aconteceu no dia 28 de janeiro às 9h na igreja São João Bosco, em Abade. Muito emocionada, Ana Lúcia ficou no último banco. Encostada na parede, eu ouvia o padre falando sobre a brevidade da vida e me lembrava dos sorrisos do Seu Oscar, os passos ligeiros dele e o respeito com que sempre me cumprimentava: – “Oi, professora!”.

FIGURA 87: Folheto da Missa de Sétimo Dia de falecimento de Oscar Pedro Araújo.

<p><b>Missa de 7º Dia de falecimento</b></p>  <p><b>Oscar Pedro de Araújo</b> *22/03/1938 † 22/01/2013</p> <p>“Não chores; eu vou para Deus, mas não esquecerei àqueles a quem amei na terra” (Santo Agostinho)</p>	<p><b>Se hoje estivesse conosco certamente diria:</b> “Combati o mal com o bem. Fui feliz ao lado de minha querida esposa e de meus filhos.</p> <p><b>Deixo os meus familiares em harmonia, compreensão, paz e sobretudo Amor.</b></p> <p><b>Com alma serena, plena de alegrias, começo uma nova existência”</b></p> <p><b>Saudades eternas de sua esposa, filhos, netos e familiares</b></p>
--	---

Fonte: Folheto distribuído pela família Araújo em 28/01/2013.

Certamente Abade perdeu um grande homem que deixou uma imensa família cheia de saudade, o que ficou foi o seu trabalho, solidariedade, amizade e alegria. “A vida, se bem empregada, é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de importantes tarefas [...]” (SÊNECA, 2012, p. 26), a vida longa deste abadiense de coração que edificou sua vivência com ações solidárias, Oscar Araújo soube viver, soube fazer amigos! Foi o maior Frete que vivi!

<sup>69</sup> Expressão utilizada por abadienses para designar amante.

<sup>70</sup> Referem-se à vizinha de Oscar Araújo que faleceu no dia 23 de janeiro de 2013.

<sup>71</sup> Falas de um rapaz conhecido em Abade como Buré.

<sup>72</sup> Vereador conhecido como “Tarrafa”, muito popular em Curuçá, que foi muito prestativo com a família de Oscar Araújo, desde o transporte para Belém até o custeio do enterro.

---

#### 4. CONSIDERAÇÕES DE UMA MUDANÇA

---

No dia 25 de dezembro de 2013, voltando para Curuçá, depois de passar o Natal com os meus familiares em Icoaraci, um caminhão atravessou na frente do meu carro, depois de algumas tentativas, não consegui ultrapassá-lo. Resolvi ver que caminhão era este, nele estava escrito FRETE, em cima do mesmo tinham várias coisas: cama, guarda-roupa, estante, armário de cozinha, cadeiras, colchão e um cachorro. Olhando para aquela mudança, refleti sobre a minha mudança de casa e concepção de morte; a de estado e casa do morto; de comportamentos no velório, rua, campo santo, pois em um frete só levamos o essencial: nós e algumas coisas.

O Frete do Abade passou por mim no ano de 2010, era o anúncio de uma mudança, que se concretizava na rua, para quem era levado à nova casa, num rito de passagem para o morto, quem o transportava, quanto para quem assistia a passagem do funeral. Eu que considerava a morte como selvagem, com velórios cheios de tristeza, choro, desespero e luto. Com as exéquias em capelas, o morto não tem direito de voltar para casa, ele em outra condição, não pertencia mais àquele lugar. Falecia em hospitais, isolado, sozinho, com o traslado do corpo em carros funerários, sepultado em cemitérios-parque, só com uma placa mínima indicando nome, nascimento, morte e a numeração da sepultura sem frases, carinho, individualidade.

Foi o meu rito de passagem, primeiro o susto, pois quando o Frete passa, ele não irá dizer o que é, e sim encontrarás a concepção de morte em que habitas. Estando na Morte Selvagem, podes vê-lo como bagunça, desrespeito para com os familiares e o morto. Na Morte Domada, podes achá-lo diferente, divertido, podendo até participar da alegria que foi a vida daquele que é levado para a sua nova morada. Conhecendo as simbologias de sua religião católica ou evangélica e suas crenças, podes pensar que é alegre aquele trajeto, pois o que importa é a preparação do ser em vida. Não conhecendo o que rege sua religião, podes achar que os abadienses estão comemorando a morte daquele que levam ao cemitério.

Em mudança, caminhei para outra concepção de morte, enfrentei meus medos, fui a velórios, conversei com a família do morto – naquele momento éramos uma comunidade, mesmo eu morando antes da ponte. Conversar, comer, ver o morto e não imaginá-lo em decomposição, foi difícil! Acompanhar o cortejo filmando e fotografando que pensei ser uma ofensa, contudo para os abadienses era uma honra, indicando que o falecido era muito querido, até famoso. Enquanto o percurso era de 5km, eu percorria 7km filmando todo o trajeto, correndo para o início fotografava, ia, voltava, sofrendo dores físicas, insolação e

cansaço. Enquanto que homens com corpos trabalhados no dia a dia em suas profissões de pedreiro, carpinteiro, gari, pescador, carregavam o morto e tinham como aliados poderosos a cachaça e o vinho para amortecer o corpo, esquecer-se da separação, dar alegria e criar euforia.

No funeral em São João do Abade há divisões: no velório, a tristeza e alegria dividem as orações, comidas, jogos de baralho e dominó. Segundo João Reis (1991) a distribuição de comidas e bebidas são hábitos que herdamos de Portugal e África para recebermos os parentes que ajudarão o morto a passar a noite. O cortejo fúnebre na rua, o espaço da embriaguez, alegria e no cemitério, o campo santo e nova morada. Regras para a boa condução do morto em que homens e mulheres dividem o trajeto e as bebidas. Os quatro homens que iniciam, terminam o cortejo. O caixão sempre é direcionado ao lado contrário a que nascemos. Brigas, embriaguez excessiva e entrada com bebidas no campo santo é motivo de suspensão por dois Fretes. Se a família do falecido (a) não autorizar o povo a levá-lo (a), não tem Frete, há um enterro só com os parentes, os outros ficam amuados (chateados) e bebem o que foi coletado para o cortejo.

O marco divisório de gênero no cortejo é o Ponto da Mangueira, momento da mulher que tem força para levar o morto, gritar, brigar com os homens que tentam interferir em suas conquistas, além do comando de todo o Frete ser delas, com a Ana Lúcia Farias auxiliando o abadiense na morte, ela é a Dona do Frete. Ela utiliza um apito que é o símbolo de comando através de silvos para acabar com as transgressões às regras coletivas, ajudando os corpos frete que se esforçam em carregar o corpo fretado até o cemitério, local para isolar a morte longe dos abadienses, indicando um ponto de Morte Selvagem da povoação.

Na pesquisa, busquei compreender o Frete através da origem do município de Curuçá, lidando com a área de História, tornando-a aliada neste momento, fazendo uma interface com Artes. Em documentos centenários, descobri que o município presenciou o Funeral Barroco com cortejos fúnebres acompanhados por párocos e Cruz da Fábrica, sepultamentos realizados no Adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Curuçá no século XIX, que mesmo sendo uma sociedade pequena e interiorana, participou de costumes vigentes no Brasil e Europa, que tem em seus registros de óbitos a presença de africanos escravizados, índios e relações inter-raciais (cafuzos, mamelucos); vivências antes das Leis Áurea, do Ventre Livre e Política Higienista.

Em bibliografias, conheci a origem de Curuçá como missão jesuítica, possibilitando olhar para Igreja de Nossa Senhora do Rosário e verificar a disposição espacial das missões. O que precisou de um pouco mais de aprofundamento na história, foi encontrar a presença das

Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e Sam Benedito, cuja documentação está no Arquivo da Sociedade Cinco de Agosto na Cidade de Vigia de Nazaré, pois Curuçá pertenceu a esta cidade e freguesias, o que mostra ser necessário conhecer como se deu o início do município pesquisado para encontrar documentações, que nem sempre estão presentes nesse lugar, mas em lugares a que pertenceram.

O Frete distrai o participante da dor ao mesmo tempo convida todos a participarem deste momento, celebra a vida, tentando esquecer a ausência, assemelhando-se assim ao Funeral Barroco, trazendo vestígios de uma cultura que existiu em Curuçá no século XIX. A organização do funeral pela Dona do Frete, equipe frete e corpos frete, em que cada um tem sua função no funeral para com a solidariedade de seus irmãos abadienses, dando um auxílio na morte, uma espécie de ajuda funerária, caracteriza a organização do Frete em uma Irmandade reconfigurada no século XXI. Os acompanhamentos da Ana Lúcia aos enfermos que pedem a ela que trate de seus corpos mortos e organize os seus funerais, caracteriza a volta do testamento, agora sendo oral, testemunhos que são gravados e ditos na frente de familiares para que a vontade do morto seja cumprida, sendo esta sua última satisfação.

Através de depoimentos dos donos e funcionários de funerárias curuçaenses, foi possível conhecer os rituais fúnebres do Município antes da chegada das mesmas. Rituais que envolviam a confecção do caixão roxo por marceneiros e familiares do falecido, simbologias da morte, paramentos religiosos, conhecimento de funerais das localidades do Município e comportamentos em que há a predominância da Morte Selvagem que afasta munícipes destes estabelecimentos que comercializam serviços na vida e morte de seus sócios. Morte Domada para alguns que brincam com esses trabalhadores, chamando-os de “rasga mortalha”, tratando-os como anunciadores da morte.

A Etnocologia me proporcionou uma lente para olhar o Frete, através de estudos sobre *Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados* (PCHEO), auxiliou-me a ver o fenômeno através de seus participantes, nome dado por eles ao evento: *Frete* e a inauguração de um papel social que só existe na Povoação São João do Abade, a *Dona do Frete*, papel social estudado no terceiro subgrupo das PCHEO. Que me leva a observar os corpos alterados no cortejo, suados, ligeiros, fortes, altivos que ganham mais força a cada gole de cachaça, criando uma euforia generalizada, a Espetacularidade do abadiense na rua, espaço para a consciência clara do olhar do outro, interagindo reflexivamente em um lugar que todos podem participar, gritar, correr, dar coleta, brincar utilizando ditados populares da sociedade curuçaense e do próprio fenômeno. Fez-me refletir e propor as categorias: *equipe frete*, *corpos frete* e *corpo fretado*.

Como artista-pesquisadora-participante busquei procedimentos metodológicos que me aproximassem do fenômeno e de seus participantes. Recorri aos registros fílmicos e fotográficos para visualizar e analisar os corpos em ação. As filmagens foram de extrema necessidade para descrever o fenômeno que a caderneta de campo e as fotografias não deram conta, era necessário captar não só imagens como também as falas e as ênfases dadas pelos participantes no momento do cortejo. A caderneta de campo sempre me acompanhou nas entrevistas, no cortejo fúnebre era impossível levá-la, eu tinha que correr para registrar o momento em que os quatro homens revezavam e as mulheres assumiam o caixão. Tudo deve ser aproveitado, até mesmo o tempo curto para uma entrevista, oportunidade que não tive com Oscar Araújo, marcamos por diversas vezes e não deu certo, a morte o levou e eu que pensei que o tempo da nossa entrevista iria chegar.

Foi necessário registrar o fenômeno através de filmagens, fotografias e anotações, contudo, o mais importante foi vivê-lo, acompanhá-lo, sentir a aceitação da comunidade. Acompanhei dez Fretes, nos primeiros fiz registros visuais, depois foram sensoriais, o meu corpo sentia as dores da caminhada e corridas, o amortecimento pela ingestão de cachaça, a alegria das brincadeiras, o peso do caixão, os registros que faziam de mim no cortejo. Todavia, o Frete não estava ao meu alcance quando eu queria, como um objeto que está em um museu ou um livro na biblioteca, quando eu percebia era só o susto e a ligação de que haveria um Frete.

FIGURAS 88 e 89: A artista-pesquisadora-participante leva o caixão e fica “no bar”. Curuçá-PA.



Fonte: Pesquisa de campo, fotografias de Jadson Costa, arquivo da autora, 2014.

Conheci um pouco mais a comunidade em que trabalho, seu cotidiano entre barcos e peixes, conversas e cachaça, cortejos fúnebres e histórias. Mudei de Morte Selvagem total

para mais momentos de Morte Domada, consegui mais confiança na povoação, levando o morto após o Ponto da Mangueira, posto conquistado por mulheres “consideradas” no Abade e fiquei “no bar” com meus amigos, ex-alunos. Chorei ao perder Oscar Araújo que de pesquisado passou a ser uma figura marcada no meu coração, a amizade que se fortaleceu com a família dele, com a de Isaurina e Sérgio, o conhecimento sobre as religiões católicas e evangélicas que me tiraram de um posto de desconhecimento religioso sobre o caminhar do perecer. Ver a morte indo de barco e não refletir sobre a vida, é quase impossível, pois a minha pesquisa tratou de Morte Vivida (VOVELLE, 1996), ritos de vivos que acompanham o último percurso do jacente até o seu sepultamento.

Somos herdeiros de um conjunto de atitudes diante da morte que com o passar do tempo, modificam-se chegando ao ponto de estranhamento por parte de pessoas que desconhecem a origem e simbologias atuantes destes fenômenos. Penso em nos educarmos para a morte, onde refletiremos sobre Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados- PCHEO, como os africanos que comemoraram dançando e cantando pelas ruas da África do Sul, a vida de Nelson Mandela, o Madiba, personificação da nação africana, tornando-se um herói incomum, o último de inspiração global do século XX (GIANINI, 2013). Respeitaremos o Frete da povoação São João do Abade que o considera tradição, como o que fez Laura Cordovil ao guardar imagens do funeral do filho Salim de Sousa em 1999, lembrança fixada na memória da última estada dele com os amigos e familiares<sup>73</sup>. Mergulharemos no imaginário popular que o funeral do Abade se encontra como no conto de Adal Favacho “O dia em que Pocotó bateu as botas”<sup>74</sup>, onde todos se divertem em um Frete durante o Carnaval.

---

<sup>73</sup> Citação indireta do depoimento de Laura Cordovil, coletado em entrevista com a autora no dia 15 abril 2014 na Povoação São João do Abade, Curuçá-PA.

<sup>74</sup> Texto completo que consta no Anexo II desta dissertação.

---

## REFERÊNCIAS

---

### 01- BIBLIOGRAFIA

ARENZ, Karl Heinz. **“Fazer sair da selva”**: as missões jesuíticas na Amazônia. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

ARIÈS, Philippe. **O Homem diante da morte**. Tradução: Luiza Ribeiro. Volume II. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. **Rituais fúnebres nas Misericórdias de setecentos**. Universidade do Minho. Conselho cultural. Artigo. FORUM 41, jan-jun 2007, p. 5-22.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários**: morrer é morrer? Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.

BARBOSA, Nazaire Cordovil. **Memórias do Aprendiz de Marinheiro nº 61 de 1933-Belém- PA**. Edição do Autor, 2012.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Um léxico para a etnocenologia: proposta preliminar. In: \_\_\_\_\_. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009a, p. 33-43.

\_\_\_\_\_. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma cenologia geral. In: \_\_\_\_\_. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009b, p 89-94.

\_\_\_\_\_. Estética performática e cotidiano. In: \_\_\_\_\_. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009c, p. 123-139.

\_\_\_\_\_. Teatralidade e espetacularidade. In: \_\_\_\_\_. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P & A Gráfica e Editora, 2009d, p. 161- 168.

**Bíblia Sagrada**. Traduzida para o português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Ed. Barueri-SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2008. 1664 p.

BIRIBA, Ricardo Barreto. Os Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso: uma abordagem etnocenológica do Festival Folclórico de Parintins. In: BIÃO, Armindo (Org.). **Anais do V Colóquio Internacional de Etnocenologia**. Universidade Federal da Bahia- UFBA. Salvador: Fest Design, 2007, p. 213-224.

BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas irmandades do Rosário**. Devoção e solidariedade em Minas Gerais- Séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

BRÍGIDA, Miguel de Santa. A Etnocenologia como desígnio de um novo caminho para a pesquisa acadêmica – ampliação do modo e lugar de olhar a cena contemporânea. In: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho (org.). **V Colóquio de Etnocenologia**. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas. Salvador: Fast design, 2007, p. 199-203.

CAMPOS, Kleber Douglas Neves de. **Arte Funerária: eternização social no cemitério São Bonifácio de Curuçá/PA**. 2014. 57 f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais- PARFOR). Universidade Federal do Pará- Instituto de Ciências da Arte, Castanhal, 2014.

CATROGA, Fernando. **O culto dos mortos como uma poética da ausência**. Uberlândia. ArtCultura, v. 12, nº 20. Artigo, p. 163-182, jan-jun 2010.

CORRÊA, José de Anchieta. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008.

CUNHA, Paulo de Tarso Monteiro da. **História do Município de Curuçá**. 2ª edição. Belém: Edição do autor, 2007.

DIAS, Jeanne Almeida; ALMEIDA, Rafaela Caroline Noronha; OLIVEIRA, Rita de Cássia de Souza. **Até o túmulo: representação dos ritos fúnebres em sociedades modernas**. Artigo. ([http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CDVirtual26\\_RBA/gruposdetrabalho/trabalhos/GT%2013/rafaela%20almeida.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CDVirtual26_RBA/gruposdetrabalho/trabalhos/GT%2013/rafaela%20almeida.pdf))

DIOCESE DE BRAGANÇA-PA. **Minha semana com Deus: dicionário para os diocesanos de Bragança**. P. Carlos Verzeletti (coord.). Sétima edição, Bragança-PA, 1991.

FAVACHO, Adal. **O dia em que Pocotó bateu as botas**. Conto não publicado. Curuçá-PA, 2012.

FERREIRA, Paulo Henrique dos Santos. **Fragmentos históricos de Curuçá**. 1ª Edição, volume 1. Castanhal-Pará: Graf-Set, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos históricos de Curuçá**. 1ª Edição, volume 2. Castanhal-Pará: Graf-Set, 2005.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Escravos e senhores nas irmandades religiosas na Amazônia do século XIX**. Artigo. Amazônia IPAR, ano 3, número 5, agosto/dezembro de 2001.

FIGUEIREDO, Elida Moura. **Uma estrada na reserva: impactos socioambientais da PA-136 em Mãe Grande, Curuçá (PA)**. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais)- Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi/EMBRAPA, Instituto de Geociências, Belém, 2007.

FONSÊCA, Humberto José. **Vida e morte na Bahia colonial: sociabilidades festivas e rituais fúnebres (1640-1760)**. 2006. Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Belo Horizonte, 2006.

GENNEP, Arnauld Van. **Os ritos de passagem**. Tradução Mariano Ferreira. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

GOMES, Maria do Socorro de Araújo; SALES, Valéria Fernanda Sousa. **O conceito de Sofrimento na obra romântica de Álvares de Azevedo**. 2002. 53 f. Monografia (Graduação em Letras)- Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Castanhal, 2002.

**Harpa Cristã**. Capa, projeto gráfico e revisão Equipe CPAD. Rio de Janeiro: CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), 2001. 412p.

JÚNIOR, Reinaldo dos Santos Barros; SALES, Tatiana da Silva. **A comercialização da morte: Ritos fúnebres em São Luís do Maranhão (1725-1750)**. Artigo. Praxis- Revista eletrônica de história e cultura (ISSN 1807-3174).

Manifesto da Etnocenologia (trecho). In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. (org.). **Performáticos, performance e sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 21-22.

MARQUES, Arlinda de Oliveira & SÁ, David Maria Amorim. **Vida e Missão do Apóstolo do Salgado**. Editora do autor. Castanhal- Pará, 2010.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. **Pensar o corpo**. Tradução de Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 5ª. Ed. Belém: Smith Editora-2007.

OLIVA, Luís César. **A existência e a morte**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 05, nº 10, 1992, p. 200-212.

PRADIER, Jean-Marie. Etnocenologia. Trad. Nadja Miranda. In: GREINER, Christiane e BIÃO, Armindo (orgs). **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999, p. 25-29.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SACCONI, Luiz Antonio. **Dicionário essencial da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atual, 2002.

SALLES, Vicente. **Música e Músicos do Pará**. 2 ed. Ver. E aum. Belém: Secult/ Seduc/ Amu-PA, 2007.

SALOMÃO, Jorge. **A estética da morte**. São Paulo: Saraiva S. A., 1964.

SANT'ANNA, Sabrina Mara. **A Boa Morte e o Bem Morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721-1822)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Keila Andréa Cardoso dos. **Os Portais, o Baú, o Cavalo e o Farol: A espetacularidade na festa de São Cosme e São Damião no Terreiro de Mina Dois Irmãos**. 2012. 105 f. Dissertação (Mestrado em Artes)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém do Pará, 2012.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Sobre a brevidade da vida**. (Tradução: Lúcia de Sá Rabello, Ellen Itanajara Neves Vranas, Gabriel Nocchi Macedo). Porto Alegre: L&PM, 2012.

SOARES, Carmen; TERRA, Vinícius. Lições da anatomia. Geografias do olhar. In: **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Carmen Soares (org.)- Campinas-SP: Autores associados; São Paulo: FAPESP, 2007, p. 101-116.

SOEIRO, Antonio Igo Palheta. **Cultura Funerária na Cidade de Vigia no final dos Oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)**. Monografia (Especialização em História). Universidade Federal do Pará- UFPA. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

SUDNOW, David. **La organización social de la muerte**. Colección Analisis y Perspectivas, Biblioteca de Ciencias Sociales. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo S. A, 1971.

TURNER, Victor W. Liminaridade e “Communitas”. In: \_\_\_\_\_. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Coleção Antropologia 7. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 116-159.

VELOSO, Jorge das Graças. **O Mestre morreu**. Viva o novo mestre. Artigo. VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas 2010. In: <<http://www.portalabrace.org/vicongresso/etnocenologia/Jorge%20das%20Gra%20E7as%20Velo%20-%20O%20Mestre%20morreu.%20Viva%20o%20novo%20Mestre.%20Resumo.pdf>> Acesso em 21 dez. 2013.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza; FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. **A presença africana na Amazônia colonial: uma notícia histórica** – Belém, Arquivo Público do Pará, 1990.

VOVELLE, Michel. A História dos Homens no Espelho da Morte. In: BRAET, Erman e VERBEK, Werner (eds.). **A Morte na idade Média**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 11-26.

## 02- DOCUMENTOS:

Assembleia Legislativa do Estado do Pará. **Ofício nº 2692/SEC- 86**. Do Deputado Hermínio Calvino Filho para o Prefeito Municipal de Curuçá, 14 de agosto de 1985. Arquivo Público Municipal de Curuçá-PA.

Câmara Municipal de Curuçá. **Justificativa**. Vereador Ilio Guimarães, 12 de setembro de 1986. Arquivo Público Municipal de Curuçá- PA.

\_\_\_\_\_. **Parecer 15/84.** Comissão de legislação, Justiça e Redação Final. 28 de abril de 1984. Arquivo da Câmara Municipal de Curuçá-PA.

**Estatuto da Sociedade Beneficente “São Pedro”.** Avenida Independência, 280. Abade-Curuçá. Arquivo Público Municipal de Curuçá- PA.

Livro de registro: **Curuçá óbitos 1826-1872, nº 2** (manuscrito). Arquivo Público Municipal de Curuçá-PA.

Processo 33 L. **Irmandade de N. S. do Rosário Curuçá 1875** (manuscrito). Arquivo da Sociedade Cinco de Agosto. Vigia- PA.

### **03- ENTREVISTAS:**

**ALVES, Risalva. (Irmã Riso).** Depoimento coletado dia 17 de fevereiro de 2014. Povoação São João do Abade, Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**ARAÚJO, Cecília.** Depoimento coletado dia 23 de fevereiro de 2013. Povoação São João do Abade, Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**COSTA, José Wilson Corrêa. (Zezinho).** Depoimento coletado dia 23 de abril de 2014. Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**GALVÃO, Hairle Maia. (Irmã Hairle).** Depoimento coletado dia 23 de abril de 2014. Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**MIRANDA, Alcí Ataíde de.** Depoimento coletado dia 17 de abril de 2014. Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**NEGRÃO, Erotíldes Saraiva. (Dona Eró).** Depoimento coletado dia 22 de fevereiro de 2013. Povoação São João do Abade, Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**PINTO, Isaurina Ferreira.** Depoimento coletado dia 05 de abril de 2014. Pedras Grandes (Ilha de Fora), Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**ROCHA, Paulo Sérgio Pinto da.** Depoimento coletado dia 05 de abril de 2014. Pedras Grandes (Ilha de Fora), Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**SILVA, Ana Lúcia Farias da.** Depoimento coletado dia 23 de fevereiro de 2013. Povoação São João do Abade, Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

\_\_\_\_\_. Depoimento coletado dia 19 de setembro de 2013. Povoação São João do Abade, Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**SILVA, Isaías Monteiro da.** Depoimento coletado dia 28 de abril de 2013. Curuçá-PA. Entrevista realizada pela autora.

**SILVA, Laura Cordovil de Souza e.** Depoimento coletado dia 15 de abril de 2014. Povoação São João do Abade, Curuçá-Pará. Entrevista realizada pela autora.

**04- JORNAIS, REVISTAS:**

SILVA, Robson Willians da Costa; FILHO, Walter Malagutti. Cemitérios: Fontes potenciais de contaminação. In: **Revista Ciência Hoje**. Vol. 44, nº 263, 2009. Geologia Ambiental, p. 24-29.

GIANINI, Tatiana. Mandela, o herói incomum. In: **Revista Veja**. Nelson Mandela 1918-2013. O guerreiro da Paz. Edição 2351/ano 46/nº 50. Caderno Memória, p. 129-136.

**05- PÁGINAS DA INTERNET:**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Contagem da População de Curuçá. 2012. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150290>> Acesso em 20 de abril de 2014.

RESEX MÃE GRANDE DE CURUÇÁ. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Reserva\\_Extativista\\_M%C3%A3e\\_Grande\\_de\\_Curu%C3%A7%C3%A1](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reserva_Extativista_M%C3%A3e_Grande_de_Curu%C3%A7%C3%A1). Acesso em 04 out. 2013.

CARNAVAL DE CURUÇÁ-PA. Disponível em: <<http://setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/inventariocuruca.pdf>> Acesso em 12 jan. 2014.

HIGIENISMO. Disponível em: <<http://pt.Wikipedia.org/wiki/Higienismo>> Acesso em 06 de out. 2013.

LEI DO VENTRE LIVRE. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/esquecer-jamais/179-esquecer-jamais/15719-28-de-setembro-dia-da-lei-do-ventre-livre>> Acesso em 12 jan. 2014.

LEI ÁUREA. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/lei-aurea>> Acesso em 12 jan. 2014.

CADERNOS ANATÔMICOS. LEONARDO DA VINCI. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books/about/OS\\_CADERNOS\\_ANATOMICOS\\_DE\\_LEONARDO\\_DA\\_VI.html?id=AM00kgEACAAJ&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/OS_CADERNOS_ANATOMICOS_DE_LEONARDO_DA_VI.html?id=AM00kgEACAAJ&redir_esc=y)>. Acesso em: 28 nov. 2013.

**ANEXO I**

PARECER DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURUÇÁ SOBRE O PROJETO  
DA CONSTRUÇÃO DE UM CEMITÉRIO NA POVOAÇÃO SÃO JOÃO DO ABADE.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
ESTADO DO PARÁ  
PODER LEGISLATIVO  
CÂMARA MUNICIPAL DE CURUÇÁ

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO JUSTIÇA E REDAÇÃO FINAL

Aprovado por 7 Votos

Sala das sessões da Câmara  
Municipal de Curuçá

PARECER Nº. 15 /84

Em, 28 de Abril de 1984

Cesino C. Silva  
Presidente

Trata o presente processo de um Projeto de lei que concede autorização ao Poder Executivo Municipal, à reservar uma área de terra no mínimo de um hectare, para futura construção de um cemitério no Povoado São João do Abade.

Esta Comissão depois de estudar o projeto em referência, verificou-se ser de grande necessidade naquele povoado tal reserva

Pois o projeto encontra-se em perfeita ordem e constitucionalmente legal, razão pela qual opinamos pela sua aprovação, porém, solicitamos que seja encaminhado a Comissão / de terras, Obras e Serviços Públicos, por tratar-se de matéria de sua inteira competência; é nosso parecer.

Sala das sessões da Câmara Municipal de Curuçá, em 28 de Abril de 1984.

Eracina de Moraes Borges Presidente

Raimundo N. Soares (Lacerda) Relator

MEMBRO

Eracina de Moraes Borges  
Adalberto de L. P. Soares  
Osvaldo de L. P. Soares  
Raimundo N. Soares (Lacerda)

**ANEXO II**

**CONTO: O DIA EM QUE O POCOTÓ BATEU AS BOTAS**

**AUTOR: ADAL FAVACHO**

## O DIA EM QUE O POCOTÓ BATEU AS BOTAS

Adal Favacho,<sup>75</sup> 2012.

Em Bragança, não havia mulher que resistisse às cantadas e ao charme de Totonho. Bonitão, gostosão e garanhão, ele era o xodó das mulheres e a dor de cabeça dos maridos, que já não suportavam o falatório na cidade, numa de suas investidas, Totonho se engraçou, conquistou e “caiu” na mulher do açougueiro. Tudo ia bem, até que um dia... A casa caiu! Flagrado, levou uma surra tão grande do açougueiro, do motorista, do pintor, do padeiro, enfim, de todos que se achavam no direito de lavar a honra. Vejam só, até a Maria João baixou o cacete, cobrando uma parada errada que ele cometera contra sua namorada, coitado! Mofino, sem ambiente e correndo risco de morte vazou, sumiu, escafedeu-se de Bragança.

Encontrou abrigo na casa de uma parenta em Curuçá, lá pras bandas do Abade. Na bagagem trouxe um corte profundo no rosto e um defeito físico na perna esquerda, que ficara menor que a direita, resultado de uma surra que levou, andava “claudicando” e coxeando sem rumo e solitário pelas ruas. Resolveu afogar suas mágoas na bebida, não demorando fazer amizade com os biriteiros de plantão, que logo lhe batizaram de Pocotó. Resistiu, esbravejou, mas não teve jeito, o apelido pegou.

Largado na vida, suas cantadas já não faziam efeito, perdera a confiança e com a autoestima baixa, entregou-se de vez à cachaça. Eis que uma bela noite, sóbrio, foi com os amigos a um Baile da Saudade no Bragantino. Lá pelas tantas avistou uma gostosona: pernas grossas, bumbum arrebitado, 1,60 de altura, charmosa e dando o maior mole, Pocotó relembrou os velhos tempos, não deu outra: com dois minutos de conversa, lá estavam no maior love!

A vítima, ou melhor, a moça era Valentina das Dores, devido à altura era conhecida como Miudinha. Vidente e cartomante, fazia e desfazia trabalhos, trazia o marido de volta, amarrava o amante e outros babados do gênero. Miudinha era estrábica (vesga), o que não diminuía sua beleza, tinha um temperamento forte e também quando bebia, sofria de amnésia por vários dias. Pocotó e Miudinha viveram felizes por um longo tempo, até que as adversidades, os tempos da vida e, principalmente, as incompatibilidades corroeram o relacionamento.

---

<sup>75</sup> Artista Plástico, poeta e compositor curuçaense. É servidor público municipal; diretor da Associação Curuçaense de Artistas da Terra; diretor de Meio Ambiente da Associação Sociocultural Ambiental Pretinhos do Mangue; Secretário e Acadêmico da Academia Curuçaense de Letras, Artes e Ciências (ACLAC).

Sem conseguir realizar o sonho de Miudinha em ser mãe, Pocotó com a idade já não tinha o mesmo fogo, com isso veio o ciúme, a insegurança, a desconfiança e a certeza de que Miudinha “pulava a cerca”. Sem forças para reagir e amargurado, num certo dia conformado, confortou-se em infinitas buchudinhas noite a dentro, sentado solitário e triste no trapiche sob a luz da lua naquela fatídica sexta-feira de carnaval. Enquanto isso, Miudinha – que apesar de seus 42 anos, mantinha-se em forma – no carnaval era destaque nos salões, nos blocos e nas rodas de samba, onde se esbaldava sassaricando até alta madrugada.

No fim dessa noite ao chegar em casa chapada, por volta das 04:00 da manhã, com o casamento em crise, nem notou a ausência de Pocotó e antes que pudesse deitar, uma triste notícia chegou como uma bomba: Pocotó morreu! Desorientada, sob o efeito do álcool, correu até o trapiche e diante do finado chorou. Com a ajuda de uns “gatos pingados” levou o corpo de Pocotó para casa, colocando-o na cama dentro do quarto, fechou a casa, cansada se deitou ao seu lado e adormeceu.

Ao acordar por volta da 08:00h, ressacada e sem falar para vizinhança, foi providenciar o velório. Com dificuldade financeira, não houve acordo com o dono da funerária que se negou a vender o caixão fiado, ligou para os parentes, nada! A situação já estava ficando sem solução até que alguém se lembrou do Seu Pedro, carpinteiro e calafate que morava em Pedras Grandes e amigo de farra de Pocotó. Miudinha foi até lá, encomendou o caixão, prontamente – já de olho na viúva – Pedro não cobrou nada e prometeu entregar até às 19h, a notícia se espalhou em todos os bares, botecos e biroscas que o caixão do Pocotó só chegaria à noite.

Todos os “amigos” – de olho na viúva – fizeram uma coleta, foram até a “cidade”, tiraram a licença, contrataram o coveiro e marcaram a hora do enterro para às 08:00 de domingo, pela manhã, compraram as flores, as velas e – lógico – as buchudinhas. O carpinteiro pediu ao seu sobrinho para fazer a entrega do caixão no local e hora combinada, tudo certo! Os amigos levaram o caixão lacrado até a casa da viúva, que entre um choro e outro, tomava um gole. Colocaram-no em cima da mesa da sala, o velório não foi tão concorrido em virtude do baile de carnaval do sábado, mas contou com a presença dos chegados.

O domingo amanheceu com o tempo nublado e por volta das 06:30h deu início a última viagem de Pocotó rumo ao cemitério. Na caminhada, os amigos se revezavam na alça do caixão e nos ombros de Miudinha, que entre um choro e outro, tomava um gole. Ao cruzarem a ponte a chuva arriou, mas não intimidou o cortejo que crescia a cada instante e ao chegarem ao cemitério São Bonifácio tudo já estava pronto pelo coveiro “Chico Prego”, que

além dos Pretinhos do Mangue, sua outra paixão era a política e seu maior sonho era ser vereador.

Miudinha, mais pra lá do que pra cá, pediu que fizessem a última oração, o Padre, o Pai de Santo e o Pastor, disputaram no “palitinho” para saber quem encomendaria a alma do finado, ganhou o Pai de Santo na melhor de três e, imediatamente, pediu que abrissem o caixão. Surpresa geral: dentro do caixão só havia as ferramentas do carpinteiro, em virtude do cansaço da noite anterior, da bebedeira e da amnésia, Miudinha esquecera o corpo do defunto dentro do quarto.

\_\_\_ Isso é um sacrilégio! Disse o Padre.

\_\_\_ Vai ser o maior babado! Disse o Pai de Santo.

\_\_\_ Isso é coisa do diabo! Tá amarrado em nome de Jesus! Disse o Pastor.

Agora, o jeito era buscar de carro o corpo de Pocotó, mas os papudinhos protestaram dizendo que era contra a tradição trazer o corpo de um defunto de carro, do Abade até Curuçá, volta todo mundo a pé! Na estrada de volta até a chegada à Abade, ninguém entendeu o que estava acontecendo! Pegaram o corpo do Pocotó colocaram no caixão, começou novamente a caminhada, desta vez, com a companhia de vários mascarados (aqueles que jogam Maisena nos outros) e também uma bandinha que iria puxar o Galo do Primote na avenida. Ao som de “Eu quero tchu, eu que tcha, eu quero tchu tcha tchu...” o cortejo chegou novamente ao cemitério, o problema agora era encontrar o coveiro.

Procura pra cá, procura pra lá, localizaram Chico Prego na concentração dos Pretinhos do Mangue já fantasiado com o seu abada ecológico, cantando: “Bate palma pra mim, bate palma de novo, Pretinhos do Mangue alegria do povo...”. Mesmo bêbado, pintado de lama e contrariado, foi enterrar o defunto, mas ao saber o nome do dito se recusou, afirmando que Pocotó era do contra. Depois de muita negociação e a interferência do prefeito da cidade e, apesar de tudo, enfim Pocotó foi enterrado em paz e não faltaram abraços, afagos e consolos para a Miudinha. Num gesto de solidariedade, lembranças e saudades de Pocotó, os papudinhos e os mascarados seguiram a bandinha rumo à Sete de Setembro – de olho na viúva – cantando: “Delícia, delícia, assim você me mata! Ai se eu te pego! Ai, ai...”.

#### Atenção

Os nomes das personagens são fictícios. Qualquer semelhança com a vida real é mera coincidência!